

MARCELO VALENTE DE SOUZA

Translacados



*Sensações com a Arte para tecer a
sexualidade no Ensino de Ciências*

Belém – Pará

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

MARCELO VALENTE DE SOUZA

TRANSLAÇADOS

***Sensações com a Arte para tecer a sexualidade no
Ensino de Ciências***

Belém – Pará
2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

MARCELO VALENTE DE SOUZA

TRANSLAÇADOS

***Sensações com a Arte para tecer a sexualidade no
Ensino de Ciências***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Universidade Federal do Pará – Instituto de Educação Matemática e Científica – IEMCI / UFPA, como pré-requisito para o Título de Doutor, orientado pelo Prof. Dr. Erasmo Borges de Souza Filho.

Belém – Pará

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S719t Souza, Marcelo Valente de
Translaçados: sensações com a arte para tecer a sexualidade no Ensino de
Ciências / Marcelo Valente de Souza. — 2017
133 f. : il. color

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e
Matemáticas (PPGECM), Instituto de Educação Matemática e Científica, Universidade
Federal do Pará, Belém, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Erasmo Borges de Souza Filho

1. Ensino de Ciências. 2. Arte. 3. Sexualidade. 4. Sensações. I. Filho, Erasmo
Borges de Souza, *orient.* II. Título



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM
CIÊNCIAS E MATEMÁTICA

TRANSLAÇADOS

Sensações com a Arte para tecer a sexualidade no
Ensino de Ciências

Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Erasmo Borges de Souza Filho – **UFPA/IEMCI**

Membros

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues – **UFES (Externo)**

Profa. Dra. Elizabeth Teixeira – **UERJ (Externo)**

Profa. Dra. Patrícia do Socorro Chaves de Araújo – **UEPA (Externo)**

Profa. Dra. Ana Cristina Pimentel Carneiro de Almeida – **UFPA / IEMCI**
(Interno)

Prof. Dra. Nádia Magalhães da Silva Freitas – **UFPA / IEMCI (Interno)**

Belém (PA), 03 de Novembro de 2017.

Dedicatoria

À Educação Brasileira em especial a Educação do Estado do Pará, para que possamos provocar um deslocamento de saberes no exercício da práxis educativa.

Aos colegas educadores, professores de luta e grandiosidade intelectual, por dias melhores no reconhecimento de vosso trabalho e força diante da formação de sujeitos e cidadãos, que jamais desistiremos, seremos resistência e valorização na Educação Brasileira.

Aos professores em formação e os professores em atividade na área de Ciências Naturais e Matemática, que cresçam em possibilidades, sensações e perceptos de conhecimentos na formação dos educandos.

Aos educandos da Educação Básica e Educação Superior, corpos em trânsito do aprender-ensinar, mobilizam nossas pesquisas, estudos, perturbações e invenções para uma educação formadora e informadora problematizadora.

Agradecimentos



A Deus minha fonte de energia para o corpo e a alma... “O SENHOR é o meu pastor; nada me faltará. Ele me faz repousar em pastos verdejantes. Leva-me para junto das águas de descanso; refrigera-me a alma. Guia-me pelas veredas da justiça por amor do seu nome. Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam. Preparas-me uma mesa na presença dos meus adversários, unges-me a cabeça com óleo; o meu cálice transborda. Bondade e misericórdia certamente me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do SENHOR para todo o sempre”. (Salmo 23). Eu te louvo Senhor!

À Nossa Senhora de Nazaré... tenho fé Senhora Intercessora, Mãe, Santa e Amabilíssima, te agradeço por sempre estás comigo, me amparando e me guiando ao caminho da alegria, paz e vitórias. Amém!

Aos meus guias Espirituais, Caruanas e Encantaria... Forças da natureza divina que engrandecem nossos dias com leveza e purificação. Axé!

A Minha Mãe Doraceli Valente... que ao longo desses anos me ensina a cada instante o quanto é importante o AMOR, vivenciar suas potências de explosão e afetos. Aprendemos a cuidar um do outro, com carinho, amizade, cumplicidade e paixão. És minha inspiração de luta, justiça, garra e amor. Sou um exagerado por ti!

Ao Meu Pai Salis Teixeira (*in memoriam*)... Ainda sinto saudades de seu sorriso, conversas e parceria, seu “moleque” cresceu e segue seus passos de fé, amizade e respeito ao outro, acreditando na superação e conquistas na vida. Saudades eternas!

Aos meus irmãos do coração Anderson e Dagmar Valente... Ainda estamos aprendendo muito um com o outro, nossos olhares, sorrisos e lágrimas somente nós conseguimos interpretar. Deus foi maravilhoso em coloca-los em meu caminho, na minha vida, serei eternamente grato por cada instante que estamos juntos, crescendo no amor e amizade. Vocês são minha inspiração de amizade e companheirismo.

A Tia Leila (Dinéa Valente)... Com um coração tão grande que não cabe em seu peito, precisa espalhá-lo por todos os lados, distribuindo seu carinho e atenção, jamais esquecerei de tanto que fizestes para eu caminhar e chegar. Você é minha inspiração de humildade e bondade!

Aos Familiares que partiram (Avós, Tios e Irmão)... que deixaram sensações de vidas incomparáveis, um movimento de saudade gostoso, amável e da certeza do amor. Obrigado por estarem sempre me iluminando!

A Família Caramelo em especial minha Madrinha Elisa Caramelo... os anos de amizade que uniram nossas famílias, fizeram que nossos laços ficassem mais fortes e bonitos. Obrigado por estarem sempre ao meu lado contribuindo na minha jornada e conquistas.

Ao Aleiko Chagas... os encontros, trilhas e caminhos nos levaram a crescer em amizade, cumplicidade e afetos, foram dias de aproximações e distanciamentos e aprendemos a cada instante. Obrigado por fazer esses instantes tão significativos na minha vida.

Ao Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas – IEMCI / UFPA... por acreditar nas potencialidades de cada pessoa, contribuindo na formação dos profissionais de Educação e para o desenvolvimento da pesquisa nas Ciências Naturais e Matemáticas. Deixo um registro especial ao Coordenador do programa, o **Prof. Dr. Elielson Ribeiro de Sales**, profissional comprometido e de escuta sensível as necessidades dos estudantes e professores, fortalecendo o crescimento e a seriedade do programa. O mesmo carinho e respeito são extensivos ao Corpo Docente e Administrativo do programa. Muito obrigado!

Ao Prof. Dr. Erasmo Borges... Meu orientador, satisfação em reencontrá-lo nesse momento, foi meu professor no primeiro curso de graduação (Licenciatura em Educação Artística) e hoje contribui para a conquista do doutorado. Ao longo desse tempo, mostrou-me o quanto a serenidade, a cautela e a resiliência são importantes para o crescimento do homem. Sua humildade intelectual é fruto de seu trabalho e carinho por aquilo que faz – Ser Professor! Obrigado por sua coragem em navegar comigo por esse rio de incertezas em momentos de deriva. Sou muito grato!

A Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito... aos caminhos de leituras percorridos, às fugas teóricas necessárias e atrevimentos de escritas constantes, meu carinho e admiração a profissional incentivadora dessa tese.

Aos membros da banca avaliadora...

Profa. Dra. Elizabeth Teixeira, quanta alegria dividir com você esse momento, fostes minha orientadora no curso de Licenciatura em Pedagogia e no Mestrado em Educação. Você me motivou à inscrição ao processo seletivo do doutorado no IEMCI e não poderia jamais ficar longe desse processo. Sua energia acadêmica pulsante e olhar de pesquisadora em dobras contribuíram de maneira singular para a elaboração da tese. Mais uma vez te agradeço por tantos afetos, teias e trilhas de contribuições; infinita é minha gratidão!

Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues, quanta potência de contribuições e arrepios de sensações em sua participação nesses momentos de produção da tese; inclusive nossos encontros na UFES no Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e no Encontro Internacional de Estudos de Gênero, fizeram grandes movimentações no meu pensamento. Obrigado por seu carinho e fugas normativas!

Profa. Dra. Patrícia Araújo, um espírito de luz intelectual que nos invade com alegria e paz, conduzindo aos caminhos de satisfação profissional e companheirismo acadêmico. Obrigado por seu olhar sinuoso e vibrátil.

Profa. Dra. Nádia Magalhães e Ana Cristina Pimentel, o profissionalismo de vocês é encanto e experimentações de saberes a outros professores. Obrigado por suas disponibilidades em contribuir com minha formação.

A Escola de Ensino Fundamental e Médio Disneylândia...

Meu campo de trabalho docente desde 1993 é meu núcleo de pensamentos por uma educação problematizadora, envolvente, encantadora e sinuosa... Obrigado por está presente em todos os momentos de meu crescimento profissional e acadêmico. Agradeço aos colegas professores, colaboradores e estudantes que sempre estão caminhando comigo rumo às invenções da educação escolar.

Às instituições e seus estudantes que contribuíram para minha formação profissional...

Escola Municipal Theodor Badotti, Escola Jhon F. Kennedy, Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo, Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará-CEFET, Universidade Vale do Acaraú - UVA, Universidade Federal do Pará – UAB, Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Curso Preparatório Exemplo, Escola Estadual Vera Simplício, Faculdade de Castanhal – FCAT, Faculdade Estácio – Castanhal e Faculdade Metropolitana da Amazônia – FAMAZ.

Meus eternos estudantes...

Participantes dos grupos de danças por mim coordenados Quadrilha Balão Dourado, Grupo Folclórico Cheiro do Pará, Grupo Folclórico Marow'Agá e Grupo de Expressões Indígenas Tupinambás.

Aos meus amigos e amigas...

São muitos corpos que emanam energias positivas renovando minhas forças para lutar e continuar a caminhada. São amigos de tantos nomes, lugares, sentidos e percursos. Preciso registrar meu carinho e paixão por alguns, por cada momento a mim destinado de palavras, orações, conforto e puxões de orelhas que me ergueram e conduzem... minha gratidão a **Darlisom Ferreira, Vera Saboia, Carlos Humberto Jardim, Carlos Augusto, Ana Telma Monteiro, Marcia Pereira, Iris Menezes, Emerson Castro, Marcia Helena, Chimênia Corrêa, Witemberg Zaparolli, Arlete Marinho, Francisco Anjos, Luis Parlandim, Juliana Garcez, Shirley Aviz, Alexandre Maguolo, Rafael Pacheco, Elton Araújo, Antônio Almeida, Ivo Montenegro, Aline Rocha, Cesar Lima, Allan Thiago, Rodrigo Almeida, Mayk Guimarães, Rebeca Barros, Douglas Taroco, Antonio Jandson, Frank Teixeira, Alan Prestes, Alexandre Prestes, Igor Castro, Willian Borges, Glória Araújo, Cesar Mello, Vilma Cavalcanti, Ivany Casalli e o Cabaré (Márcia Rolo, Telma Lobo, Rodrigo Santana, Diana Guerra, Nádia Bentes, Bianca Reis, Gilvandro Figueiredo, Sabrina Lima).**

Minha amiga Helane Santos...

Parceira, confidente, irmã-acadêmica, um ser de luz e inspiração que o doutorado me presenteou. Nossas conversas, estudos, pesquisas e viagens, provocaram em nossas vidas grandes reviravoltas e fluxos para caminhos ainda indecifráveis, mas aprendemos com tudo e com todos. Obrigado amiga por estender a mão sempre!

Faculdade de Castanhal – FCAT / Estácio Castanhal, muito obrigado pela oportunidade em envolver-desenvolver as atividades do Grupo Translaçados.

Estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Faculdade de Castanhal – FCAT / Estácio Castanhal... e demais cursos que contribuíram para o translaçar de ideias e possibilidades para esta tese.

Aos participantes do Grupo de Estudos TRANSLAÇADOS...

Palavras faltam para agradecer por tantas experimentações, sensações, risos, debates, reflexões, “ensinagens”, estudos, olhares, afectos, perceptos e desvios do pensamento. Vocês foram a maquinaria desta tese, dessa construção, desse desafio... Juntos, construímos uma possibilidade de discutir sexualidade no Ensino de Ciências por meio da arte, em um processo inventivo do pensamento, conexões de sentidos e olhares singulares contribuíram muito para a costura, o alinhavado, a composição de fios da tese. Registro minha gratidão a cada um, a cada fio de pensamento para este tecelão da educação!



“O que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma dessas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora.”

Gilles Deleuze

Resumo



Sou tecelão da educação; teço fios da arte-educação e da pedagogia, nas produções da escola e das suas atividades, com o currículo em movimento e as novas diretrizes da Educação Básica Brasileira; mas sinto-me preocupado com o nó apertado da normatização e moralização que se intensifica na escola, ao longo dos anos, que continua sendo um campo tradicional e formal. São enlaces, laços, cordas, fios e tecidos contorcidos e repuxados, que sufocam o currículo escolar, provocando enforcements e mordidas aos sujeitos envolvidos no processo de educar pela singularidade e pelo antiautoritarismo. Envolvido por leituras vibráteis dos teóricos da filosofia da diferença, teóricos contemporâneos do pensar educativo e interlocutores de outras vias perturbadoras, me propus a investigar diferentes fios da sexualidade nas artes literárias, artes rítmicas, artes visuais e arte fílmica. A inquietação sugere que se percorra um tear, junções de fios de pensamentos, sensações em arte com a sexualidade, o corpo por entre deslizamento da sexualidade, corpo translaçado. Para a movimentação da tese, foi realizada uma aproximação com a “cartografia como método de pesquisa-intervenção”, inspirada na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e de sua parceria com Félix Guatarri. A cartografia proposta, não é mapear, ordenar e delimitar territórios, e sim, produção constante de linhas e fugas, fluxos, desterritorialidade, desestratificação, multiplicidades e... e... O primeiro movimento cartográfico foi representado por expressões e experimentações singulares do pesquisador-autor. As escrituras-cartas, como cartografias em transversalidade. O segundo movimento cartográfico foram as expressões e experimentações plurais dos estudantes-autor, que foram denominadas de frases-recado, que eram produzidas ao final de cada encontro do Grupo de Estudos Translaçados (grupo de estudos que foi movimentado na Faculdade Estácio Castanhal –PA), como sensações dos debates e reflexões acerca da sexualidade, arte e Ensino de Ciências. Conclui-se que os movimentos foram sinuosos e de produção, envolvendo a arte como resultado de afecções; cartografar foi dar sentido, movimento, fluidez e exercício no pensamento, promovendo reflexões e problematizações; e nos encontros, foi possível pensar sobre como fomos educados na escola, de uma maneira disciplinadora e fascista, com classificações e emoldurações, sem poder exercitar/movimentar a sexualidade, que hoje deve ser pensada de maneira molecular, líquida e transversalizada, principalmente nas aulas de Ciências. Entendo que isso requer novas iniciativas inventivas dos professores no Ensino de Ciências, daí a preocupação em envolver “professores em formação” nos debates e discussões acerca da temática sexualidade, provocando e perturbando a interdisciplinaridade com a Arte.

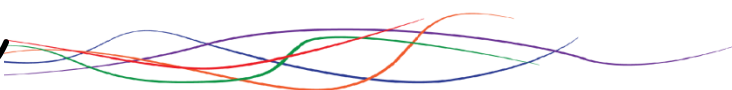
Palavras – chave: Ensino de Ciências; Arte; Sexualidade; Sensações.

Abstract

I am a education's weaver; I weave wires of art education and pedagogy in school productions and activities with the curriculum in motion and the new guidelines of the Brazilian Basic Education; but I feel decontented with the tight knot of normatization and moralization that intensifies in the school, over the years, which remains a traditional and formal subject. They are ties, strings, wires and twisted and drawn tissues, which suffocate the school curriculum, causing hangings and gags to the subjects involved in the process of educating by singularity and antiauthoritarianism. Involved by the vibrational readings of the theorists of the philosophy of difference, contemporary theoreticians of educational think and interlocutors of other disturbing ways, I set out to investigate different threads of sexuality in the literary arts, rhythmic arts, visual arts and film art. The preoccupation suggests to move a loom, wire junctions of thoughts, sensations in art with sexuality, the body through the glide of sexuality, body translated. For the movement of the thesis, an approach was made with the "cartography as a method of research-intervention", inspired by Gilles Deleuze's philosophy of difference and his partnership with Félix Guatarri. The proposed cartography is not to map, to order and delimit territories, but rather, constant production of lines and escape, flows, desterritoriality, destratification, multiplicities and ... and ... The first cartographic movement was represented by singular expressions and experiments of the researcher-author. The letter-writing, as cartographies in transversality. The second cartographic movement was the plural expressions and experiments of the student-authors, which were called phrase-messages, which were produced at the end of each meeting of the Group of Translated Studies (study group that was moved at Estácio Castanhal College -PA), as sensations of debates and reflections about sexuality, art and Science Teaching. Concludes that movements were sinuous and of production, involving art as a result of affections; to map was to give meaning, movement, fluidity and exercise in thought, promoting reflections and problematizations; and in the meetings, it was possible to think about how we were educated in the school, in a disciplinary and fascist way, with classifications and frames, without being able to exercise / move the sexuality, which today must be thought in a molecular, liquid and mainstream way, of Sciences. I understand that this requires new inventive initiatives by teachers in Science Teaching, for this reason the concern to involve "teachers in training" in debates and discussions about the theme of sexuality, provoking and disturbing interdisciplinarity with the Art.

Keywords: Science Teaching; Art; Sexuality; Sensations.

Tecelagem



TEAR I

O tecido para dar sentido à tese: tecendo sensações com algodão, seda, sisal, juta e...e... **15**

Primeiro Fio

A matéria prima de um tecelão da educação: do Mestrado ao Doutorado **16**

Segundo Fio

Selecionando as linhas, as cores e as texturas para tecer a tese **23**

Terceiro Fio

Por que esse fio? Por que aquele fio? Outro fio? **36**

Quarto Fio

Trançando um percurso **51**

TEAR II

O tecido que dá sentido a tese: tecendo sensações com a Arte... E...E... **61**

Quinto Fio

Sexualidade... Sensações Literárias **62**

Sexto Fio

Sexualidade... Sensações Rítmicas **85**

Sétimo Fio

Sexualidade... Sensações em Artes Visuais **95**

Oitavo Fio

Sexualidade... Sensações Fílmicas **108**

TEAR III

O tecido (in) acabado... Uma tese possível... **122**

Nono Fio

Sem costuras... Sem aviamentos... Reflexões finais **123**

Fios da composição

128



Espectáculo NÓ¹

Tear I

O TECIDO PARA DAR SENTIDO À TESE:

Tecendo sensações com algodão, seda, sisal, juta² e... e...

[...] A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se forjou um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – leia-se: o mundo forjado e a realidade... A mentira do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mendaz e falsa até seus instintos mais básicos [...]. (NIETZSCHE, 2014, p.16)

¹ As Imagens são do **Espectáculo de Dança NÓ**, da Companhia de Dança Deborah Colker – 2005 (Rio de Janeiro – RJ), “Bailarinos amarrados com cordas, corpos que se aprisionam e se libertam, movimentos inspirados em um cavalo, dançarinos entrelaçados, uma mulher presa pelos cabelos. Em seu sétimo espetáculo, NÓ, a coreógrafa Deborah Colker transforma em dança um tema demasiado humano: o desejo” Disponível em: <<http://www.ciadeborahcolker.com.br/#!obras/c212d>>. Acesso em: 14 fev. 2016.

² Algodão, seda, sisal e juta são matérias primas para tear fios, linhas e tecidos, de texturas específicas, cada qual com sua maciez, leveza e rigidez. Assim, será a escrita, com sensações de leveza e rigidez, soltas e amarradas, um tear de experimentações para o Ensino de Ciências sobre a sexualidade.



Primeiro Fio

*A matéria prima de um
tecido da educação : do
Mestrado ao Doutorado*

“Escrever não é certamente
impor uma forma (de
expressão) a uma matéria
viva”.

Deleuze



ou tecelão da educação; teço fios da arte-educação e da pedagogia, nas produções da escola e das suas atividades, com o currículo em movimento e as novas diretrizes da Educação Básica Brasileira; mas estou preocupado com o nó apertado da normatização e moralização que se intensifica na escola ao longo dos anos, que continua sendo um campo tradicional e formal.

São enlaces, laços, cordas, fios e tecidos, contorcidos e repuxados, que sufocam o currículo escolar, provocando enforcamentos e mordanças aos sujeitos envolvidos no processo de educar pela singularidade e pelo antiautoritarismo. Vagam questões, tensões... Que movimentos entrelaçados são esses que nos envolvem nas escolas? Será que a escola realmente consegue tecer ideias diferentes, moleculares? Que substâncias dão os tons/cores aos tecidos de possibilidades da escola? De que maneira a escola ensina? Ensinar é representar ou possibilitar outros fios de pensamentos? Como estão entrelaçados os corpos na escola? Enfim, tecer ideias e subjetivações singulares é uma atividade maquínica, de fluxos e cortes como sugerem Deleuze e Guattari (2011).

Por ser Coordenador Pedagógico em escolas, leio e compartilho de ideias com os professores, até porque contribuo na elaboração de planos de aulas, organização de projetos e outras práticas pedagógicas. No entanto, há algum tempo estou incomodado com as aulas de Ciências (Ensino Fundamental e Ensino Médio – em especial, de Biologia); entre todas as disciplinas do currículo escolar, observo que tem sido um desafio ensinar conteúdos dessa área com bases tão laborais, normativas e tradicionais; apesar de ser uma área que pesquisa a evolução das espécies, ainda estamos enraizados a um currículo sanitarista e higienista, priorizando as práticas da higiene pessoal, o funcionamento orgânico e biológico do corpo como era apresentado nas primeiras décadas do século XX (STEPHANOU; BASTOS, 2005) nas instituições de ensino e grupos escolares.

Nesse currículo se traçava um corpo sadio, sem defeitos, sem desvios de conduta, pois, ser saudável era hegemonicamente entendido como não ter

doença alguma no corpo – Patologias Biológicas ou Sociais e para tudo havia um tratamento. Com isso, as campanhas contra as viroses e epidemias estendiam-se grandiosamente aos grupos escolares, principalmente de áreas periféricas, onde a falta de saneamento contribuía para a falta de “saúde” da população (VASCONCELLOS, 1995). Logo, toda mudança física, de comportamento ou hábitos estaria relacionada a uma patologia, precisava ser estudada, prescrita, investigada, expurgada, vacinada e tratada.

Percebi então, a necessidade de tecer outras formas de pensar sobre o corpo na escola e passei a tecer atividades extraclases, envolvendo a Arte, a História, a Língua Portuguesa, a Filosofia, a Educação Física e outras disciplinas, numa postura interdisciplinar, como sugere Fazenda (2005), por meio de caminhadas, campanhas, palestras, encontros, feiras, exposições, oficinas, pesquisas e debates, a fim de envolver e esclarecer os alunos em diversas áreas sobre o corpo e as suas possibilidades. Preocupações de um professor de Educação Básica!

Por isso, fui instigado a fazer a minha pesquisa de Mestrado com o tema: *O Corpo Escrito e Visto: reflexões a partir de livros didáticos dos anos iniciais do Ensino Fundamental*, defendida no programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UEPA), cujo objetivo foi o de analisar as perspectivas sobre o corpo, veiculadas nos livros didáticos de Ciências das séries iniciais, utilizados em escolas de Belém-Pará.

Com base nos resultados apresentados, concluí que a ideia de transversalidade, inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1998) para o ensino de saúde, pluralidade cultural, orientação sexual, meio ambiente, ética, trabalho e consumo, não era atendida em todas as suas perspectivas, pois os temas não estavam articulados e encontravam-se isolados nos livros didáticos de Ensino de Ciências.

Exemplo disso foi que a discussão sobre saúde só foi encontrada nos livros didáticos referentes à disciplina Ciências, comprovando que as coleções analisadas estavam em desacordo com o Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) – MEC que, junto ao Conselho Nacional de Educação, definiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental e Médio (Resolução 02 de 07/04/98 e Resolução 03 de 26/06/98). Essas diretrizes

afirmam que os livros didáticos devem ser desenvolvidos em uma perspectiva interdisciplinar e transversal, o que não ocorre efetivamente.

Esses fios me sufocaram e me dei conta que os livros didáticos para tratarem do corpo, necessitariam de uma compreensão e percepção, mais que orgânica e biológica, ou seja, com destaque às necessidades hormonais, organização orgânica, hábitos e atitudes, relações sociais e culturais; questões ainda não tão divulgadas na área do Ensino de Ciências e que poderiam ser problematizadas. Essas questões faziam parte das minhas necessidades para aquele momento.

Essas necessidades foram surgindo pelo contato com esses livros e com as minhas práticas educativas, o que exigiu contato e leitura de alguns livros didáticos para, inclusive, fazer determinadas escolhas e usá-los em sala de aula. Do mesmo modo, a leitura, os debates sobre a escolha dos livros didáticos e seus conteúdos forçavam-me a pensar o quanto a sua escritura envolvia determinados discursos, ideias, valores, normas, regras que, de alguma forma, iriam afetar as práticas educativas, inclusive, a minha. A escola junto com o corpo docente, que busca fazer uma seleção dos livros didáticos para direcionar o aluno nos conteúdos disciplinares, também não está fora desse emaranhado de saber-poder.

A literatura (livros didáticos), divulgada pelo sistema governamental para ser usada nas escolas públicas (principalmente), não está neutra, visto que há todo um jogo de saber e poder que está emaranhado e reverbera na escola e nas práticas pedagógicas, remetendo para a leitura de que as escolhas curriculares não estão em um campo de objetivação, assim como as escolhas dos professores e as minhas também não estão.

O livro mostra e explica um corpo perfeito, sem falhas e reforça toda uma postura de leitura desse organismo social, condizente com as próprias leituras que se tem da própria vida. Logo, um campo de normalidade é instaurado no interior da escola, como reforço interpretativo do como ver a própria sociedade, o que a meu ver pode instaurar um componente de exclusão social, expurgando toda e qualquer possibilidade de diferença em seu espaço. De alguma forma, essa situação, entre as outras, que ocorrem no interior da escola, força a pensar nos desafios da escola e na própria formação

do professor. Não se pode manter um aprendizado neutro de vitalidades na educação, sem tentar ou criar outras dobras de envolvimento e apostar na emergência de práticas singulares.

As práticas, as condutas e os valores não são neutros, visto que essas práticas valorativas são compostas por criação de modos de vida, de subjetivações. Então, comecei a suspeitar das minhas orientações que também não eram objetivas, visto que imaginava um conteúdo curricular neutro, desinteressado por algum tempo, sem envolvimento social, sem crítica social, sem debates políticos, porque o corpo é uma composição contextual em constantes movimentos, que cria o tempo todo performances de aparências, experiências, lutas, disputas, gritos e sussurros, sejam anônimos ou nomeados, classificados e indefinidos, não importa! O corpo possui políticas vitais, sociais e culturais (RODRIGUES; MONZELI; FERREIRA, 2016).

O livro didático de ciências é um dispositivo³ que vai agenciando outras linhas na escola, vai conectando saberes, implicando em poderes, em leituras de mundo, de vida, de sociedade, de subjetivação e de sujeição. Ele forma um modo de entendimento, estabelece fios, modos de ver e de sentir, intercrusa palavras, signos, símbolos e mostrando uma multiplicidade de processos que suscitam variações e novos novos interpretativos (NASCIMENTO, 2009).

O corpo é um tema geralmente observado, no Ensino de Ciências, por meio de modelos (próteses expostas nos Laboratórios de Ciências nas Escolas ou nos Mapas Conceituais do Corpo Humano) e visto por um olhar biológico, estudado em suas formas estruturantes, compartimentalizado, organizado, ou mesmo posto entre o normal e o patológico, o típico e o atípico (deficiente).

Os meus estudos sobre o corpo, no Mestrado, mostraram a necessidade da editoração de livros didáticos mais próximos da realidade do jovem estudante, para que seus corpos sejam revitalizados e tenham sentido no saber escolar. Naquele momento, tive a necessidade de desenvolver estudos que pudessem solucionar questões do mundo prático escolar, das vivacidades dos corpos juvenis e essas outras perspectivas sociais do corpo, as culturas

³ Dispositivo para Foucault é o modo de formar um desequilíbrio, ser diferente, provocar variações e distinções. Seguir de modo multilinear, a partir de três movimentos – Saber, Poder e Subjetividade – se gera dispositivos de vida, agenciamentos, devires. Disponível em: <<http://www.michelfoucault.com.br/?biblioteca-foucault,52>>. Acesso em: 30 jan. 2015.

circulares dos corpos, envolvidos entre amores, hormônios, desenvolvimento motor, sentidos psicológicos, tensões, excitação, curiosidade e desestabilidades.

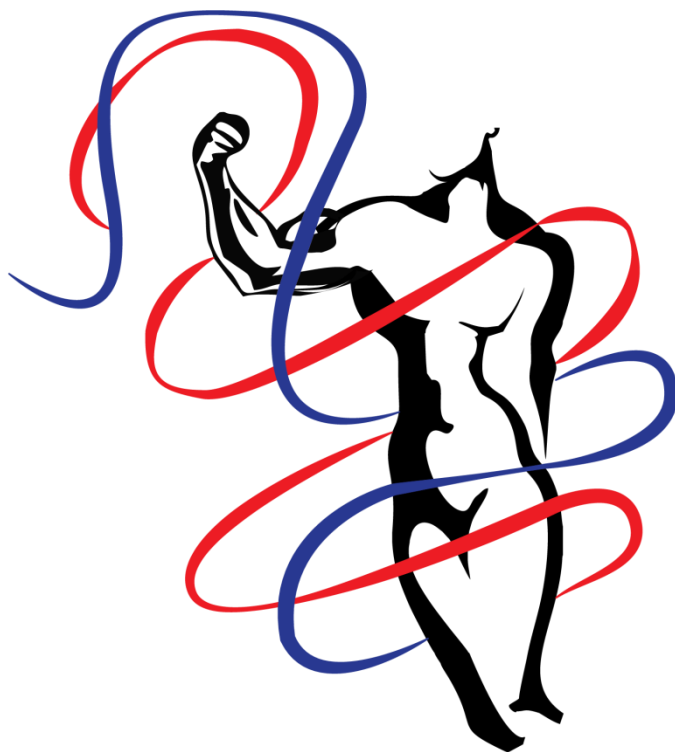
Depois da dissertação defendida, passei a me preocupar com a formação do professor de Ciências. Que discurso este profissional vem desenvolvendo acerca da cultura do corpo na educação em ciências? Quais enfoques sobre o corpo tratam em suas aulas? Será que o professor de Ciências percebe o corpo a partir de uma forma biologicista ou como um corpo que faz parte de toda uma dinâmica sócio-cultural, um corpo produtor de afecções, interlocutor de emoções, performances de sujeitos, de “(material)idade, (divers)idades, (corporal)idades, (ident)idades”? (VEIGA-NETO apud GARCIA, 2002, p. 35).

Essa foi a minha questão quando realizei a seleção do Doutorado na linha de pesquisa *Cultura e Subjetividade na Educação em Ciências*, do PPGECEM-IEMCI-UFPA. Pretendia ampliar os estudos já realizados no Mestrado sobre o corpo enquanto conteúdo escolar da disciplina Ciências, envolvendo as relações de poder, cultura, identidade e corporeidade, na sala de aula em escolas privadas e públicas. A pesquisa visava provocar uma reflexão do escrito, do visto e do dito sobre o corpo na Educação em Ciências, a partir das concepções dos professores de Ciências.

Só que ao ingressar no programa, com as leituras das disciplinas e as discussões no grupo de pesquisa, fui percebendo que os documentos oficiais para o Ensino de Ciências e até mesmo os Temas Transversais (orientação sexual, saúde e outros), apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998), não estavam dando conta da movimentação que o corpo tece, bem como, de controle e determinação que sofre pela dinâmica sócio-cultural na contemporaneidade. Fui aos poucos levado para outros lugares... Outros olhares... Outros teares...

O corpo, muito mais do que a orientação que a Ciência impõe, é um produto cultural (DAOLIO, 2009), gerido, pensado, problematizado, subjetivado, movimentado por outros aspectos de fundo, que levam as pesquisas atuais para além de um estudo em mera percepção “de”.

Esse **Primeiro Fio** que trancei introduz a motivação o **Segundo Fio** e a seleção das novas linhas, cores e texturas que dão “corpo” à tecedura-tese, bem como anuncia a importância/relevância de um tecido-pensamento que me envolve, me cobre, me aquece e me seduz em sensações para translaçar o tema sexualidade no Ensino de Ciências.



Segundo Fio

*Selecioneando as linhas, as
cores e texturas para tecer a
Tese*

“As coisas não serão como as quiseste pensar, mas tal qual se amarem – elas mesmas – contra o teu espírito de contenção insensata. Não podemos viver sem animalidade. Antes que tivesse tido tempo de decidir por mim próprio o ser de viver despossuiu-me”.

Antonin Artaud

o longo dos estudos no curso de Doutorado, fui me inserido em outros teares-pensamentos, que me convidaram a repensar a proposta de tese que havia apresentado à seleção.

Aos poucos percebi que a pesquisa proposta já não me interessava como antes e fui desmobilizando a temática para tentar construir outro projeto com as inferências da literatura que eu estava tendo contato.

Eu estava fazendo leituras de Deleuze, Guattari, Nietzsche, Butler, Beatriz Preciado, entre outros autores (interferências e misturas que não sabia como amarrar os fios para tecer uma rede). Pensadores que apresentam um pensamento de (des)caminhos sinuosos, por outras vias.

Entrar nesse campo não foi fácil, como não é, visto que toda a minha formação esteve fundamentada em uma espécie de padrão retilíneo (reto, sistemático), o que esses autores de alguma forma colocam em questão, pois desestabilizam, embaralharam as normas, as condutas, as leis, as formas, o pensamento linear (tomado por uma única linha do pensar). Diferente daquela perspectiva de Deleuze (1998), por exemplo, quando afirma que há certo “pensamento linear”, mas distinto de uma via única, progressista, repetitiva unicamente deste; e de linhas móveis, vibráteis, linhas de composição do real (duras ou segmentares, flexíveis ou vibráteis, de fuga para a criação ou para a morte), me convida a sensações outras do pensamento.

Portanto, estava tentando entrar em outros movimentos a partir do meu encontro com a filosofia da diferença, embora, devo confessar que ainda encontro-me em estágio de (des)estabilização, no momento em que escrevo essas linhas, ainda sinto-me enredado por linhas efetivamente duras.

Sempre me interessei pela questão do corpo e seus movimentos referentes à sexualidade⁴. Como professor, sei o quanto essa questão ainda é um tabu na escola, na sala de aula e principalmente nas aulas de Ciências (Ensino Fundamental e Médio – Biologia), provocando constrangimentos aos

⁴ Refiro-me aqui a sexualidade como experimentação de si, experimentação do corpo, como sugere Foucault (2014) nas obras *História da Sexualidade* 1, 2 e 3.

professores, devido à cultura das famílias e da escola, instituições que mantêm a tradição social.

Até na Educação Superior, esse debate é difícil e complexo, solicitando cuidado com o seu trato; mesmo com todas as discussões que ocorrem, o corpo e a sexualidade ainda têm de ser mais, problematizados a partir de outras vias, menos instrumentalizantes, como forma de construir outros mapas e outras leituras, inclusive no interior da escola, ou mesmo nos cursos de formação para professores. Há ainda algo de sujo, de contaminado, de vulgar, de pervertido quando se fala de sexualidade e de corpo (SCHEBER, 1974).

Iniciei um tear de leituras e escritos para problematizar as potencialidades do corpo e seus movimentos sexuais na escola. É preciso pensar o debate a partir dos documentos oficiais do Ministério da Educação (MEC), principalmente após a nova estrutura proposta para a Educação Básica, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), em que houve a retirada dos termos “orientação sexual” e “identidade de gênero”, quando no parágrafo introdutório do documento refere-se à equidade do ensino:

Assim, a equidade requer que a instituição escolar seja deliberadamente aberta à pluralidade e à diversidade, e que a experiência escolar seja acessível, eficaz e agradável para todos, sem exceção, independentemente de aparência, etnia, religião, sexo ou quaisquer outros atributos, garantindo que todos possam aprender. (BRASIL, 2017, p. 11)

O documento da Base Nacional Comum Curricular entregue ao Conselho Nacional de Educação preserva e garante como pressupostos o respeito, abertura à pluralidade, a valorização da diversidade de indivíduos e grupos sociais, identidades, contra preconceito de origem, etnia, gênero, convicção religiosa ou de qualquer natureza e a promoção dos direitos humanos. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/nota-oficial>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

No entanto, há um direcionamento para que o tema da sexualidade seja abordado segundo diretrizes e orientações na escola (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN , que ainda não foram desqualificados), com ênfase no que se refere ao Tema Transversal Orientação Sexual: “Corpo: matriz da sexualidade; Relação de gênero; Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis” (BRASIL, 1997b, p.138). O PCN possui escrituras que percorrem questões normalizadoras, heteronormativas – O termo pode ser entendido com a fixidade de uma identidade sexual hetero; uma condição de

imposição cultural, religiosa e familiar de controle e poder de submissão da binaridade homem e mulher; ser homem (macho, viril, forte e reprodutor) e ser mulher (submissa, do lar, delicada e mãe) – como aponta Junqueira (apud RODRIGUES; DALLAPICULA; FERREIRA, 2014, p. 102).

A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos/as.

O PCN (BRASIL, 1997b) está estruturado como um sistema de conduta para se tratar a orientação sexual nos sistemas de ensino regular, mostrando que é importante a discussão no espaço escolar acerca da sexualidade.

Assim, o PCN (BRASIL, 1997b) tem a percepção que muitas questões da sexualidade devem ser controladas, porque existem novos comportamentos, prazeres e desejos e, assim, demonstra na sua concepção que é preciso debates com os educandos sobre os assuntos que estão em destaques, a saber: as doenças sexualmente transmissíveis, em especial HIV/AIDS, gravidez na adolescência e as questões relacionadas ao gênero.

Porém, deixa a desejar no que concerne a sexualidade na sua diversidade e diferença, porque no caso dos três eixos aqui citados sobre a temática, apresenta um conteúdo muito fragmentado, com lacunas, não possibilitando aos educandos vivenciar a dinâmica das novas relações e, assim, torna a multiplicidade da sexualidade bastante reduzida.

Contudo, quando o PCN (BRASIL, 1997b) impõe que o professor trate a sexualidade por um caminho pendular a ser seguido pelos educandos; de um lado o certo: sem gravidez na adolescência, HIV/AIDS, desigualdade de gênero; do outro lado o errado: as educandas grávidas, educandos (as) infectados pelo vírus HIV/AIDS, predomínio do homem sobre as mulheres.

Não quero defender aqui, que é bom ser soro positivo ou que a gravidez na adolescência é importante e, muito menos, uma supremacia do homem sobre a mulher, afinal, vale ressaltar, nesse momento, o caráter dual e dicotômico que esse componente curricular enfatiza na Educação Básica, principalmente na disciplina Ciências, em que o professor diante do conteúdo sobre o corpo, deverá sempre visitar as perturbações juvenis acerca da sexualidade e das suas sensações.

Em seu texto “Educação em Ciências: uma pesquisa para além das fronteiras da Ciência”, Aizawa (2012) problematiza a ideia de que o Ensino de Ciências ainda encontra-se enraizado nos princípios de uma ordem social, de uma norma, de uma conduta, de um currículo moralista e organizador de conteúdos disciplinares.

O estudo do corpo e da sexualidade pode problematizar os componentes de estudos no Ensino de Ciências, propondo debates entre a Ciência e a cultura, deslocando o pensamento severo, verdadeiro e único das Ciências Biológicas, nas escolas, que aponta as relações de poder e verdades impostas por uma sociedade normalizadora, controladora e disciplinadora, considerando as identidades que produzem dentro da escola em controvérsia a cultura dos estudantes.

Não é que a escola, ou mesmo as diretrizes para a Educação Básica no Brasil, sobre o Ensino de Ciências, por exemplo, estejam enraizadas, visto que há todo um regime de interesse para que determinados conteúdos sejam trabalhados de uma forma X e não Y. Além disso, há toda uma política da vida que é gestada nessa instituição, que é muito bem pensada sobre a perspectiva de um poder que se exerce sobre a vida, para pensar na linha de Foucault (1987). Um poder que se exerce sobre a vida, sobre o humano.

A escola, os desenhos curriculares, os programas de estudo, os livros didáticos, de alguma forma, têm um poder sobre a vida dos alunos, dos professores, dos gerenciadores, pois esse poder não está excluído de um discurso disciplinar, visto que os aparatos escolares (programas, currículos, livros etc.) podem ser vistos como tecnologias de poder e de regimentação dos corpos.

O poder disciplinar investe no corpo, investe na vida desse corpo, é todo um mecanismo de individuação que vai sendo montado.

Uma tecnologia de poder que não exclui a primeira, que não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, a integra, que a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-a de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes. (FOUCAULT, 1999, p. 288-289).

Todo o aparato do poder disciplinar tem como meta a sujeição do corpo, sua docilidade, sua mansidão e o seu comando. A tecnologia de poder que também se exerce sobre o corpo, persiste no corpo coletivo e não na sua individualidade. Com esse entendimento é perceptível que a escola está bem ajustada em um sistema de controle e docilidade dos corpos. Então, entendo que escola está nessa posição, assim como percorre em seu espaço um movimento de crise.

Há toda uma ideia de reforma que passa pela sociedade, pela sociedade de controle, mas, essas reformas, ampliadas por discursos e diretrizes, demonstram que os espaços de democratização e de educação – que se veem espaços de distribuições de sujeição – caracterizam, de alguma maneira, as intensificações do controle e das disciplinarizações, percorrendo, agora, as instâncias do fora em modos flexíveis e flutuantes. É por isso que não se deve ser ingênuo quando se ler os movimentos da escola e da sociedade.

Assim, há também diferentes leituras sobre determinados conteúdos, o corpo, por exemplo, visto pela filosofia, sempre foi questionado como algo pecaminoso, local do castigo, da sujeira, da miséria, corpo contaminado pelas paixões, pelos desejos, pelas feiuras da carne, da vida. Tardamente, esse corpo foi tomado pela ciência, sendo olhado de forma mecanicista, doente, patologizado, precisando ser corrigido, estudado, esquematizado, fragmentado, normalizado, ou mesmo disciplinado. Todo um sistema de governo é gestado em prol da manipulação e modelagem,

Encontramos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se manipulam. O grande livro do homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: no anátomo-metafísico, cujas primeiras páginas haviam sido escritas por Descartes e que os médicos, os filósofos continuaram; o outro, técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos e refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. (FOUCAULT, 1987, p. 117-118).

Entretanto, não é fácil romper com essa perspectiva epistemológica ou com essas técnicas de vigilância sobre a vida. Então, o senso comum atribui a política do corpo, da sexualidade e de gênero uma leitura naturalizante, ou mesmo essencialista, o que parece fundamental, situação reforçada pela Igreja, pela Escola e pela Família e porque não no Ensino de Ciências? Sendo

que outros componentes analíticos condizentes com a vida e suas transmutações valorativas e culturais são apresentados na literatura.

O corpo como um organismo móvel, plástico, múltiplo, corpo histórico, social, transformável; o corpo não é um dado, não deixa de estar envolvido em processos de alargamento constante, que podem se repetir em algumas maneiras, mas creio que nunca da mesma forma. Dessa forma, o corpo é uma maquinação, ou melhor, uma fabricação, o que leva as próprias linhas a se desmancharem, ou não serem bem sucedidas. Então, o que seria um corpo? Do mesmo modo que se poderia indagar: esse corpo não bem sucedido poderia proporcionar que investimentos subversivos para as classificações fixas?

Entender o corpo em multiplicidade e plasticidade não é fechar os olhos para aquilo que Foucault (1987) alerta sobre a anatomia política que gera uma mecânica do poder e busca definir como se deve ter domínio sobre o corpo dos outros, do mesmo modo que tal anatomia inventa técnicas de eficácia e controle do corpo. Daí as disciplinas que fabricam corpos submissos, corpos que aumentam a sua força e essa anatomia não pode ser vista como algo súbito, pois há toda uma história das punições, dos castigos, das leis e das condutas. Por isso, se o corpo não só se dociliza, há possíveis movimentos feitos por esse corpo para outras mobilidades e sensações vitais.

Observo que nos documentos oficiais do MEC, por exemplo, nos PCN, já citados, destacam-se o corpo e a sexualidade, a partir de um componente de regimentação da vigilância, como a necessidade de proteger o corpo dos desvios. Mas, essa necessidade vem sendo reforçada por toda uma política da vida; o medo da sociedade, com seus padrões, tem de ser questionado. O medo de que suas regras, suas linhas duras sejam flexibilizadas. Como diz Foucault (1979):

É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas, terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contágios, a exclusão dos delinquentes [...]. (p. 145).

Esse corpo que precisa ser exercido pela mão do poder; e essa mão percorre a materialidade dos corpos, onde os seus efeitos acarretam o controle

destes. Isso acarreta também a fomentação de modos, performances vitais e leva a pensar que comportamentos, modos de ser e ver, gostar, sentir, estão efetivamente atravessados por uma pedagogia ampliada sobre os modos como a vida se engendra e é maquinada pelo *sócius* (GUATARRI, 1987). Contudo, paradoxalmente a “consciência” do corpo individual só pode ter sido adquirida pelo investimento do poder-saber, pois como diz o próprio Foucault (1979) trazido para essa reflexão,

Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade. (FOUCAULT, 1979, p. 146).

O corpo/singular busca, no meu entendimento, uma fissura, um salto, como necessidade também de promover seu auto-governo, mesmo que por situações, momentos, oscilações. Embora se possa perguntar: até que ponto é possível se mover diante da rede do *sócius*? De que modo se fabrica mecanismos de resistências? São questões que ainda não tenho respostas prontas e talvez nunca as tenha. Ao transformar, por exemplo, a sexualidade em uma objetivação, em um dispositivo – modo de formar um desequilíbrio, ser diferente, provocar variações e distinções – de controle do corpo, ao modo de Foucault (1979), em que os mecanismos sociais e políticos o tornam um objeto de preocupação, de estudo, de análise e de vigilância.

Por outro lado, o corpo sexuado destaca a saída do todo disciplinar que tende a engendrar regulamentos, ou “controle de mínimas parcelas de vida” (FOUCAULT, 1987, p. 121). Contudo, não há vida que não se movimente, porque o desejo salta para além do corpo organicista e dos mecanismos encaixotantes (dentro de caixas moralistas) que, de alguma forma, fazem movimentos. Penso na profunda necessidade, inclusive, de se desenvolver outras técnicas de criação para além do mero controle apaziguamento das vidas. Nesse sentido, que se procura apostar em outras perspectivas ligadas ao Ensino de Ciências.

Deleuze e Guattari (2011) dizem que o desejo movimenta e produz o corpo para outros lados. Se não se pode saltar para fora do *sócius*, como sugere Preciado, em seu livro *Manifesto Contra-sexual* (2002), que se leve o

debate as últimas consequências como forma de dar visibilidade e aberturas para um mundo menos castrador. Então, o corpo e a sexualidade têm uma materialidade na cultura, visto que o corpo também é produto da cultura, do meio, das vivacidades e elasticidades de experimentações.

Logo, desterritorializar o corpo, em prol de outras invenções vitais parece ser o grande investimento teórico de alguns estudiosos contemporâneos, tais como: Judith Butler e Beatriz Preciado, mas que outros, antes delas, já haviam colocado em ordem de debate. Desterritorializar o corpo para embaralhar também o que é “natural” e “essencializado” para viabilizar outros modos inventivos do corpo, parece ser a solicitação de uma vida (im)possível.

Apresento uma espécie de tensão entre o corpo controlado e o corpo que, dentro dessas teias, faz os fios, busca suas margens, inventa outras rotas, pois são corpos que percorrem a instabilidade dos fios, mesmo dentro desse emaranhado de saber-poder, pois não se pode saltar para fora dessa rede, mas se pode construir vias de lutas para certas distribuições amortecedoras, em que os fios servem para alguns se sustentarem, para outros escaparem e outros se enforcarem. Fios de condutas, normas e moralistas.

Para Foucault (1987), não se trata somente de distribuições amortecedoras na rede do poder; mas, pensando que não há “o” poder como uma unidade, nem uma totalidade, mas diferentes e variantes jogos de poder, constituídos historicamente. Assim, a questão da liberdade se coloca como possibilidade de questionar o poder, de invertê-lo, de subvertê-lo, não para cair fora “da rede”, e sim para inventar novas sensações, relações de poder mais interessantes para a vida, mais afeitas à liberdade que à dominação, mas nunca garantidas absolutamente.

Com isso, não se nega efetivamente a materialidade do poder sobre o corpo, mas é possível pensar que há investimentos, estimulações, vidas em escapes, que buscam a emergência de uma vida menos determinada. Isso eu percebo e parece interessante de ser pensado, pois “... a vida, potência do lado de fora, enquanto força que resiste, escapa às armadilhas do diagrama, e não para de se transmutar” (ROMAGUERA; AMORIM, 2011, p. 207).

Por isso, a partir de outras leituras que vinham sendo colocadas em questão, principalmente, no grupo de pesquisa *Cultura e Subjetividade na Educação em Ciências* (Grupo de pesquisa do qual fiz parte como estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas – UFPA), senti-me motivado e encorajado a problematizar os enlaces do corpo e suas tramas sexuais, não como identidade sexual constituída, e sim como processo molecular do desejo que agencia fluxos, passagens do corpo com o fora, com seus encontros, com sua imanência (criação), um corpo plástico que se inventa pelo processo desejante e não como uma moldura fixa, estável, linear, essencializado. Um corpo que vem sendo desenhado a partir de suas invenções e criações por entre meios e lugares. Fora dos formatos dos rótulos definidos, estigmatizados por classificações, como a ciência moderna o classificou, disciplinou.

As sensações corporais e sexuais são vivências múltiplas, pois são postas todo o tipo de relações, mostrando formas de fissurar uma epistemologia normativa, deslocar comportamentos, ideias, desprender o que é normal, cultural, político, criativo, desejo... Fissurar comportamentos regulares e fixos.

Nas minhas vivências na escola, percebo que os estudantes confrontam, mesmo por pequenas fissuras, o sistema de normalidade e identidade. Embaralham papéis, embaralham sexualidades, sistemas categorizantes, rotuladores, corpos... Embaralham a norma, a lei, envolvida pela heteronormatividade. A escola é um ponto, entre tantos espaços de vidas, em que o corpo transversaliza, sexualidades transitam, local em que as pessoas já não estão tão preocupadas em estarem na classificação comum, como entre tantos lugares espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Lugares que impõem, ao seu modo, que se leia a sociedade e a cultura por outros olhares menos ordinários.

Importa alertar que há sim toda uma produção desejante da sexualidade por vias das mídias, das produções de revistas, de músicas, cantores e cantoras que incitam o sexo livre, sexo sem controle, que isso também tem seus perigos. Há toda uma produção de artefatos e perceptos que inventam modos de comportamentos e sensações para a sociedade e, de um modo

geral, isso também não deixa de ser a manifestação de um controle que foi posto sobre o corpo e sobre a sexualidade, pois como apresenta Foucault (1987) “O corpo, do qual se requer que seja dócil até em suas mínimas operações, opõe e mostra as condições de funcionamento próprias a um organismo. O poder disciplinar tem por correlato uma individualidade não só analítica e ‘celular’, mas também natural e ‘orgânica’” (p. 132).

Se essa perspectiva se torna de suma importância para se promover uma analítica de estudo, também são possíveis outras perspectivas de leituras de como jovens, adolescentes e adultos usam e exercitam atualmente a sua sexualidade sem tanto horror e moralismo, como no exemplo citado.

O que chama atenção é o porquê do horror à diferença, há esse horror? Sim! Deleuze (2006) já dizia isso, em sua obra *Diferença e Repetição*, pois a diferença sempre abafada, escondida e todo o receio de que ela possa vir à tona, porque ela não generaliza, não identifica, não se assemelha, difere por todos os lados e fissa aquilo que é posto em sossego, em linha reta. Mostra a cara do monstro e afirma que esse monstro é criador e desconstrutor da forma.

A diferença é esse estado de determinação como distinção unilateral. Da diferença, portanto, é preciso dizer que ela é estabelecida ou que ela se estabelece, como na expressão “estabelecer a diferença”. Essa diferença, ou A diferença, é igualmente a crueldade [...] são todas as formas que se dissipam quando se refletem neste fundo que emerge. Ele próprio deixou de ser o puro indeterminado que permanece no fundo, mas também as formas deixaram de ser determinações coexistentes ou complementares. O fundo que emerge não está no fundo, mas adquire uma existência autônoma; a forma que se reflete neste fundo não é mais uma forma, mas uma linha abstrata que atua diretamente sobre a alma. Quando o fundo emerge à superfície, o rosto humano se decompõe neste espelho em que tanto o indeterminado quanto as determinações vêm confundir-se numa só determinação que “estabelece” a diferença. Uma receita barata para se produzir um monstro é amontoar determinações heteróclitas ou sobre determinar o animal. É bem melhor trazer o fundo à superfície e dissolver a forma [...] Não deve causar espanto o fato de que a diferença pareça maldita, que ela seja a falta ou o pecado, a figura do Mal destinada à expiação. O único pecado é o de fazer que o fundo venha à tona e dissolva a forma. (DELEUZE, 2006, p. 56)

Então, se a cultura heteronormativa, junto com seus aparatos, a tecnologia, a ciência, a pedagogia, a família, a psicologia, a economia, a escrita e a linguagem, tende a impor o seu governo em uma espécie de generalidade e homogeneidade, a ordem sexual hetero (heteronormatividade) “difere” por meio dos processos cambiantes corporais e sexuais. O mundo, as pessoas, os

corpos explodem em diferença. Assim, o que pretendo destacar não é uma mera *ilustração* sobre a questão do corpo, corpo sexuado fora dos padrões identitários, não é uma distração perceptiva, antes, o estudo visa perturbar para agitar zonas, linhas turvas do desejo que a sociedade, a família, a escola sempre se negaram a explorar.

Então, não é saber se é homem, se é mulher, se é homossexual, se é heterossexual, se é travesti, ou... Ou... “e sim fazer com que os corpos, todos os corpos, consigam livrar-se das representações e dos constrangimentos do “corpo social”, bem como das posturas, atitudes e comportamentos estereotipados (...) o essencial aqui não é o objeto visado, mas sim o movimento de transformação” (GUATTARI, 1981, p. 43).

Com isso, venho ao longo desses debates, leituras e experimentações do pensamento, fui provocando um trânsito de ideias, um embaralhamento de percepções, provocações sensitivas, perceptos de conexões sobre a sexualidade no Ensino de Ciências – tema que pertence ao bloco temático Ser Humano e Saúde no PCN de Ciências Naturais do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997a) – o que me motivou tecer novos fios de sensações com a Arte, partindo de minhas práticas docentes (visto que sou fruto de uma formação em Licenciatura em Educação Artística), me enlaçando com a formação de professores (sou Licenciado em Pedagogia), trançando pelo corpo (tema de minha dissertação no Mestrado em Educação), uma possibilidade de costura, nós, arremates e alinhavos com o Ensino de Ciências por meio de experimentações para problematizar a sexualidade e seus movimentos.

Esses fios de pensamentos me levaram à **TESE de TRANSLAÇAR A SEXUALIDADE COM A ARTE, TECE POSSIBILIDADES DE SENSações NO ENSINO DE CIÊNCIAS.**

A proposta é afirmar a possibilidade de **Translaçar** a sexualidade, e refere-se ao movimento de trançar, transversalizar, transpassar, transcorrer, transitar, transdisciplinar, envolver e enlaçar sensações no pensamento com as linguagens artísticas, como: a Música, a Literatura, os Filmes e as Pinturas para o Ensino de Ciências.

Há necessidade de provocar a reflexão sobre a sexualidade na formação de professores, no Ensino de Ciências e na escola, pois o tema é envolvente,

contextual e curricular. A escola, bem como a família, tende vigiar as performances do corpo e da sexualidade do homem – macho, ser normal, ser o sexo forte, nunca questionado quanto a sua sexualidade, porque é única: heterossexual. Bordini (2012), ao discutir o Ensino de Ciências e os debates sobre sexualidade, questiona a ordem moral nas aulas de Ciências, a forma metódica e controladora de educar o corpo e a sexualidade em que:

a concepção de corpo inserida no currículo da disciplina de Ciências é um resultado do discurso científico baseados em conteúdos da Biologia, Física, Química e Genética. Para esse discurso, dito verdadeiro, o corpo humano é visto como um resultado final de um processo de evolução biológica das espécies e consequentemente este corpo é tomado como universal. A sexualidade é concebida como derivada da Fisiologia e resultante da ação dos hormônios sexuais, ou seja, a educação para a sexualidade, ensinada pelo viés da disciplina Ciências, é considerada como a reunião de diferentes saberes científicos, vindos especialmente da Medicina, da Biologia e da Fisiologia (p.8).

Para Foucault (2014), o corpo, nessa perspectiva, é fabricado, assim como, a sexualidade. A sexualidade não é fixa, passou e passa pela injunção do interdito, daquilo que tem que ser decifrado, analisado, algo deve ser trazido à luz a fim de limpar o homem. Como se isso fosse possível. Tudo isso, percorre um modo de classificar, reconhecer, tornar inteligível, decifrável e satisfatória a identidade sexual.

Então, problematizo um pensamento sobre uma sexualidade em trânsito, proponho um trançado, um movimento translaçado com a Arte, com vistas a contribuir com as aulas de Ciências de maneira molecular, inventiva. A Arte é envolvente e mobilizadora, deslocando o certo, o fixo, o imóvel, tangenciando para outros olhares, convergindo, divergindo; a Arte é criação, é denuncia, é variação... Arte é sentido, sentimento e sensações que povoam a mente, a imaginação e provoca experimentações. “A arte se aprende para aguçar nossa sensibilidade e não necessariamente para sermos um artista” (SELBACH, 2010, p. 19).

No próximo fio – O **Terceiro Fio** – desse tear-tese, venho repuxar as intrigas e perturbações sobre a sexualidade, o corpo e outras sensações, para problematizar, a partir do Ensino de Ciências, o translaçado da sexualidade com a Arte, para pensar de que maneira se pode tecer sensações desejantes no Ensino de Ciências.



Terceiro Fio

Por que esse fio?

Por que aquele fio?

Outro fio?

“as questões fabricam-se [...] A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição do problema, antes de encontrar uma solução”. DELEUZE



ietzsche (1998) trata o trabalho de leitura, de estudo, como ruminação, como arte da interpretação que exige esforço, dedicação e certo trato com as ideias, com os problemas e principalmente com o pensamento. É quase como um procedimento. Uma tentativa, um esforço com a palavra, com a escrita, movimentar o pensamento não é fácil, ser ousado na escrita não é fácil, tecer ideias é um trançado inacabado.

A ideia gestada a partir das leituras da *Filosofia da Diferença* de Deleuze e Guattari, outros movimentos... Movimentos radicais do pensamento, para criar outro tecido de leitura de mundo... Mobilizar conceitos... Eu estava aprendendo a andar, me deslocar. Era essa a minha sensação... Quase me arrastando, mas quando não se pode correr, nem andar, resta pelo menos se arrastar...

A preocupação com o Ensino de Ciências e a necessidade do domínio de teorias científicas e de suas veiculações com as tecnologias torna-se crescente para uma quantidade maior de educadores que necessitam dessas características; mas isso não é o suficiente para que o docente atue adequadamente na sua profissão (SCARPATO, 2004). Logo, para que o professor de Ciências exerça o seu trabalho, ele precisa se apropriar de saberes e práticas que não se reduzem a apenas ser competente, no domínio dos procedimentos, dos conceitos, dos modelos e das teorias científicas.

Contra uma ciência acabada, emoldurada e molar é necessário que o docente em formação, busque construir outros mecanismos para o processo de produção do conhecimento, mas é possível notar uma grande dificuldade de enfrentar esse desafio (criar outras vias para ensinar / aprender) no Ensino de Ciências, pois as manifestações e produções culturais que poderiam ser trabalhadas com os alunos, envolvendo a ciência e a cultura são poucas (SELBACH, 2010).

Todavia, nos dias de hoje, já existem materiais didáticos que complementam o conhecimento mais recente, principalmente os digitais, apesar de ainda serem utilizados por uma minoria de professores, mantendo, então, o desafio de incorporar práticas docentes relevantes para a formação cultural dos alunos e a contextualização em sala de aula (SCARPATO, 2004).

A aprendizagem significativa, ao contrário, ocorre quando a informação conquistada se relaciona de forma substantiva e pertinente ao que já se sabe e a junção desses saberes tem implicações com o viver e com o se relacionar. O cérebro não guarda informações não essenciais à vida e, por isso, é importante que nossos alunos percebam que “tudo” quanto aprendem nas aulas de Ciências possui “utilidade”. Essa utilidade, entretanto, não é aquela que o professor atribui, mas a que a necessidade de viver elege. Uma reflexão indispensável a todo professor é associar sempre o conteúdo ensinado à utilidade prática desse conteúdo para seu aluno na arte de se relacionar e nos desafios do viver. (SELBACH, 2010, p. 76-77).

Ainda hoje, o principal instrumento de trabalho do professor é o livro didático, usado principalmente para mediar a prática docente. Este, sendo ou não interessante para os alunos, é a principal referência da maioria dos professores. Diversas pesquisas sobre o livro didático apontam as suas deficiências e limitações, e isso implica na eliminação de sérios equívocos, sobretudo, conceitos e métodos (SELBACH, 2010).

Tudo isso mostra que o professor não deve ser refém dessa única fonte de ensino, pois existem muitas outras contribuições paradidáticas, como: livros, revistas, suplementos de jornais, vídeos, rede web, música, documentários, os quais precisam estar mais presentes na educação escolar.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996) aponta em seu Art 3 que a educação escolar deve se permear por um “pluralismo de ideias e concepções pedagógicas”, porque o docente não pode fazer o uso crítico e consciente de atividades outras na escola para o ensino de Ciências? É possível dizer que outros meios são espaços de divulgação científica e cultural que não podem ser encarados só como oportunidades de atividades educativas complementares ou de lazer; e não podem permanecer ausentes ou desvinculados do processo de ensino/aprendizagem, porém, devem ser translaçados de forma planejada, sistemática e articulada, visando à prática do cotidiano escolar, em favor da melhoria do ensino e da aprendizagem.

Os problemas relacionados ao Ensino de Ciências vêm sendo discutidos há muito tempo, bem como a relação entre o teor e a qualidade das investigações na sala de aula e à prática docente, porque “aprender Ciências é essencial para que se perceba a natureza como um todo dinâmico e a sociedade humana como agente de interação e de transformação com o mundo em que vive” (SELBACH, 2010, p. 40).

De acordo com estudos apresentados – em encontros de pesquisa na área do Ensino de Ciências – a apropriação, a reconstrução e o debate sistemático dos resultados de pesquisa em sala de aula e na prática docente dos professores dos dois níveis (Ensino Fundamental e Ensino Médio) são lamentáveis (SELBACH, 2010). Por esse motivo, os cursos de formação de professores de Ciências constituem um lugar privilegiado para se potencializar o professor em formação e fazer com que o conhecimento produzido passe a permear as ações docentes e se torne objeto de estudo e discussão no currículo dos cursos.

Entretanto, a maioria dos cursos de licenciatura não possuem essas perspectivas, tanto de novos materiais didáticos quanto de resultados de pesquisas, isso porque a formação de professores, na maioria dos cursos, está mais próxima dos anos passados do que de hoje, enraizados na tradição, engessados de movimentos, enclausurados por estigmas e rótulos que bloqueiam um avanço no olhar social e cultural dos sujeitos, sendo um ensino restrito às experimentações laborais, visitas a museus, aulas expositivas, às vezes, dialogadas.

Tenho perturbações que, mesmo depois da defesa de minha dissertação no Mestrado, ainda me rodeiam: como os professores tratam o conteúdo corpo em sala de aula? Quais as problemáticas sobre o corpo que são discutidas nas aulas de Ciências? Será que a sexualidade, nas aulas de Ciências, é discutida ou doutrinada?

Essas questões eu me fazia em silêncio nas aulas da Disciplina *Tendências em Educação em Ciências* do PPGECEM – UFPA, uma vez que, com tantos saberes e práticas cotidianas, tantas fontes culturais e de vivências publicadas e discutidas na área, porque o Ensino de Ciências tornou-se tão fechado nas escolas, chegando até a ser chamada de “Matéria decorativa”, um lamento, um silêncio, um esvaziamento de toda uma potencialidade para ensinar / aprender entre todos os educandos? Nessas linhas-fios, desabafo, sou pedagogo em atuação nas escolas e me inquieto com esse silenciamento, essa quietude e marasmo que alguns profissionais tratam suas aulas. Sou a favor de uma escola crítica, polêmica, experimental e movimentada por questões sociais, afinal “formamos” gente para a vida!

As relações com outras disciplinas também são necessárias, pois se houver uma “postura interdisciplinar”, como sugere Fazenda (2005), diversas formas de conhecer e de pensar irão se abrir para o conhecimento. Muitos esquecem as relações que existem entre as disciplinas e como são importantes para o seu estudo, sendo que o movimento de clausura do pensamento acaba dificultando o aprendizado do discente (TRIVELATO; SILVA, 2014).

Os espaços não formais, por sua vez, também envolvem outros meios de ensino e são muito vastos para o aprendizado no Ensino de Ciências, porém, não é somente em museus e em parques ecológicos que se encontram esses espaços, mas também nas proximidades da escola é possível realizar uma aula com um grupo de jovens, com movimentos, discutindo diversos assuntos, inclusive sobre o corpo e a sexualidade, cabendo ao professor saber olhar para as necessidades de seus alunos e tornar os conhecimentos mais acessíveis a todos.

Lanço o desafio de se translaçar a sexualidade com a Arte no Ensino de Ciências, para provocar outras vias e dobras no ensino, proporcionando sensibilidades e outras sensações, porque a Arte é movimento, é deslocamento contínuo, é produção e fluxo, é maquinaria... Máquina Desejante!

Para Deleuze e Guattari (2011), as máquinas desejantes são máquinas acopladas, cujo regime é “associativo; sempre uma máquina acoplada a outra” (p. 16). Há sempre um “e”, ou seja, uma produção que liga a alguma coisa, uma máquina produzindo um fluxo, mas também corte, não importa se isso é da ordem do consciente ou não, as conexões vão sendo feitas, e o corpo vai liberando toda uma linha de produção.

Deleuze e Guattari (2011) dizem “o desejo não para de efetuar o acoplamento de fluxos contínuos” e cortes contínuos (p. 16). Assim, todo esse trançado confunde o próprio poder, o próprio controle. Pois, o “desejo faz cortar” (p. 16), faz cortar, ao mesmo tempo em que estabelece linhas, movimentos translaçados, movimentos rizomáticos, movimentos nômades. O desejo faz velocidades, mas faz combinações com as suas lentidões entre

partículas, assim como o desejo está ligado aos afetos, as intensidades, ao campo de uma singularidade e seus graus de potência.

Um-vampiro-dormir-dia-e-despertar-noite. Sabem como é simples, um desejo? Dormir é um desejo. Passear é um desejo. Ouvir música é um desejo, ou escrever. São desejos. Uma primavera, um inverno são desejos. A velhice também é um desejo. Mesmo a morte. O desejo nunca deve ser interpretado, é que ele deve ser experimentado. (DELEUZE, 2004, p. 118).

Movimentados pela máquina desejanter, a arte, o corpo e a sexualidade reivindicam o seu próprio uso; saltam de algum modo para o campo que impõe como questão: se o desejo não é falta, mas produção, as máquinas sociais tentam inventar de todas as formas os seus regimes de codificação. É possível notar que cada sociedade criou para si o seu regime, da sociedade primitiva à sociedade civilizatória, cada *sócius* inventou seus regimes de contenção.

Deleuze (2014), por exemplo, não deixou de pensar, de ruminar a questão da sexualidade e fez dela um problema filosófico que faz passagens diferentes em seus escritos. Ele afirma que a sexualidade é uma abstração real fundada, como se dissesse, a sexualidade não deveria ser uma questão de debate, de estudo, pois é movimento singular que passa pela singularização de cada corpo movimentado pelo fora, é pura diferença e, infelizmente, não é uma questão que pode ser esquecida, na minha perspectiva. Pois, por mais que ela seja falada, se fala para controlar, pedagogizar, instrumentalizar, pontuar condutas, forma de movimentos. Se diz que a sexualidade agora é livre, essa pseudo-liberdade é para cada vez mais ser vigiada, dirigida. Torna-se para mim, a necessidade de por em questão.

É interessante notar que Deleuze e Guatarri (2011) fazem uma espécie de passagem da questão da sexualidade para discutir o desejo, ou tensionar essas questões, o que implica uma diferença crucial, pois mais do que a sexualidade como uma abstração real fundada, os desejos que passam em meio as suas conexões, arrastam paisagens inclassificáveis, sem nomes e sem moradas, e colocam movimentos não controlados para o seu uso, em certa medida. Por isso, há todo um processo de insistência em seu comando e clausura.

O tema da sexualidade foi atravessado e translaçado nos seus maiores textos, tais como: *Proust e os Signos*, *Crítica e Clínica*, *O Anti-Édipo*, *Mil*

Platôs, no texto prefácio, ao livro de Guy Hocquenghen, publicado na *Ilha Deserta*, com o título *L'après-mai des faunes*, os estudos sobre *Francis Bacon*.

O tema em cada livro toma pontos de profundidade radical que combinava com o próprio pensamento filosófico. Deleuze passa de suas primeiras obras, como *Proust e os Signos* e chega ao *O anti-Édipo* com uma leitura profunda sobre o tema, demarcando seu interesse e importância tal como fez Foucault, na filosofia. Claro, as leituras completamente diferenciadas dos dois autores sobre o tema.

Assim, é possível dizer, por exemplo, que o tema da homossexualidade é uma inspiração para Deleuze, de acordo com Scherer (1999), pode fomentar suporte para a sua filosofia da diferença e isso é muito importante dizer. O tema passa pela própria construção do seu pensamento criativo da filosofia da diferença deleuziana. Segundo Scherer (1999), o tema, para Deleuze, recusa a representação e as suas análises. Afirma que a homossexualidade está para além de um nome, o que são enunciados homossexuais, querendo também afirmar que se leve a sério, para restituir o que há efetivamente de alteridade para se saber que ela devolve um devir sexual por vir.

Deleuze (2006) sugere que há uma sexualidade ainda por vir que percorre o puro campo da não referencialidade. Assim, o tema da homossexualidade está para além das leituras comuns, não remetendo ao igual e nem ao uno, conforme sugere a gramática, nem a identidade, ela percorre a diferença, ela se abre:

[...] a todas as espécies de relações novas possíveis, micrológicas ou micropsíquicas, essencialmente reversíveis, transversais, com tantos sexos quanto há agenciamentos, não excluindo sequer as novas relações entre homens e mulheres: a mobilidade de certas relações, as potências do travesti, as trinta e seis formas de amor à Fourier, ou os n-sexos (nem um nem dois sexos). "Não se trata mais de ser homem ou mulher, mas de inventar sexos, a tal ponto que um homossexual homem pode encontrar numa mulher os prazeres que um homem lidaria, e inversamente". (DELEUZE, 2006, p. 361).

Com isso, é possível observar que não se pode trabalhar a questão da sexualidade, por vias desses pensadores da diferença, sem levá-la para o campo da filosofia e do pensamento. Esse entendimento fez com que eu passasse a pensar no Ensino de Ciências por outras vias; mas eu sabia que estava, cada vez mais, entrando em um campo muito espinhoso. Contudo, têm

coisas que vão carregando nossas vidas, e eu me sentia carregado por alguma coisa... Um desejo enorme de sair do escuro, do caos, mas me via cada vez mais próximo dele. Como algo que não queria voltar. Colocava-se para mim o seguinte pensamento: ir até onde suportaria ou desistir... Sem saber ao certo, fui me arrastando como um corpo morto, carregado por algum sopro de vida, exigindo de mim levanta! Levanta!

Eu precisava fazer alguma coisa... Era empurrado pelas forças externas e pelas forças dos meus encontros com as leituras... Os fios de um tear ou teares? Eu já não tinha mais um corpo, mas pontos, multiplicidades, pequenos explosivos, fissuras, fragmentos de vidas percorriam leituras, movimentos, mobilidades; cartografias múltiplas estavam ou estão sendo postas; e eu, não sei quem sou... Corpo resto. Esse movimento de escrita carregava outras vidas não ditas, um pequeno cálice, em noites caladas, poderia multiplicar o que estava na espreita, era assim que pensava.

Para Deleuze e Guatarri (2011), o tema da sexualidade, não está ligado necessariamente a binaridade do sexo. Para os autores, ela se desreferencia dessa linguagem e percorre a superfície do corpo, um corpo não estruturado, organicista, mas um corpo afetado por relações, junções, disjunções, vidas... Um corpo ao modo de Espinosa (1973) que é atravessado, agenciado, conectado por seus encontros e suas potências.

O campo da homossexualidade – na perspectiva deleuziana –, por exemplo, envolvido pela sexualidade, mostra que a sua leitura não entra pelas linhas de uma identidade em si, uma categorização, nem uma questão de escolha; mas a manifestação sexual/homossexual é um deslizamento, uma composição, não uma orientação, mas um corpo que atravessa os efeitos para além do pensamento identitário. E por ser um deslizamento desafiador “que toma do caos determinações” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 68), compõe os movimentos e os seus traços que se dobram, fazem deslizamentos, percorrem o campo da imanência⁵ e as suas contingências.

⁵ Sobre essa questão difícil na obra de Deleuze que atravessa o seu pensamento e sofre modificações, implicações, montagem, desmontagem em algumas obras, como em *Diferença e Repetição*, *O Anti-Édipo*, *Mil Platôs*, *O que é filosofia?* Até chegar ao seu último texto *Imanência*... Uma vida, o termo vai ‘sofrendo modificações’. Para o texto, não tem uma preocupação de ordem analítica dos seus movimentos conceituais, tomarei e farei algumas torções para urdir aquilo que é necessário para o texto/pesquisa.

O corpo atravessado por potências não identitárias, é um corpo sexual que gira para além da representação fixa. Não se trata de se fazer reconhecer, ou mesmo de se colocar como sujeitos de direitos, mas trata-se de viver, pois o corpo gira para novos lugares, mesmo não declarados ou entendidos, mas, tudo isso não é uma questão de entendimento e nem de declaração, no final das contas.

Assim, a homossexualidade não é uma opção, uma categorização, uma escolha, uma patologia, um problema de estudo, de analítica, e sim de política e ética-estética, para Deleuze e Guattari (1992). Há nesse caso, uma manifestação física corporal que lança a sexualidade por vias impossíveis de serem classificadas por fixidez da ciência, por exemplo, ou mesmo de uma transcendentalidade. Esse corpo homossexual perverte a contestação de uma norma, de um padrão edificante de culpabilidade. Nesse deslizamento, o corpo vaza para além das codificações. Isso, para mim, sugeria a criação de um campo de imanência, um plano de investigação para os meus estudos.

O plano de imanência é como um corte do caos e age como um crivo. O que caracteriza o caos, com efeito, é menos a ausência de determinação que a velocidade infinita com a qual elas se esboçam e se apagam: não é um movimento de uma a outra, mas, ao contrário, a impossibilidade de uma relação entre duas determinações, já que uma não aparece sem que a outra tenha já desaparecido, e que uma aparece como evanescente quando a outra desaparece como esboço. O caos não é um estado inerte ou estacionário, não é uma mistura ao acaso. O caos caotiza, e desfaz no infinito toda consistência. O problema da filosofia é criar uma consistência, sem perder o infinito no qual o pensamento mergulha. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 53).

O plano opera seleção, cortes, o que fissura o pensamento, que vai promovendo variações, um folheamento. O plano não tem certezas fixas, mas como dizem Deleuze e Guattari (1992) “miragens do pensamento” (p. 67). O plano faz o corte no caos, e busca o apelo à criação de outro pensamento ligado aos movimentos, desmensurado, levando o limite do pensamento à máxima potência. No plano se vive uma experiência com a criação/pensamento, antes mesmo de esboçar qualquer problema/questão.

O plano de imanência, como diz Gil (2008) “implica uma experimentação tacteante, e o seu traçado recorre aos meios pouco confessáveis, pouco

racionais e razoáveis”. São meios da ordem do sonho, de processos patológicos, de experiências esotéricas, da embriaguez ou excesso “[...] Porque se experimenta o excesso, abre-se um campo livre” (p. 222).

A construção de um plano vai depender da matéria que se agencia, por isso, se depende de infinitos planos. Desse modo, é necessário pensar e traçar um plano que permita a possibilidade do pensamento fazer movimentos, de um pensamento ainda que seja deslocado, sendo sempre a intensidade máxima presente. Assim, a homossexualidade, não como uma categoria, mas o plano de imanência da diferença como suporte que explode as classificações fixas.

Essa é uma questão que gira nas vias micromoleculares da sexualidade e do corpo, não como infraestrutura, um fundo, uma substância, e sim como um fluxo, devires que percorrem a vida, a sexualidade, assim, não é uma infraestrutura. Ela é vista como um deslizamento, um corpo que fissura, não pode ser lida como uma categoria identitária, do mesmo modo que não pode ser entendido como categoria sexológica e nem científica, para mim, aqui, o corpo transborda por todos os lados.

A questão sobre o corpo vai para fora de uma questão clínica, psicanalítica ou mesmo biológica. Ela é uma distribuição, não é um sentido do corpo humano, não é uma unidade, que pode levar a separações de binarismo entre sexos, por exemplo, “Eu sou homem”, “Eu sou mulher”, “Eu sou do sexo feminino”, “Eu sou do sexo masculino”, ou “Eu sou homossexual”, ou “Eu sou heterossexual”, pois “não se trata de um sujeito homossexual, mas de produção homossexuais do desejo” (DELEUZE, 2006, p. 361). Para mim, a leitura desses autores, foi aos poucos me fazendo pontuar a temática da sexualidade para meus estudos e, ao meu modo, sem fidelidades interpretativas ou fazendo minhas ligações e meus desvios com esses autores.

Entendi que para dialogar com esses autores, seria necessário fazer uma espécie de salto de interpretação para além do pensamento destes, do igual, do semelhante. A sexualidade não poderia ser entendida como um núcleo, ou mesmo entrando no campo da identidade dos sexos, ela vai para além de tudo isso. E dizem com todas as letras, em uma leitura radical e surpreendente “somos heterossexuais estatisticamente ou molecularmente,

mas homossexuais pessoalmente, quer saibamos ou não, e, por fim, transexuais elementarmente, molecularmente” (DELEUZE, 2011, p. 97).

Com isso, outra questão era apontada para mim. O corpo sexuado, vivo, não pode ser interpretado, explicado por categorias. O corpo percorre o plano do *trans* (outras maneiras, outros afectos, outros lugares) como forma de inventar para si uma passagem, uma travessia, um *entre-lugar* dos devires, isso quando afetado por seus agenciamentos desejantes. E isso não é uma regra, pois esse corpo sexuado faz seus movimentos envolvidos por uma série de situações reais e práticas, que assinala movimentos, recuos, negações, afastamentos, modulados por um sistema de códigos, de regras, de condutas morais.

Em certos acontecimentos, dobrados pelas não codificações e regimentos, esse corpo sexuado transita em situações e relações sem o peso do castigo e da culpa. Então, essa profundidade do corpo sexuado, essa base sólida dada pelos costumes, pelas leis, pelos castigos, que o insere em um campo moralizante, por vezes, entra em liquidez, em fluidez, ou mesmo se deixa caminhar pela superfície, pelo meio. Isso não se quer dizer que está fora da sociedade e seus códigos, mas que reivindica para si o campo da diferença, aí o organismo faz devir (em processos desejantes outros), sendo movimentado pelos acontecimentos dos agenciamentos produtivos do desejo.

Essas conexões – corpo, sexualidade e desejo – estão envolvidas por potências, forças, intensidades, aquisição de afectos outros. Por isso que, para Deleuze e Guattari (1997), o devir não é uma correspondência de relações, o devir busca sempre o escape da moldura e da modelação para promover a heterogeneidade.

Não há identidade, e sim vida em seu sentido múltiplo, força, atravessamentos, pois como Nietzsche (2001) pontua na sua obra *a Gaia Ciência*, a vida não pode ser argumentada. Os argumentos sempre são obsessivos por demonstração, mas o corpo, as linhas, as zonas, as multiplicidades, as forças, as lutas, os movimentos, os fluxos, os deslocamentos, o repouso, as correntes não podem ser demonstradas em sua linearidade e unicidade. Para essa perspectiva, há construções de vida, de

espaço, de meios em que se pode fazer trânsito, mesmo rudimentares, pois vida é sempre um tear-afetar.

Então, pensei: e agora? O que fazer? Foi uma corrente de água que foi jogada no meu corpo e um choque elétrico na minha cabeça. Cadê a minha tese? Pois, algo era posto para ser pensado/ruminado. A identidade! Isso vinha de forma imediata em meus pensamentos, coisa que nunca havia pensado antes. Pois para mim, tudo parecia normal, tinha que ser assim... Como pensar essa questão que se fez presente ao longo da tradição do pensamento, que carregou formas de cultura, modos de vida e existência? Como desmontar minha própria forma de ver o mundo, de ver o corpo e a sexualidade? Eu mesmo me via, muitas vezes, como um corpo que não agia corretamente, um corpo que não fora bem sucedido, mas até que ponto sou eu que falo?

Como pensar esse desreferenciamento quando ainda se vive em um sistema de fixidez da vida? A questão me leva para pensar outros modos de existências, o que desmobilizou até mesmo como eu via a questão. Entendi que o meu problema deveria percorrer essas vias, mesmo sabendo, como afirma Gallo (2014) que:

estamos colonizados pela filosofia da representação e, em seu contexto, percebemos a diferença em relação ao mesmo e não em relação a si mesma. A lógica da representação é centrada no princípio de identidade, que afirma que uma coisa é idêntica a si mesma [...] A diferença é pensada, portanto, sempre em relação à identidade. (p. 186).

Com isso, a diferença não passaria de um debate vago e sem sustentação, não saindo do seu contexto é algo que pode ser respeitado e tolerado. Era aos poucos, pois não foi fácil esse entendimento para mim, depois dessas entradas e conhecimentos. De algum modo, eu notava que alguma coisa estava à espreita. Alguma coisa da ordem da diferença se espalhava.

O corpo sexuado resiste à semelhança, a ordem do único, e desenhava em minha mente. Todavia, a sexualidade não sendo uma categoria, não poderia ser vista como uma regra, um centro comum, como exige a representação,

a representação deixa escapar o mundo afirmando a diferença. A representação tem um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, uma falsa produtividade, mediatiza tudo, mas não mobiliza nem move nada. O movimento implica, por sua vez, uma pluralidade de centros, uma superposição de perspectivas, uma imbricação de pontos de vista, uma coexistência de momentos que deformam essencialmente a representação: já um quadro ou uma escultura são “deformadores” que nos forçam a fazer movimento, isto é, a combinar uma visão rasante e uma visão mergulhante, ou a subir e a descer no espaço na medida em que se avança. (DELEUZE, 2006, p. 121-122).

Entendia que a questão implicava uma produtividade, uma pluralidade de centros, uma coexistência de momentos que deformam a forma, que deformam a representação e assim, percorrem não o fundo, mas a superfície.

Foi por esse percurso e com esse movimento que cheguei ao **Problema: um translaçado da sexualidade com a arte tece possibilidades de sensações no Ensino de Ciências?** A inquietação sugere que se percorra um tear, junções de fios de pensamentos, sensações em arte com a sexualidade, o corpo por entre deslizamento da sexualidade, corpo translaçado, que desafia a identidade e as classificações fixas, produzindo uma sexualidade desreferenciada, para além do “sujeito” fixo, maquinação de “produções desejanter” abertas, percorrendo a não divisão do sujeito, expurgando rótulos, estigmas e clausuras.

Essa sexualidade desreferenciada escapa à norma, o padrão normativo da identidade e faz um salto com a forma, com as categorias e maquina um tear para si e modos de existência, outros fios, outras linhas, para além das unificações binárias de sexo, transversalizando no Ensino de Ciências uma sexualidade pelas linhas sinuosas da diferença, por teares e afetos moleculares, desmobilizando práticas rígidas e molaes.

Por isso, a minha **Hipótese** é que a sexualidade, um campo de estudos no Ensino de Ciências translaçada com a arte, atravessa toda a potência produtiva desejanter e desvincula-se do campo minado da heteronormatividade, para exercitar o corpo por vias das distribuições, devires, passagens, escapes, linhas de movimentos que impõem para si outros modos vitais para além dos padrões edificantes de um pensamento deste.

Com isso, emergem as seguintes **questões para esta tese**: com a arte é possível problematizar a sexualidade no Ensino de Ciências? Com a arte é possível tear um novo-outro pensamento para o Ensino de Ciências no que

tange a sexualidade? Com a arte é possível movimentar a sexualidade no Ensino de Ciências?

Os **Objetivos** desta tese: **Geral** – Tecer um translaçado da sexualidade com a arte com vistas a suscitar sensações no Ensino de Ciências. **Específicos** – Problematizar a sexualidade com a arte; tecer um novo-outro pensamento sobre sexualidade no Ensino de Ciências; movimentar a sexualidade com a arte no Ensino de Ciências.

O desafio posto foi tecer um estudo para problematizar a sexualidade por meio de sensações e produções desejantes que deslizam o padrão disciplinar e identitário e tensiona corpos que comportam a diferença e como eles diferem. Cartografar os modos que esses corpos percorrem essa sexualidade e problematizar as classificações binárias para criar outras linguagens para além da ciência régia. Problematizar o modo como a arte, nesse entre lugar da sexualidade, mobiliza outra materialidade sexual e corporal para além da representação identitária. Pensar os modos de como esse corpo inventa para si políticas e estéticas vitais menos opressoras que escapem as codificações epistemológicas fixas pelo exercício de sua sexualidade. Tecer e translaçar vias da diferença no Ensino de Ciências com a Arte, que comportem outros corpos, outras sexualidades no entre espaço da ciência por vias da diferença.

Transversalizar, translaçar, margear contornos, fazer torções, variações, (re)puxar fios e produzir sensações com o pensar foi a linha condutora da tese que procurou trabalhar com um tema e uma literatura margeada pelos estudos da diferença. O tema se justifica por renovar os estudos da sexualidade e apresentar uma leitura ousada, vinculada aos estudos da filosofia da diferença, mostrando o corpo e a sexualidade, como componentes da diferença em seu sentido radical na área do Ensino de Ciências.

O tema é abordado pelo campo da ciência, pela pedagogia escolar, estudos culturais de gênero, que percorre outras linhas de conexões para pensar uma sexualidade em fluxo, sem fundo, retirando-a do campo minado da representação. Essa questão, por si só, já mostra uma contribuição renovada para o campo dos estudos da Educação em Ciências, inclusive, na área das

ciências e seus estudos escolares, campo minado por toda uma discussão padronizada e catalogada.

A tese se movimentou nesses fios, teares, trançados e translaçados, que percorrem o corpo e que convidam o experimentador a pensar sensações e a movimentar a vida por outras vias não silenciadas. Um corpo que está ligado por suas volições, afetos e não por significações, explicações, codificações. Corpo que percorre o efeito de tornar-se o que se é pelo exercício de seus devires, de seus n'sexos.

O **Quarto Fio** se aproxima, para trançar a textura, a tecelagem do percurso metodológico, informando quem e o que envolvi nesse translaçado tear-tese.



Quarto Fio

Trançando um percurso

Você não descobriu, você inventou.
Friedrich Nietzsche

n

este quarto fio se tecem os caminhos do tear-tese que foi alinhavado por meio de uma pesquisa transversalizada pelas linhas e fios da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari e seus intérpretes (sem ser uma pesquisa filosófica), inspirada por outros intercessores e autores que dialogam com a formação de professores e o Ensino de Ciências e pelas expressões e experimentações do pesquisador – autor e dos estudantes-autor (futuros professores de ciências).

O tecido foi sendo fabricado, movido, removido, colorido, entrelaçado por outro procedimento que Deleuze (2004) chama de efeito *zigzague*, que é atravessado, em dois, mas que pode ser três, quatro, um “efeito compton”, “efeito kelvin” (p. 6). Um termo não vem do outro, cada encontro é outro, aquilo encontrado não pode ser mais comum a dois, pois as ligações deixam de ser um com o outro, há gestão de outro, mas está sempre entre dois, entre alguma coisa, cada um efetiva um encontro próprio, fazendo assim um bloco singular, uma espécie de evolução a-paralela. Deleuze e Parnet (2004) falam de uma espécie de dupla-captura, pois:

[...] encontrar é descobrir, capturar, roubar. Mas não há um método para descobrir, apenas uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo. É assim que se cria, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico. (DELEUZE; PARNET 2004, p. 17).

Por isso, a pesquisa tomou a sugestão de Deleuze e Parnet (2004), de roubar ideias, conceitos vindo de lugares, de lugares diversos, ou mesmo roubar Deleuze, Guattari, Nietzsche etc... Não para fazer como eles, e sim para pensar, embaralhar, torcer o pensamento com eles e para além deles.

Não houve nenhum compromisso com a fidelidade, e sim com a inspiração, intuição, vagas ideias, traçando pontos zigzagueantes e criando com perceptos. O lugar da pesquisa é a Arte, que não tem nada a ver com a arte da representação, mas que fomenta uma espécie de pensamento criador, sem representação, e enriquecida por processos experimentais que se pôde

por em jogo, em cena, para se armar uma pintura ou mesmo uma canção produtiva para pensar acerca da sexualidade, “a arte oferece possibilidades de improvisar, transformar, entrelaçar os conhecimentos e entrar no terreno criativo de cada um” (FERREIRA, 2010, p. 15).

Para pensar acerca da sexualidade, componentes diversos foram experimentados, por meio de linhas quebradas, que fluíram sem se resignarem a não divergências. A sexualidade é experimentação de um corpo, de corpos, de pensamentos e movimentos (FOUCAULT, 2014), que se trançou no tear-tese, que tentou fugir da representação; uma escrita por fios, linhas e emaranhados de ideias, tecendo o pensamento. Nessa condição, o tear-tese procurou os agenciamentos, as conexões, os encontros para fomentar uma espécie de composição dissimiles/heterogênea. Processo de pesquisa-estudo experimental encharcada de tatear, balbuciar, gaguejar palavras, linhas, frases inventivas com palavras e escrituras.

A pesquisa teceu um tecido em movimento, em que os problemas são apenas paisagens do pensamento, vagas paisagens, pois não visa imprimir uma verdade, um dado, mas vai dialogando com o perspectivismo, tal como Nietzsche (1998) sugere um olhar em multiplicidade, que vai sendo aberto para campos livres de experimentação do pensar, para escapar das finalidades definidas, percorrendo um campo geográfico e histórico, indo por orientações, deslizamentos, direções, entradas, saídas, um devir, modo de escape, pois como referem Deleuze e Parnet (2004):

Devir nunca é imitar, nem fazer como, nem uma sujeição a um modelo, seja ele de justiça ou de verdade. Não há um termo de que se parte, nem um ao qual se chega ou ao qual se deva chegar. Também não há dois termos intermutáveis. A questão “o que tu devéns” é particularmente estúpida. Porque à medida que alguém devém, aquilo que devém muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos [...]. (p. 12)

Na pesquisa transversalizada, como dupla captura, um entre-lugar, sensações foram formadas, sabendo da inexatidão das palavras e até mesmo dos possíveis sentidos e de suas conexões. Com isso, os procedimentos inspiraram outras maneiras de escrever e ler. É sabido que Gilles Deleuze e Félix Guattari comporão suas escrituras por um feixe de cristalizações diversas,

sendo difícil para o leitor fazer cortes nos seus pensamentos, visto que escrevem de forma rizomática. Além disso, são filósofos que transversalizam diferentes áreas de conhecimento em seus estudos, da filosofia – a ciência – a arte, como perceptos e afetos que se envolvem.

Os textos de Deleuze, por exemplo, passam por toda uma linha de variação que deixam o leitor sempre em desvios reflexivos; por esse motivo, o que se pode fazer para tentar um acompanhamento desse percurso teórico é navegar com certa orientação do conceito, mesmo que não se deseje sequer pensar como, mas a partir de.

Isso fica para os filósofos, pois aqui, serão tomados conceitos apenas como potências disparadoras do pensar, ou seja, de deslocar, inspirar, movimentar, desalinhar o pensamento para o objeto em questão – sexualidade –, tema que busca margear certo entendimento como um tornar-se o que se é, ao modo de Nietzsche (2014), para que “alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os momentâneos desvios e vias secundárias” (p. 48).

O tornar-se o que se é, remete para uma substancialização, e é um experimento de si, é passagem, é travessia, é meio e não um *telos*, portanto, é um movimento estético, construtivo de si.

Um corpo que resiste aos modos da identidade, da classificação petrificada, exercita um pouco de si, sem os pudores da culpa e do horror, visto que, os autores entrelaçados a este tear-tese, buscam retirar a sexualidade da culpa, da punição e do castigo, pois, com bases neles, a sexualidade é liberada por todos os processos vitais.

A geografia do pensamento tomou alguns conceitos-notas que foram os fios, linhas de imbricações para a reflexão; mas alerta, não foram movimentados do mesmo jeito, foram tomados e trançados de pensamentos, exercitando outras sensações e novas cores-emoções; os fios foram: corpo, sexualidade, desejo, identidade. Com isso foi possível balbuciar contornos de processos inventivos de experimentações com a empiria.

Para a movimentação, foi realizada uma aproximação com a “cartografia como método de pesquisa-intervenção” (PASSOS; BARROS, 2012, p. 17),

inspirada na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e sua parceria com Félix Guattari; a cartografia como método escapa às normas de conduta como um produto prescrito, linear, retilíneo e final. A cartografia proposta, não é mapear, ordenar e delimitar territórios, e sim, produção constante de linhas e fugas, fluxos, desterritorialidade, desestratificação, multiplicidades e...e... (DELEUZE; GUATARRI, 2011a).

Ocorreu imersão em um campo, com sujeitos, fenômenos, sabendo-se que toda pesquisa necessita de teoria e prática, empiria e ciência, porém o processo é de intervenção. Na cartografia proposta por Deleuze como método, não há distanciamento do objeto com o pesquisador, pelo contrário, exige-se um envolvimento de criação, invenção e produção, o processo é justamente provocar uma inversão dos métodos tradicionais de pesquisa (PASSOS; BARROS, 2012).

Em uma cartografia, um objeto de pesquisa é tomado apenas como testemunho de uma vontade de viver, de durar, de crescer e intensificar a vida. Em quais criações a vida pode entrar, que outros modos de existência em educação podem ser criados. A criação torna-se mesmo a Gênese do método cartográfico. Método que varia com cada autor e faz parte da obra (DELEUZE; GUATARRI, 1997b), criador de fluxos de experiências notáveis, de sensibilidades e ações sobre as disposições sensório-motoras e capacidades intelectuais. Linguagens, raciocínio, coordenação, explicação, medição, compreensão, notação, operações, relações simbólicas, geometrias das imagens, acordos e contrastes, sequências infinitas, equivalências, repetições, variações estão em jogo na criação de uma cartografia [...] O problema de uma cartografia não é um tesouro a ser descoberto em uma ilha perdida, é seu objeto de criação. (OLIVEIRA, 2014, p. 287).

Pensar a pesquisa cartográfica não é fácil, é perturbador, é mobilizador, é desequilibrado, já que a proposta é (des)conectar ideias, desejos, caminhos, experimentações, sensações, buscando não demarcar direções e nem verdades de pensamentos conceituais, e sim transversalizar ideias, problematizar pensamentos e perspectivas na tentativa de compor um mosaico textual sobre sexualidade translaçado com a Arte para o Ensino de Ciências.

Se a potencialidade da pesquisa é criar e problematizar, a cartografia “apareceu não apenas como um caminho metodológico possível, mas também como um modo de conceber o encontro entre pesquisador e objeto de estudo” (OLIVEIRA, 2014, p. 282). Então, procurei tecer a pesquisa a partir de fios repuxados, fios coloridos, fios longos, fios curtos, fios ásperos, fios lisos e fios sinuosos, compondo um tear de pensamentos, criação, afectos e perceptos.

O primeiro movimento cartográfico foi representado por expressões e experimentações singulares do pesquisador-autor. Era preciso sentir, dar cor, colorir e fazer uma aproximação primeira, desbravadora e percorrer (sozinho) o lugar da pesquisa, a arte e produzir sensações.

Nesse sentido, foram escolhidas quatro manifestações da arte: a literatura, a rítmica, a cinematográfica ou fílmica e a visual. A partir das escolhas, foram produzidas as matérias primas para tecer as sensações: escrituras-cartas, poéticas musicais, obras de arte (telas), filmes.

As **escrituras-cartas**, como cartografias em transversalidade, foram solicitadas a amigos/amigas meus/minhas (usando pseudônimos) pela rede social – Facebook (Messenger) – que relatam suas experimentações e sensações sexuais, relatos de suas produções desejantes sem necessidade de demarcações. Essas cartas foram lidas nos encontros, formando um painel-reflexivo, ou texto-renda, texto-fio, texto-linhas de costura para compor o tecido criador das sensações literárias entre os jovens estudantes.

O pesquisador-autor trançou, experimentou, ziguezagueou, com base nas linhas e fios que sustentaram filosófica e teoricamente o tear-a-tese, fez sucessivas aproximações reflexões, incursões, atento ao que emergiria das manifestações da arte e se sinalizavam expressões, deslocamentos e movimentos do corpo e da sexualidade, do desejo e da identidade.

O segundo movimento cartográfico foram as expressões e experimentações plurais dos estudantes-autor, que denominei de **frases-recado** que foram produzidas ao final de cada encontro como sensações dos debates e reflexões acerca da sexualidade e discutir sexualidade no Ensino de Ciências.

A intenção foi tecer uma cartografia com os jovens estudantes, para mobilizar os pensamentos por outros fios, linhas, enlaces e romances acerca da sexualidade e a importância de abordar o assunto – sexualidade – nas aulas de Ciências. Tive então a ideia de movimentar estudantes dos cursos presenciais de Licenciatura em Ciências Biológicas e Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Estácio – Castanhal⁶ (cursos com que atuo desde agosto de 2012 como de professor), provocando um enlace de debates, fios de

⁶ A Faculdade Estácio Castanhal está localizada na BR – 316, Km 60 s/n, no Bairro do Apeú, no Município de Castanhal no Estado do Pará.

problematizações, tecidos de reflexões no que se refere à sexualidade no Ensino de Ciências.

O Ensino de Ciências ainda é muito enraizado nas questões de uma ciência régia, tradicional, biomédica, sanitária e positivista, e a escola necessita ampliar o exercício da interdisciplinaridade, nesse caso, com a Arte, tecendo um debate variante, costurado e desfiado por meio da filosofia da diferença, que escapa as representações e dogmas sociais.

Artistas, escritores, dançarinos e cientistas, conhecem de formas diversas e têm todos, sem exceção, importantes coisas a dizer sobre a vida e seus processos.

Reconhecemos, aqui, que o texto escrito é muitas vezes insuficiente para expressar tudo o que se produziu numa pesquisa. As linguagens plásticas, cênicas, visuais e/ou literárias podem fazer toda a diferença no momento em que passam a compor a caixa de ferramentas do investigador. Possibilitam distintos formatos narrativos com o intuito de facilitar a comunicação entre pesquisador e coletivo e, acima de tudo, desvelar novas sensibilidades. (CARVALHO; PARO; EICHELBERGER, 2012, p. 190)

Já que Deleuze e Guattari (1992) pensam a Filosofia como criação de conceitos, a Ciência como funções do pensamento e a Arte com perceptos e afectos, instituí no segundo semestre do ano de 2014, precisamente no mês de novembro, o **Grupo de Estudos Translaçados: Educação, Sexualidade e Diferença**, na Faculdade de Castanhal – FCAT (no ano de 2015, a FCAT foi vendida à Estácio, passando a denominar-se Estácio Castanhal).



O Grupo Translaçados foi o espaço privilegiado para a produção das expressões e experimentações. O Grupo passou a realizar encontros semanais (aos sábados), para leitura de textos dos filósofos da diferença e outros interlocutores da Educação e Ensino de Ciências que discutem a sexualidade e o corpo. Em outros momentos, o Grupo promovia palestras, diálogos e seminários durante a semana, abertos a toda comunidade acadêmica.

A movimentação dos estudantes nos encontros ocorria de maneira dinâmica, com uma agenda de atividades. Os textos eram apresentados com antecedência para que fizessem as leituras e pudessem participar das reflexões, bem como, problematizar as ideias nos debates.

Os movimentos eram sinuosos e de produção, envolvendo a arte como resultado de afecções. Cartografar é dar sentido, movimento, fluidez e exercício do pensamento, promovendo reflexões e problematizações, e nos encontros foi possível pensar sobre como fomos educados na escola, de uma maneira disciplinadora e fascista, com classificações e emoldurações para tudo, com controle e vigilância dos corpos, sem poder exercitar/movimentar a sexualidade que sempre foi um tabu entre as famílias, mas que hoje deve ser pensada de maneira molecular, líquida e transversalizada, principalmente nas aulas de Ciências, que possuem uma relação estreita com os conteúdos referentes ao corpo e a sexualidade.

A cartografia faz recortes em determinado espaço ou em determinado tempo, povoa de muitos modos com sujeitos e objetos e a eles confere um ritmo. As coisas ganham tons, intensidades, luzes, cores, temperatura, volume. A cartografia torna-se a própria expressão do percurso: mapas, dança, desenhos. [...] Um exercício de dispor o trabalho de pesquisa como uma operação de invenção da vida, de virtualização da existência, de potenciação do estar no mundo da educação, transfiguração das coisas, das palavras, dos territórios educacionais. [...] Despojada de qualquer imaginário instituído e cooptado pela norma, a cartografia é um incêndio; destrói e (re)constrói. (OLIVEIRA, 2014, p. 288).

O processo cartográfico foi desenvolvido com o objetivo de problematizar e destacar outras formas de pensar a sexualidade na vida e no Ensino de Ciências nas escolas e pensar-refletir sobre outros modos inventivos, criativos e não castradores de lidar com a sexualidade. Entendo que isso requer novas iniciativas inventivas dos professores no Ensino de Ciências,

daí a minha preocupação em envolver “professores em formação” nos debates e discussões acerca da temática sexualidade, provocando e perturbando a interdisciplinaridade com a Arte.

Os encontros do Grupo Translaçados, não têm em si nenhum efeito de conscientização “de”, e sim de problematização “de”, de cartografar os movimentos, os fios, as linhas do pensamento de professores em formação, jovens que, em sua maioria, foram educados por uma norma disciplinadora, cheia de tabus e vigilância.

No grupo encontram-se homens e mulheres que se classificam, como: héteros, gays, lésbicas, bissexuais, transexuais⁷, e outros que rejeitam classificações (gostam de pessoas).



Figura 1- Encontro do Grupo Translaçado na Estácio-Castanhal.

As estratégias, perceptos, construções-elaboraões e manifestações dos estudantes-autor encontram-se nos quatro fios que compõem o Tear II, a seguir apresentados. Foram translaçados às sensações das quatro dimensões da arte escolhidas, ampliando as reflexões e incursões teórico-filosóficas realizadas pelo pesquisador-autor.

⁷ Uma aluna transexual do Curso de Bacharel em Enfermagem da Estácio Castanhal participou do grupo. Sua presença contribuiu bastante para os debates e outras sensações do pensamento dos participantes.

A participação dos estudantes-autor foi voluntária e consentida. Também autorizaram a utilização das imagens fotográficas produzidas durante os encontros.

No próximo Tear, no Quinto Fio, Sexto Fio, Sétimo Fio e Oitavo Fio, revelam-se as sensações desejantes ensejadas pelo translaçar da sexualidade com a arte no Ensino de Ciências.



Tear II

**O Tecido que dá sentido à Tese:
Tecendo sensações com a Arte... E...E...**

“A invenção na arte mobiliza devires e sensações. Para Deleuze e Guattari, a literatura, o cinema e demais gêneros artísticos, produzem blocos de sensações que valem por si mesmas e ocorrem, independentemente, do seu criador (o artista), do público (aquele afetado pela obra de arte) e demais fatores externos”.

Wuldson Marcelo



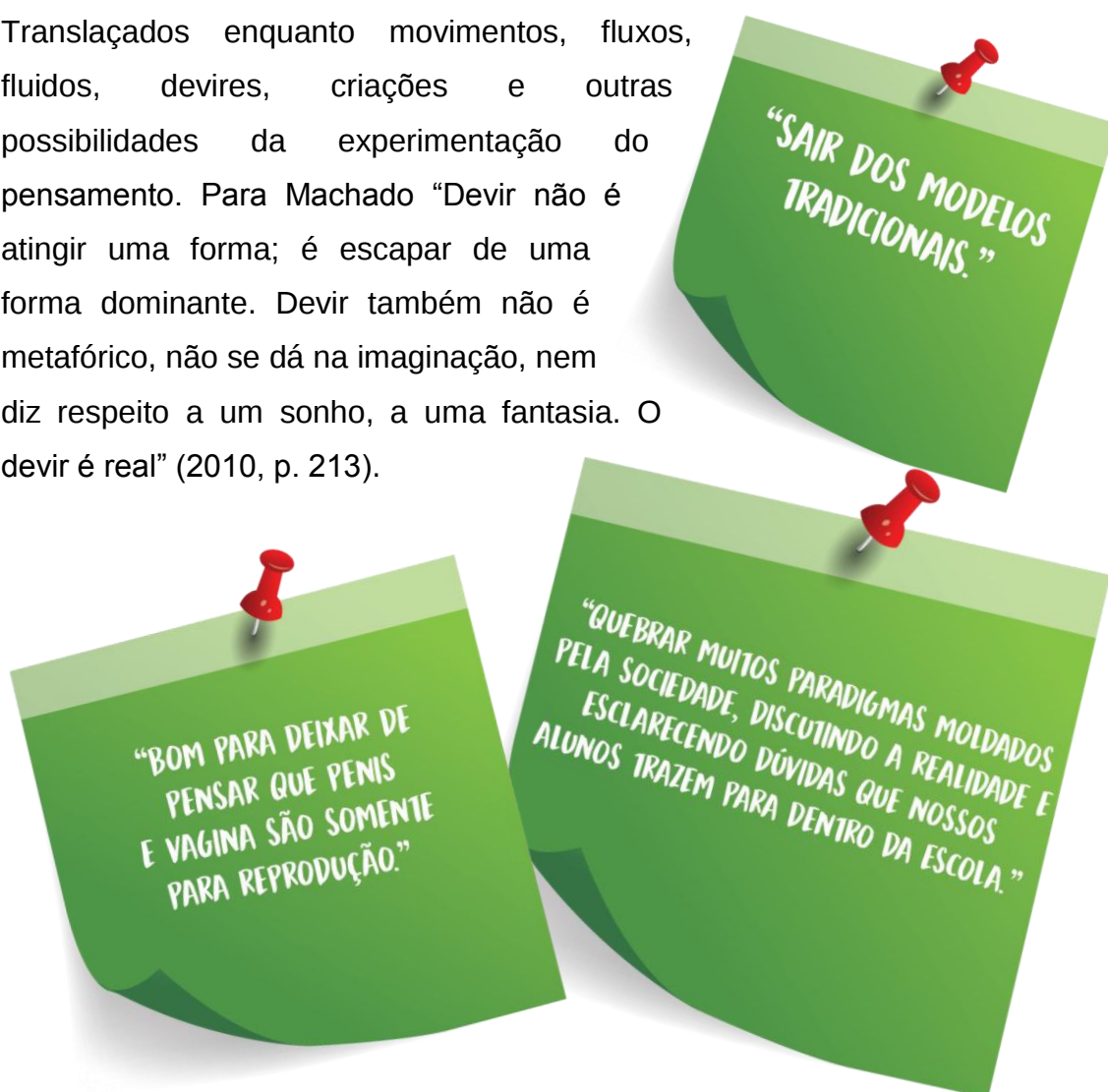
Quinto Fio

Sexualidade...

Sensações Literárias

“Escreve-se sempre para dar a vida,
para liberar a vida aí onde ela está aprisionada,
para traçar linhas de fuga.”
Gilles Deleuze

Inicio as sensações literárias para tratar do tema sexualidade, repuxando e tecendo com os perceptos dos estudantes expressos em frases-recado⁸. Aqui apresentadas na forma de painel de reflexão, e não tenho nenhuma intenção de interpretar, analisar ou fazer correlações textuais; são provocações e sensações a partir do que foi produzido nos encontros do Grupo Translaçados enquanto movimentos, fluxos, fluidos, devires, criações e outras possibilidades da experimentação do pensamento. Para Machado “Devir não é atingir uma forma; é escapar de uma forma dominante. Devir também não é metafórico, não se dá na imaginação, nem diz respeito a um sonho, a uma fantasia. O devir é real” (2010, p. 213).

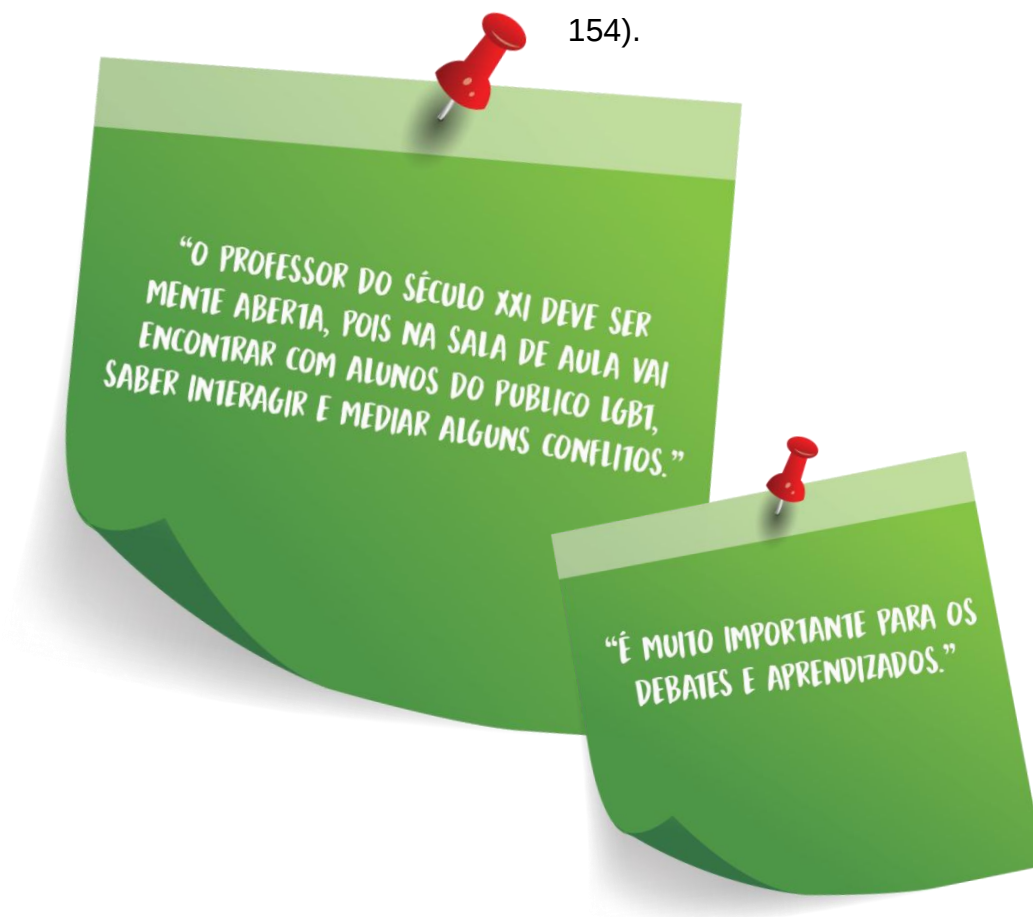


Sensações são movimentos, impressões, ligeirezas, força e violência, que buscam afecções e afetos. Trata-se de montar, fazer ou produzir uma ideia, um pensamento até mesmo ousando a criar novos conceitos. Mas

⁸ As frases-recado foram produzidas a partir das questões-problema “Sexualidade é...?” (cor amarela) “Por que é importante discutir sexualidade no Ensino de Ciências?” (cor verde), como anunciado no Quarto Fio.

para criar esses conceitos é necessário um plano de composição ou plano de imanência, tentarei fazer um tear-texto-sensações dessa composição, visto que “Deleuze pensa os afetos como um misto de sensações e instintos, chamando de sensações aquilo que determina os instintos em determinado momento e de instinto a passagem de uma sensação a outra” (MACHADO, 2010, p. 238).

Na Filosofia, na literatura, na pintura, no teatro, no cinema e na ciência, Deleuze buscou encontros produtivos para traçar seu processo de criação e invenção do seu pensamento da diferença (MACHADO, 2010). Aqui o desafio é pensar no ensino do tema sexualidade com as Artes, para viabilizar outros (des)caminhos para as aulas. Como Deleuze mesmo diz “o que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação à outra” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 154).



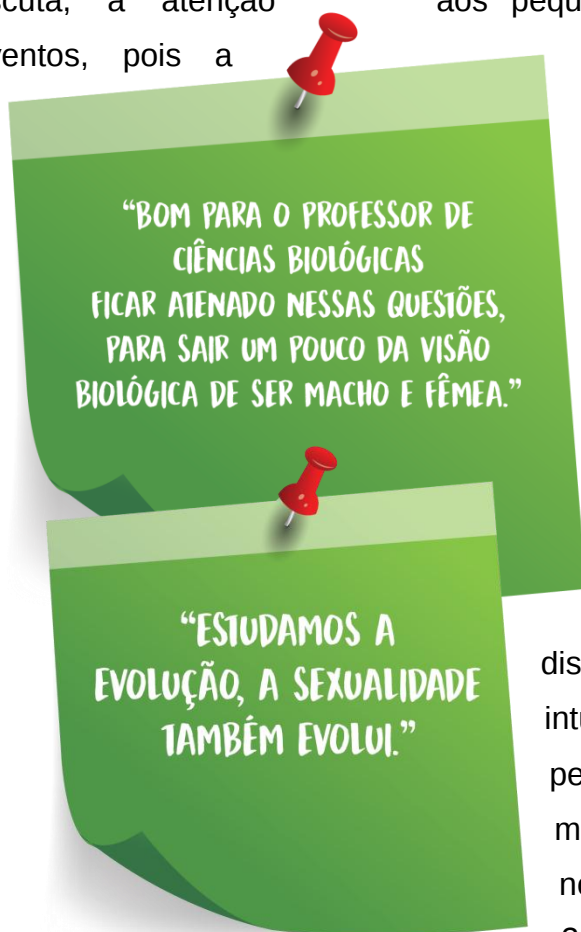
Por isso, o encontro entre as áreas do conhecimento, pode ser lido como um conceito para o autor, pois sem os encontros e as suas conexões não há criação, visto que nesses encontros é possível conectar linhas melódicas estrangeiras, e que não cessam de interferir entre si. Tais encontros podem vir

de qualquer lugar, de uma poesia, de uma conversa, de um filme, de uma pintura, de um livro de literatura, um livro de ciência, de um bilhete, de uma imagem fotográfica, de um animal, de uma planta; o fundamental é fazer a maquinaria de o pensamento funcionar para subverter/criar outras leituras e outros modos de interpelação.

Em uma perspectiva escolar, esses encontros podem ser pontos de partida de um processo interdisciplinar, no caso a relação das Artes com o ensino do tema sexualidade, para problematizar os debates no Ensino de Ciências, ao modo de Fazenda (2005):

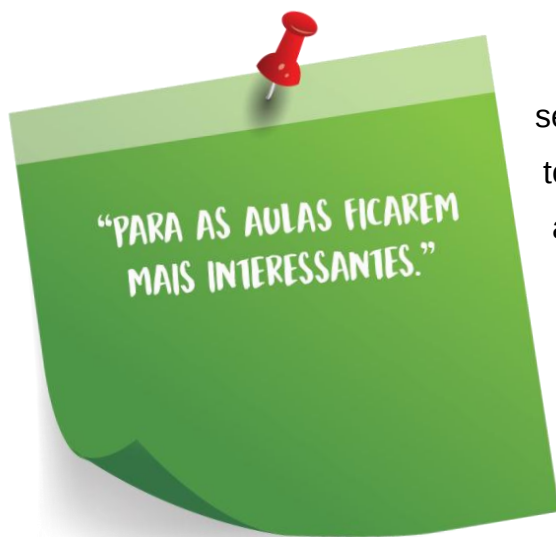
O que com isso queremos dizer é que o pensar interdisciplinar parte do princípio de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Tenta, pois, o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpretar por elas. Assim, por exemplo, aceita o conhecimento do senso comum como válido, pois é através do cotidiano que damos sentido às nossas vidas. Ampliado através do diálogo com o conhecimento científico, tende a uma dimensão utópica e libertadora, pois permite enriquecer nossa relação com o outro e com o mundo. (p. 17).

Nesse encontro de saberes, efeitos e apreensões, o fundamental é a escuta, a atenção aos pequenos detalhes, a concretude dos eventos, pois a



conexão dos sentidos vitais – paladar, olfato, visão, tato e audição – dão a tônica sensorial ao sujeito, em sentir, interagir, produzir e criar outros mecanismos de produções e relações a um conceito, a um corpo, a uma experimentação... e ..e.

Deleuze pensa por intuições, e “não se trata de intuir a partir do nada, uma ideia clara e distinta ou mesmo uma revelação; a intuição, em Deleuze, é um trabalho de pensamento que, articulando multiplicidades de conceitos, intui novos conceitos” (GALLO, 2003, p. 38).



Para esse tear-tese, a criação e as sensações foram fundamentais, pois se tornaram intercessores, sem eles – elas, as sensações – não há movimentação, não há obra, mas esses intercessores são criados, são fabricados. “Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê” (DELEUZE;

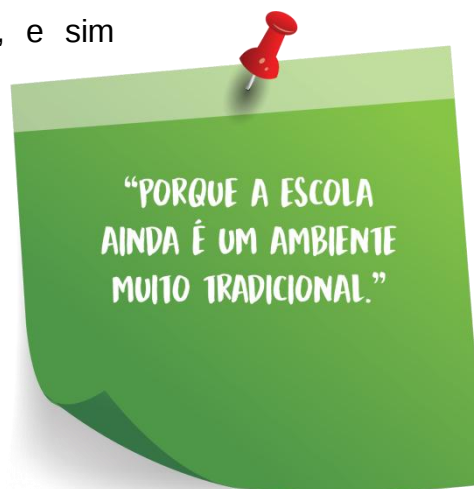
GUATTARI, 1992, p. 156).

Portanto, para Deleuze e Guattari (1992), é preciso fabular, pois com isso é possível criar um povo. A fabulação é um modo como se cria a constituição de um movimento que não existem ou pré-existam, mas que se formam em flagrante delito. Para criar um povo é fundamental se mexer, sair do lugar, cavar fissuras, buracos, linhas, vazios, entre-lugares, resistindo ao dado, se fomentar um processo de constituição, pois a verdade não é da ordem da descoberta.

Essa ideia de que a verdade não é algo preexistente, a ser descoberta, mas que deve ser criada em cada domínio [...] Não existe verdade que não ‘falseie’ ideias preestabelecidas. Dizer ‘a verdade é uma criação’ implica que a produção da verdade passa por uma série de operações que consistem em trabalhar uma matéria, uma série de falsificações no sentido literal. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 157).

Se as verdades não são dadas, e sim criadas, cabe ao inventor, fabricar um plano de composição que põe o seu criador “acéfalo, sem cabeça [...], pois, um pensamento forçado a pensar, compulsivo, impessoal” (LINS, 2012, p. 17). Deleuze fez isso e ele afirma, em sua obra em parceria com Guattari, que o trabalho do Filósofo é criar conceitos, ele é o amigo do conceito (DELEUZE;

GUATTARI, 1992), assim, a filosofia não é passiva, pois se cria para ver o



mundo de outra maneira, se cria para se intervir no mundo, para se transformar o mundo.

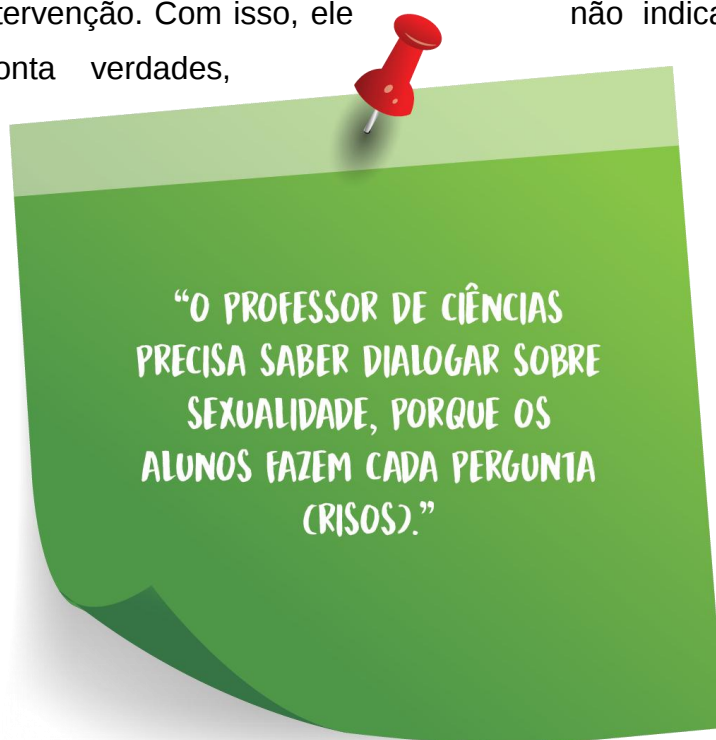
Portanto, para os autores não há um idealismo do conceito, não se trata de dizer que é uma ideia abstrata, transcendental, fora da realidade, o conceito é imanente, transformável, modificável, o conceito entra em uma composição, em movimentação e, por isso, o pensamento entra em um movimento cartográfico, “num trabalho de aproximações, de conexões, de encontros, de cruzamentos e de interferências entre noções e conceitos aparentemente diferentes ou similares. Em outros termos, penso num agenciamento ou num pensamento rítmico, que passa necessariamente por uma escrita dançarina” (LINS, 2012, p. 18).

O conceito é assim uma espécie de agenciamento, portanto, não pode ser achado, descoberto, encontrado, mas produzido, criado, sendo uma ferramenta de leitura, de intervenção. Com isso, ele não indica, não soluciona, não aponta verdades, resultados, tudo que poderia fechar ou enclausurar o pensamento, ele põe a agitação no pensamento. Há todo um estatuto pedagógico para o conceito, uma paciência do conceito.

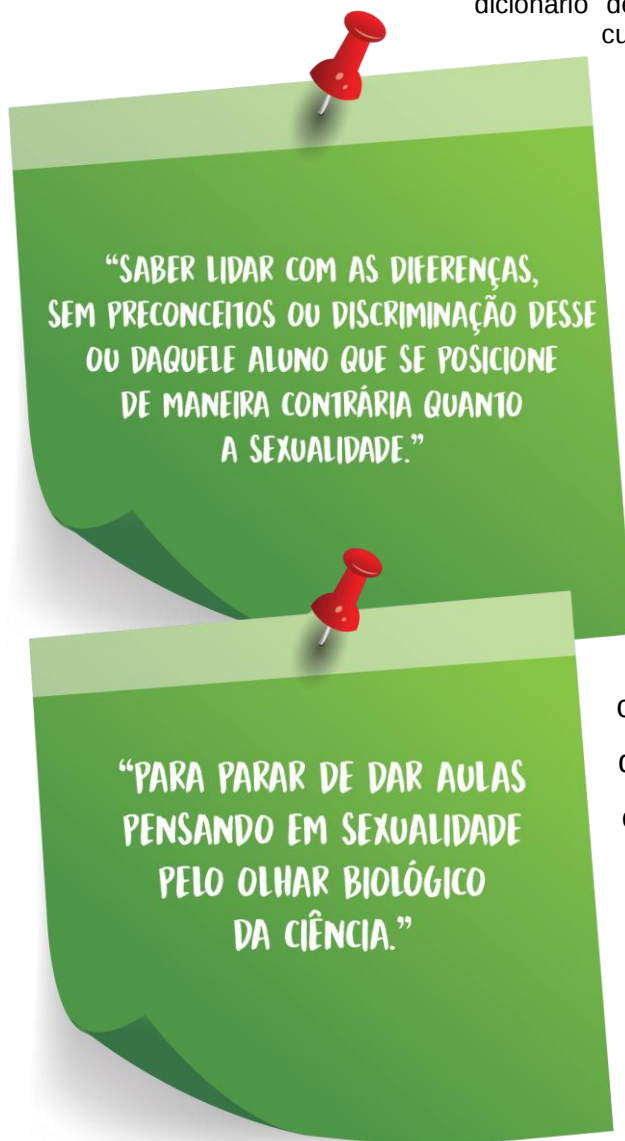
No ensino do tema sexualidade há uma emergência em

possibilitar outras vias e dobras na (des)construção de conceitos, a área ainda é muito emoldurada, fixada e engessada aos padrões de conduta e moral social, principalmente no que se refere às questões sobre o corpo, seus envolvimento sociais e relações, comportamentos sexuais e o trânsito juvenil. Daí a importância da preocupação de Chaves (2013),

Alfabetizar cientificamente, portanto, envolve incluir no repertório intelectual dos estudantes conhecimentos que lhes possibilitem



compreender as múltiplas dimensões (técnica, política, social) que constituem o conhecimento científico e não ensinar palavras, definições soltas que pouco contribuem para a apropriação da linguagem da ciência, pois não aprenderemos a nos expressar em outra língua ainda que tragamos na memória todas as palavras de um dicionário de idiomas, é preciso imersão na nova cultura. (p. 53).



Desse modo, para se fomentar a criação do (des)aprender, (des)construir, (im)possibilitar, no processo de produção é fundamental um plano de imanência/ de composição, exercício que a escola não possibilita outros (des)caminhos para constituição de saberes. Necessita-se de uma espécie de solo, de horizonte, um campo de produtividade, um campo de circulação ou de choque, de entrechoque para falar ao modo de Prado Jr (1989), deve-se criar uma atmosfera. Esse plano corta o caos, por meio de um recorte, mas que não deixa de trabalhar de maneira rizomática⁹, em multiplicidade, operando com

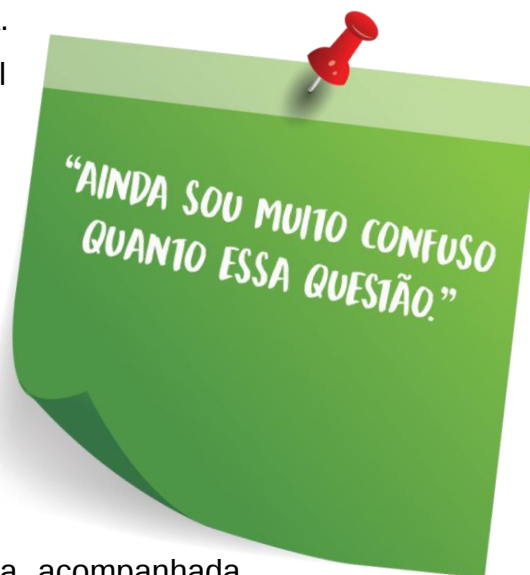
relações, seleções que vai tomando variações, há sempre nessa composição um folheamento que não é o antes e o depois. Para a Filosofia, esse plano é composto por várias questões que suscitam a criação dos conceitos, o

⁹ “Diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com um outro ponto qualquer, e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza, ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reduzir nem ao Uno nem ao múltiplo... Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes, de direções moveáveis. Não tem começo nem fim, mas sempre um meio, pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades” (DELEUZE, 1995, p. 31). Além desse intérprete importante de Deleuze, recorrer a obra fundamental do mesmo autor em conjunto com Guattari *Mil Platôs*, principalmente no primeiro volume da edição brasileira. No volume 1, ambos autores fazem toda uma ideia para pensar a ideia de livro como rizoma, mostrando os processos conectivos para fomentar a ideia.

que não tomarei em detalhamento. O que importa saber para o que pretendo pensar neste estudo, é que o plano de composição é um traçado de vários elementos para que se possa produzir um contorno. Este feito pelo meio, pelo entre lugar. Esse entre lugar é a sexualidade que, translaçada com as Artes no Ensino de Ciências com um traço crítico, tangencia não a pessoa, nem o sujeito, e sim uma individuação com processos intensivos que lançam linhas de forças, linhas vitais, linhas desreferenciadas para pensar, problematizar uma sexualidade por vir, cruzada por linhas de resistências ao modo identitário e coerente de viver e de existir na vivência da sexualidade.

A sexualidade humana deve ser considerada nas diferentes fases da vida, compreendendo que é um comportamento condicionado por fatores biológicos, culturais e sociais, que tem um significado muito mais amplo e variado que a reprodução, para pessoas de todas as idades. É elemento de realização humana em suas dimensões afetivas e sociais, que incluem, mas não se restringem à dimensão biológica. (BRASIL, 1997a, p. 53).

Daí a ideia de sensações como um tangenciamento em fragmentos de um tear-tese, que se faz por vias de processos de experimentação, tentativas de ensaiar aberturas de escrituras e de abrir para movimentar o pensamento para além de uma metódica objetiva. Experimentar! Escrita experimental envolvida por fios, linhas abertas, sem argumentações fechadas e acabadas, mas que reivindica outras tentativas de leituras, pesquisas singulares, sem ordenamento progressivo finalizado. Assim, tentarei uma escrita inacabada, entrelaçada, costurada e alinhavada por imagens, pinturas, filmes, poemas, cartas, músicas... Escrita sinuosa, acompanhada por todos seus efeitos de incompletude, de fragmentos, de incerteza. Escrita nervosa, movida por forças turbilhonares. Uma aventura permeada por excitação, pavor, medo... Escrita de sensações...!

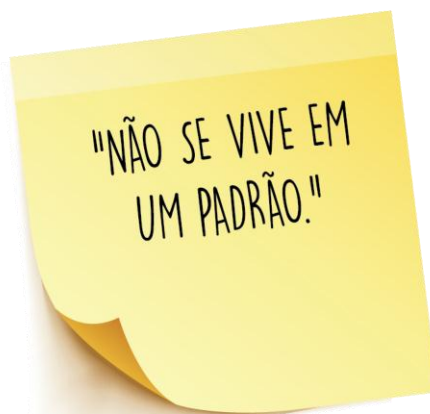


Esse fio é o mais longo no processo do tear-tese; outras frases-recado farão parte da composição do tear-texto em meio às demais sensações

artísticas. Daqui em diante, estarão (ex)postas as escrituras-cartas a nos provocar, instigar e inspirar...

Continuo as sensações literárias sobre o tema sexualidade com as escrituras-cartas dos amigos-autores¹⁰ que, de certa forma, são produções desejantes.

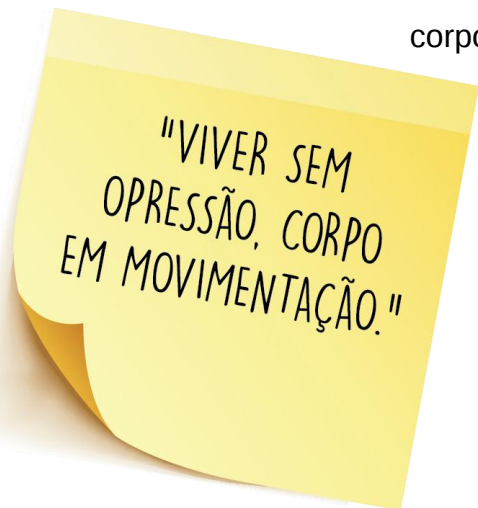
A sexualidade, vista pela leitura da superfície e não como uma estrutura, encontra as produções desejantes em uma força de liberação perpétua, que “ao menos aparente que se exprime no auto-erotismo” (DELEUZE, 1998, p. 204), e faz deslocamentos, dobramentos que sai da ideia de conservação e encontra as zonas do desejo, dos objetos, das imagens. O corpo sexuado, como um corpo Arlequim, faz suas misturas, suas cores. Como é possível observar na escritura-carta a seguir:



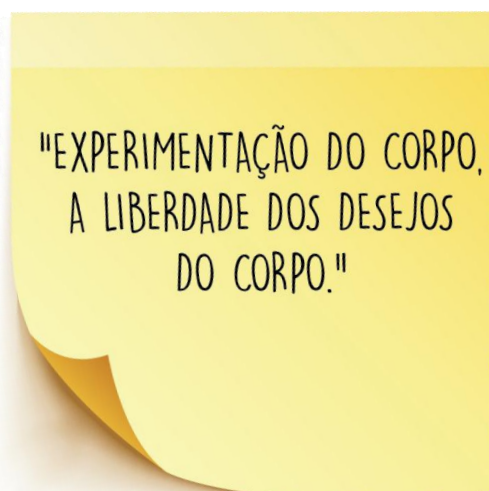
"Quais os nomes que podem ser dados a mim? Podem ser muitos diante da necessidade que se tem de classificar. Durante muito tempo fui castigado por mim mesmo, por sentir vontade de experimentar meu corpo, minha sexualidade de algumas formas não convencionais, posso falar assim, já que vivemos em um sistema de convencionalidade, não que eu não ache necessário, sei que vivo em sociedade, que há regras, leis, formas de condutas. Mas, o que fiz foi em prol da minha vida, que não é uma vida fora dos padrões e nem poderia ser ou se foi, foi por não aceitar as tabulações rígidas, mesmo correndo o risco de ser discriminado... Tenho lá minhas convencionalidades quem não tem? Mas, durante um período da minha vida passei quase 8 anos me relacionando comigo mesmo, depois me relacionei com um casal, depois um rapaz mais jovem do que eu, depois com uma mulher mais velha do que eu. Mas, estou casado há 14 anos, tenho um filho, vivo com minha esposa, mas nunca neguei para ela que gostaria de encontrar outras formas de relações ou de práticas sexuais... Há quem diga, quando falo dessas coisas, que sou louco, que não tenho medo de doenças ou outras coisas. Eu tenho, sempre me relacionei de forma responsável, porque nunca desejei que o meu corpo fosse para a lama, nem o meu e nem da minha companheira. A grande questão que levanto: Por que há tanto castigo e tanta culpa quando se trata das questões sexuais? Por que quando falo dessas questões para alguns amigos seus olhares são sempre de censura, como se eu fosse louco? Fico me perguntado porque as pessoas olham a sexualidade ou os modos com que algumas pessoas lidam com o seu corpo com tanto preconceito? Eu teria muita coisa para dizer, mas eu mesmo fico sem jeito para escrever (...). (Carta de Heleno, 45 anos. Biologia, Bahia).

¹⁰ As escrituras-cartas foram produzidas a partir da questão-problema: “Suas sensações e experimentações da sexualidade...?”

Quando se caminha por linhas moventes, leituras, interpretações verdadeiras tiram todo o sabor da experiência, do cambiante e o pensamento deixa de ser surpreendido. Como não se surpreender com essa escritura-carta de Heleno, ao mesmo tempo em que me leva a pensar, como é estranho tocar na escritura da vida, na escritura feita pelas mãos, pelo corpo, pelas palavras vacilantes, tenebrosas e receosas, superfície? Estranho ainda é tentar tocar uma vida sem nome, no seu sentido intenso. Estranho é tentar tocar em uma vida, em um corpo com toda vontade de ser criado, produzido, que expressa à intensidade das passagens, das travessias, das forças estimuladas pelos encontros singulares, mesmo enredados por todo um sistema de punição, de castigo, de discriminação e de julgamento. Não há como negar os enquadramentos e sua efetiva obsessão pelo padrão dentro do código do poder social e cultural.



Heleno afirma em sua escritura-carta: "vivemos em um sistema de convencionalidades", mas ele desviou da norma, mesmo que essa norma faça presença em sua vida, mesmo que as tabulações, ou as tábuas valorativas moralizantes não o tenham deixado, pois ele mesmo se sentia estranho, fora do padrão. Como forma de resistir à própria convencionalidade fria, sem vida,



sem humanidade, experimentou o seu corpo por vias plurais, menos mecânicas ou identitárias.

Não deixo de notar que Heleno faz uma busca, ao seu modo, para experimentar o corpo e a vida por meio de uma de suas facetas, a sexualidade, diante de tantas outras que esse corpo se movimenta e se estende, que solicita uma leitura do não julgamento. Esse corpo que salta ou requer um pedido de viver sem nome, sem fôrma, mesmo reconhecendo o seu estado de inserção no *sócius*.

Um modo de viver entre as fronteiras, *entre-lugar*...

Quem sabe, ou não seria um modo de viver e...E...E...? Um corpo que chega a transversalizar sua sexualidade por outros modos, corpo envolvido por inquietações intensas e problemáticas por não se apresentar de modo usual e convencional. *Corpo Translaçado*? Sim, um corpo em trânsito, em movimento a favor do humano, sem vacilantes, razão sem fantasias? Sem

retidão, razão

coisas ou finalidades últimas, o corpo transversaliza os argumentos e a profundidade.

"É O MOVIMENTO
DO CORPO POR
VÁRIAS POSSIBILIDADES
DE VIDA."

O corpo não é agenciado pelo sexo x ou y, o corpo é atravessado por todas as intensidades, assim, como essa identidade do corpo e do sexo é tensionada na escritura-carta de Zaira, que colocarei em sua completude, como texto.

"Inicio esta carta, que considero anônima (mas se quiserem podem me chamar de Zaira), sem destinatário fixo, tomada por uma onda que rompe com a linearidade de uma vida emoldurada, para falar de sensações, de como exercitei e exercito a minha sexualidade. Fui "catequizada" numa lógica heteronormativa, ensinaram-me desde muito cedo que as relações amorosas e sexuais normais ocorrem entre um homem e uma mulher, que devem obedecer a regras e normas aceitas pela família e sociedade, como a monogamia, o amor romântico e a debilidade. Durante um longo período da minha vida tentei seguir esta lógica, mas em alguns momentos fiz movimentos que extravasaram qualquer tentativa de contenção do desejo, os quais foram revirando concepções sobre como viver a minha sexualidade. Fragmentos contraditórios entrelaçados! Assim vivi durante a adolescência e parte da fase adulta (se é se que pode falar assim com determinações fechadas). A hegemonia do pênis sempre me incomodou, toda relação sexual tinha que finalizar com a penetração deste órgão na vagina até que, das glândulas conectadas a ele, pudesse se extrair a prova cabal de que o ato foi satisfatório. Jorra o sêmen!

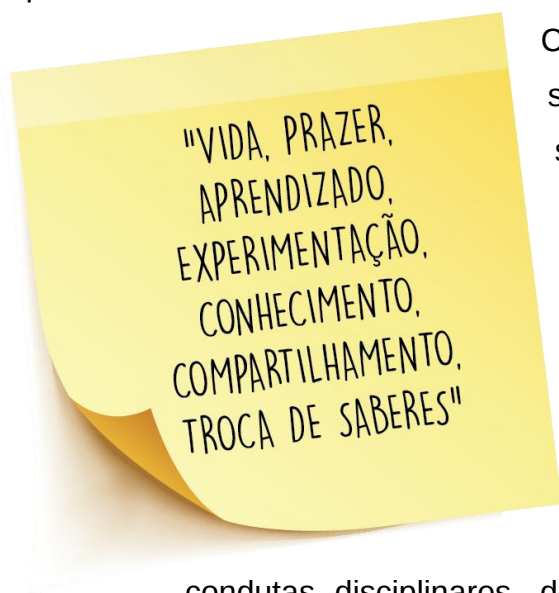
Não sinto aversão ao pênis, nem ao sêmen. Tive orgasmos nas relações sexuais com homens, senti prazer em perceber que os satisfazia cedendo às preferências deles, as quais nem sempre eram agradáveis para mim. Experimentações suportáveis! E que não geravam sentimento de culpa porque minha mente ainda estava impregnada pela lógica da heteronormatividade, no entanto meu corpo produzia outros desejos, outras excitações e sensações movimentadas por outros encontros, outras vibrações. Sem fazer rompimentos radicais com esse contexto, após doses de álcool que me deram coragem, experimentei pela primeira vez me relacionar sexualmente com uma mulher. Não havia mais a repetição do velho ritual: beijos, carícias, ereção, penetração e ejaculação. Eu estava experimentando outras maneiras de prazer! Mas, só restou uma vaga sensação de "ousei", as expectativas foram frustradas e ainda nutri por um longo tempo um sentimento de culpa (vou virar homossexual?) misturado com uma satisfação muito íntima por ter tido a coragem de viver aquela situação.

De volta ao mundo hetero! Mundos das formas adequadas! Se por um lado o sentimento de culpa foi expurgado, por outro meu corpo pedia outros prazeres, desejava transitar por outros territórios. O desejo foi maior que o "bom senso" imposto, envolvi-me novamente com uma mulher, não me apaixonei a ponto de querer investir naquela relação, mas me permiti experimentar com mais profundidade as novas sensações. Gostei! Mas, em pouco tempo se tornou insustentável (...). Não existe uma receita para o orgasmo, não existem manuais para o desejo. Pênis, vaginas, mamilos, ânus, bocas, mãos, nucas, joelhos, virilhas, costas, testas, ouvidos, olhos...uma multiplicidade de combinações possíveis para exercitar a sexualidade. O que importa é o desejo (...) Consegui romper com a concepção de que existe uma maneira certa de se relacionar sexualmente.

Tirei do pedestal a penetração do pênis na vagina! Não quero dizer com isso que não seja prazeroso ser penetrada, sempre foi e ainda é...mas também é muito prazeroso tocar reciprocamente o clitóris, sentir os mamilos com os dedos e com a boca (...) São experimentações que o meu corpo desejou e deseja, das quais não posso fixar preferências. Atualmente gosto de me relacionar com uma mulher (...), mas não posso dizer que não vou me relacionar com homens. Não temos o controle sobre a produção dos nossos desejos. Não acredito que a morfologia do corpo, um pênis ou uma vagina determine a produção do desejo e as sensações do prazer. Durante a minha infância, alheia as tantas regras e padrões do exercício da sexualidade, toquei e fui tocada por meninos e meninas. Brincadeira de criança! O corpo era livre, havia um trânsito de boas sensações apenas, sem a preocupação do certo ou errado, sem denominações ou taxações.

Se não fossem as regras, as normas, os padrões ditados para que possamos viver aceitavelmente nossa sexualidade, não elegeríamos órgãos do nosso corpo para serem os portadores das senhas do prazer". (Zaira, Enfermeira, 40 anos).

Zaira faz, no final de sua escritura-carta, um questionamento importante sobre saber-poder que se institui sobre o corpo e a sexualidade, do mesmo modo que levanta uma crítica efetiva a respeito do padrão normativo ou heteronormativo que não deixa de estar vinculada por outras instâncias do conhecimento, como, no caso, a ciência que chega a determinar quais são os órgãos do prazer e como se deve sentir o prazer e desejo. Sexualidade em superfície?



Como ela diz, se não fossem as regras sociais não se colocaria órgãos como a senha do prazer. Penso que essa escritura-carta é interessante para se movimentar o que Deleuze e Guattari (2011) compreendem sobre a sexualidade, em sua obra *O Anti-Édipo*. Para ambos, a sexualidade transversaliza as linhas molares (não está fora dos códigos, das regras, das

condutas disciplinares, do sistema de valores) e moleculares (espaço de movimentos, de resistência, de forças vivas que levam o sujeito a insistir em viver, a respirar, uma ousadia de permanecer com gesto libertário no qual pretende continuar com um esforço de enfrentar a sua própria morte em vida).

A sexualidade está ligada a máquina desejante (máquina de produção), ao mesmo tempo, que anda pelos componentes da máquina social (máquina de codificação), tal como pontua a escritura-carta de Zaira, atentando para a questão, cito-os,

Se a sexualidade é o investimento inconsciente de grandes conjuntos molares, é porque, sob sua outra face, ela é idêntica ao jogo dos elementos moleculares que constituem esses conjuntos de condições determinadas. [...] A sexualidade é estritamente a mesma coisa que as máquinas desejantes enquanto presentes e atuantes nas máquinas sociais, no seu campo, na sua formação, no seu funcionamento. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p.338).

De outro modo, a sexualidade é uma espécie de signo que atravessa todo o conjunto de investimento libidinal, investimento molar (tem-se aí a economia, a família e a escola), fazendo uma aparto de dominação e

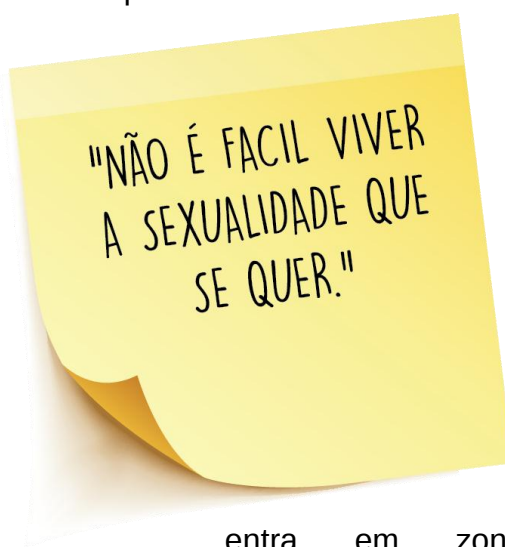
discursividade dos corpos, que não diz respeito a um indivíduo, ela, então, está em toda parte, em todos os lugares, pois como dizem os citados autores: “é sempre com o mundo que fazemos amor” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 387).

Assim, os autores não concordam que a libido deva ser dessexualizada, pois só se produz com desejo, daí o medo da própria sociedade em deixar o corpo livre, a sexualidade livre, do mesmo modo, que a sexualidade não é operada só em família, ela investe e cava problemas mais amplos, ela vai para além da perspectiva antropomórfica, pois o desejo abre vastos mundos, massas de grandes conjuntos, operando fluxos e cortes. Do mesmo modo, que a sexualidade não alcança a sua medida somente na relação do homem com a mulher, no limite dos dois sexos,

[...] não será somente a medida da relação de sexualidade em geral enquanto investe grandes conjuntos (o homem com o homem?). Isto permite entender o que se chamou de especificação da sexualidade nos sexos. E não seria preciso dizer também que o falo não é um sexo, mas toda a sexualidade, isto é, o signo do grande conjunto investido pela libido, donde derivam necessariamente ao mesmo tempo os dois sexos, tanto na sua separação (as duas séries homossexuais do homem com o homem, da mulher com a mulher). (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 387-8).

Deleuze e Guattari (2011) minam efetivamente os saberes comuns sobre o tema, e recolocam nas suas filosofias a sexualidade no campo do não fundamento, portanto, desreferenciada, assim, explode com a concepção binária e identitária de sexo que tanto a religião e a ciência moldaram. Para a escola, isso não é salutar, assim, como essa compreensão não teve importância para os estudos da Ciência e seu ensino até o momento. Mas no meu ponto de vista, os cursos de formação de professores podem transversalizar essas leituras, junto com as abordagens da ciência.

A sexualidade leva a reflexão de que o corpo sexuado, movimentado pelas linhas do desejo não pode estar preso em um aparelho binário, mas



entra em zonas

moleculares, promovendo outros nascimentos e conexões vitais. Wolf (2014) faz muito bem essa reflexão quando mostra o corpo de Orlando sendo agenciado pelo corpo da lady Orlando, um corpo que não lamento, não tem susto, nem medo, pois,

O corpo de Orlando agora é dono da superfície, das coisas simples, da ingenuidade, da exposição, da expressão, do afeto, da irrupção, que pertencem nada mais e nada menos à vida humana, pois é num corpo humano que a vida sempre se dá. Orlando, carregado pelo repentino, pelo imediato e abissal movimento de inserção no mundo, foge da formulação pelo devir, para pertencer ao humano-corpo-humano, que nega uma programação para fomentar o escape de sua exploração. (BRITO, 2014, p. 11).

Wolf (2014), ao modo de Deleuze e Guattari (2011), não quer representar ou fincar a sexualidade em um sistema de culpa, ou em um sistema de fantasma, ao contrário, pois o “sistema da crueldade se arrasta em todas as instâncias sociais que constroem uma muralha do terror por meio das leis, das normas, dos sistemas burocráticos, dos negócios, das profissões, que induzem o corpo a petrificar, construir raízes e solicitar a vida sedentária, sem mobilidade e movimento (BRITO, 2014, 10), mas Orlando faz devir, faz desvios uma sexualidade fixa para, então, desreferenciar a sexualidade e os seus códigos.



p.
de

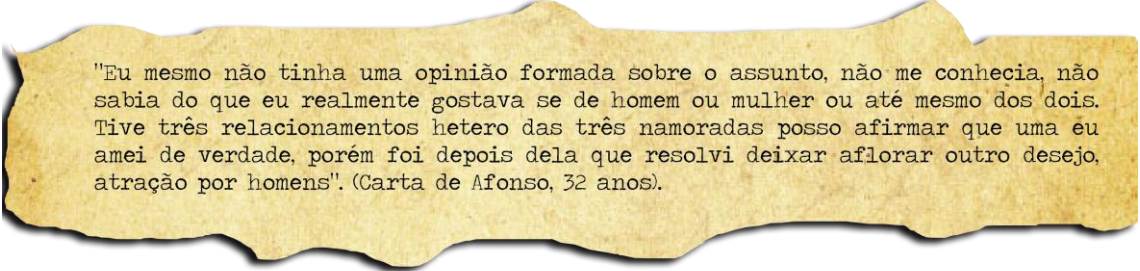
Deleuze e Guattari (2011) desestabilizam, ao modo de Wolf, fazem toda uma crítica a respeito da leitura da representação da sexualidade, assim como do sexo e do corpo que vai arrastando todo um sistema de organização, de linearidade, para sugerir que aquele que não suporta mais essa imagem de mundo, presa ao julgamento, a identidade, será necessário desmembrar, cortar, fissurar, de forma violenta, esse modo de leitura para que outras maneiras sejam pensadas e vividas, outras linhas sejam inventadas.

Não o homem e a mulher como entidades sexuadas, presos num aparelho binário, mas um devir molecular [...]. As relações entre dois verdadeiros esposos mudam profundamente no decurso dos anos, e quase sempre sem que eles disso se apercebam; ainda que cada mudança seja um sofrimento e mesmo quando provoca uma certa alegria [...] Em cada mudança aparece um novo ser, estabelece-se um novo ritmo [...] O sexo é algo mutável, umas vezes está vivo, outras está em repouso, tanto é ardente como está morto... Somos

compostos de linhas variáveis a cada instante, diferentemente combináveis, blocos de linhas, longitudes e latitudes, trópicos, meridianos, etc. Não existem mono-fluxos. (DELEUZE, 2004, p. 125-126).

O sexo é algo mutável porque somos compostos de linhas duras, linhas moles, linhas sedentárias, linhas nômades. A escritura-carta de Zaira, apresentada, pondera muito bem essas questões, sem medo ou terror do corpo.

Esse entrelaçar não cessa e, algumas vezes, essas linhas estão quase mortas ou vivas, mas elas estão se alinhando, fazendo movimentos. Esses blocos estão sendo tecidos, mesmo que alguns momentos possam parecer parados, há sempre um novo ritmo que se estabelece para dizer: eu sou assim eternamente. Podem-se notar essas linhas da escritura-carta de Afonso que diz:



"Eu mesmo não tinha uma opinião formada sobre o assunto, não me conhecia, não sabia do que eu realmente gostava se de homem ou mulher ou até mesmo dos dois. Tive três relacionamentos hetero das três namoradas posso afirmar que uma eu amei de verdade, porém foi depois dela que resolvi deixar aflorar outro desejo, atração por homens". (Carta de Afonso, 32 anos).

É possível pensar, com esse trecho da escritura-carta, que Afonso vai experimentando o seu corpo, sua sexualidade, seus desejos. O corpo sendo atravessado com outros agenciamentos sexuais que pontuam que a ciência, mesmo com seus códigos de identificação, remete que o corpo deve ser desejado e vai fazendo as suas cartografias desviantes, mostrando que a ciência não opera todo controle, assim como deseja.

O que importa notar é que a sexualidade, destacada, pela escritura – carta de Afonso descreve a imagem de um corpo que faz movimentos, borra as identificações e vaga por outros lugares e vai para além do dado, mesmo que essa variação também pode estar tramada pelas redes de saber-poder; pois, quando Afonso afirma uma masculinidade discreta que não vê necessidade de mudar, parece reafirmar o jogo social vigente.

Logo, o que importa destacar nessa escritura-carta é que há um movimento de deslocamento, embora ainda fincado em padrões identitários, pois entendo que isso é fruto do próprio movimento social e de suas formações subjetivas que sempre levam para uma necessidade de fixar, não se está só, sempre um campo de agenciamento que entra em ligações com linhas ou blocos de linhas fixas, mesmo que por alguns dias, anos... Importa notar que esse corpo sexuado foi movido e levado para um lugar estranho a partir do olhar cultural e social que deixa em suspense ou em barulho certos princípios fundadores.

Interessante observar que o livro de Fry (1982), mostra que a sexualidade brasileira – se é que pode existir uma – sempre foi posta, vulgarmente, como aberta ao erotismo, a carnabilidade libidinosa. Entretanto, Fry (1982) afirma que para a discursividade oficial há uma agenda fundamental para apresentar o povo brasileiro e a sua sexualidade efetivamente normalizada, civilizada, adequada e higienizada.

O modo como Afonso se desloca, também leva a mostrar uma civilidade, um movimento de um corpo que exercita sua sexualidade, de alguma forma em desvios, e que não rejeita os padrões de normalidade, quando diz: “_Eu sou um homem másculo, discreto, muito reservado e não vejo necessidade de mudar, ou seja, adquirir trejeitos ou coisas do tipo”. Gostaria de ponderar essas questões em torno desse movimento de Afonso para dizer o quanto somos subjetivados por valores, normas, condutas.



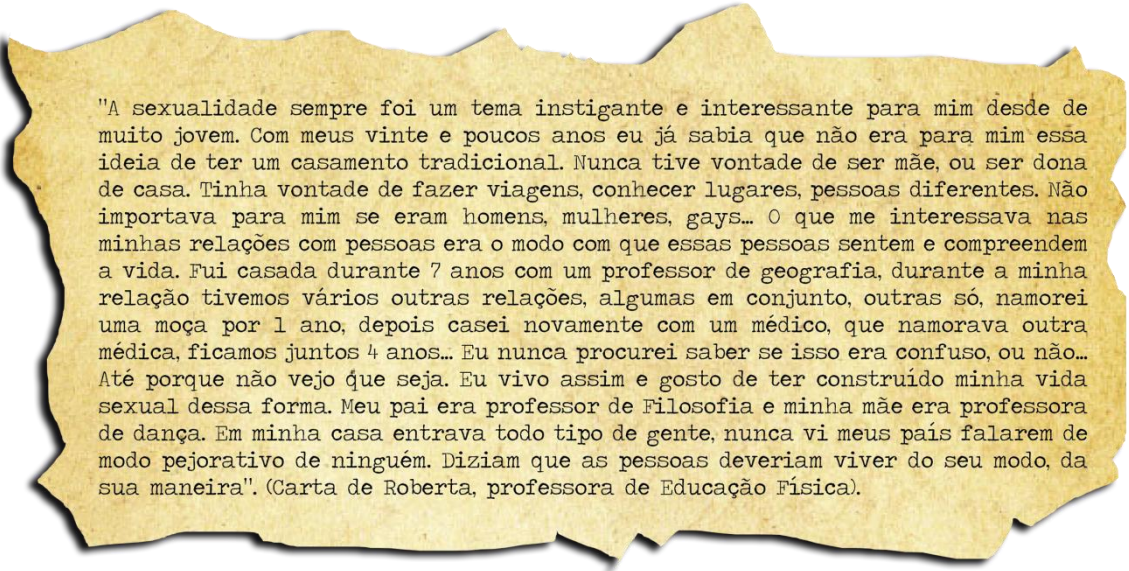
animal.

Porém, na leitura de Deleuze e Guattari (2011), se a sexualidade é agenciada, faz parte da produção desejante da sociedade, até nas assinaturas dos burocratas, na fala de um professor, na escritura de um escritor, em tudo aí atravessa um fluxo sexual e desejante, porque todos são múltiplos, do mesmo modo que atravessam fluxos sexuais no vegetal e no

Isso quebra com a ideia de um sexo preponderante adequado e lança a sexualidade por aberturas não humanas, o que todo o processo de castração

nega. Assim, como o corpo de Afonso desafia também esse processo, em certas medidas.

Como dizem “a castração é o fundamento da representação antropomórfica e molar da sexualidade. Ela é a crença universal que reúne e ao mesmo tempo dispersa os homens e as mulheres sob o jugo de uma mesma ilusão da consciência”, ainda diz “a representação molar antropomórfica culmina no que a fundamenta, a ideologia da falta. Ao contrário, o inconsciente molecular ignora a castração” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 389). E corpo vai operando as linhas, seus movimentos, suas disjunções, em prol da vida. Um corpo, ressaltado, que pode se mover para além dos discursos identitários. Como mostra a escritura-carta de Roberta, professora, 42 anos:

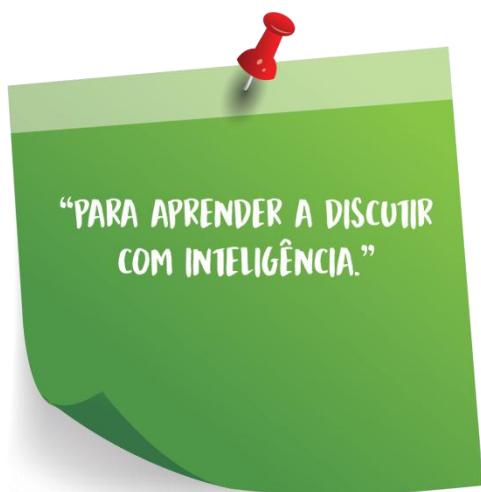


"A sexualidade sempre foi um tema instigante e interessante para mim desde de muito jovem. Com meus vinte e poucos anos eu já sabia que não era para mim essa ideia de ter um casamento tradicional. Nunca tive vontade de ser mãe, ou ser dona de casa. Tinha vontade de fazer viagens, conhecer lugares, pessoas diferentes. Não importava para mim se eram homens, mulheres, gays... O que me interessava nas minhas relações com pessoas era o modo com que essas pessoas sentem e compreendem a vida. Fui casada durante 7 anos com um professor de geografia, durante a minha relação tivemos vários outras relações, algumas em conjunto, outras só, namorei uma moça por 1 ano, depois casei novamente com um médico, que namorava outra médica, ficamos juntos 4 anos... Eu nunca procurei saber se isso era confuso, ou não... Até porque não vejo que seja. Eu vivo assim e gosto de ter construído minha vida sexual dessa forma. Meu pai era professor de Filosofia e minha mãe era professora de dança. Em minha casa entrava todo tipo de gente, nunca vi meus pais falarem de modo pejorativo de ninguém. Diziam que as pessoas deveriam viver do seu modo, da sua maneira". (Carta de Roberta, professora de Educação Física).

Interessante notar nessa escritura-carta é a forma com que Roberta lida com a sua sexualidade e afirma que gosta de ter *construído* seu modo de lidar com as suas relações e que não está no modo usual de viver. Roberta, de alguma forma, não está preocupada com o Édipo, ou se a sua forma de viver a sua sexualidade deve ser ou não caso de tratamento, de Ciência, de Psicanálise ou de Biologia. Ela opera com suas sensações como uma maneira de viver, de existir, muito mais importante do que se culpabilizar por sua forma de encarar o mundo sem as normas lineares e fixas.

Deleuze e Guattari (2011) dialogam com a ideia de uma transsexualidade microscópica que atravessa a vida e os corpos, provendo micromultiplicação, fazendo com que o corpo da mulher seja atravessado pelo corpo do homem e o do homem pelo o da mulher e tantos outros seres também. “À presença da sexualidade nesse campo inteiro: escapando do modelo heterossexual” (DELEUZE, 2006, p. 359), ou ainda, a produção de:

Uma transsexualidade microscópica em toda parte, que faz com que a mulher contenha tantos homens quanto o homem, e o homem mulheres, capazes de entrar, uns com os outros, umas com as outras, em relações de produção de desejo que subvertem a ordem estatística dos sexos. Fazer amor não é fazer só um, nem mesmo dois, mas cem mil. Eis o que são as máquinas desejantes ou o sexo não humano: não um, nem mesmo dois, mas n'sexos. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 390).

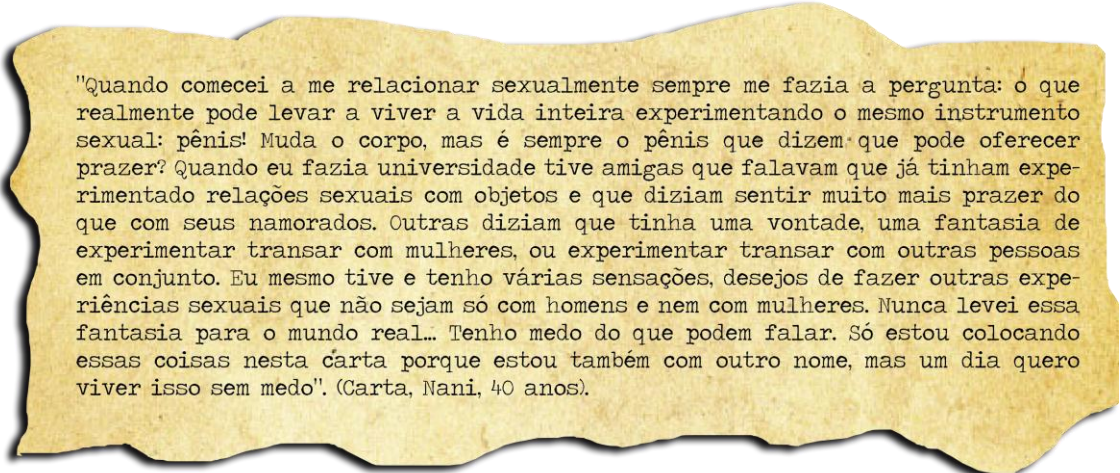


Essa visão de sexualidade não é apresentada e nem conversada na escola, na família e muito menos pelos documentos oficiais. Não é mesmo, pois esses são estabelecimentos que desejam a conservação e o pensamento dogmático, sem vida, mortificado e alicerçado nas estruturas de poder. Porque tudo deve permanecer sem misturas, bem

definido, por exemplo, se for falar da ideia de sexo feminino, geralmente, a imagem e sua potência resiste no fato da mulher parir, da mulher ter habilidades para ser mãe. Essencializam-se gestos, condutas, costumes... Ser mulher é ter determinadas características x, ser homem é ter determinadas características y. Uma identidade sempre *a priori*, algo já dado, que gerencia um modo de ser no mundo.

Esta atribuição de sexo feminino com base na capacidade de parir vem reforçar a lógica heterossexual em que a sexualidade/diferença sexual se define pela maternidade. Ainda que um bebê intersexuado possa ser cromossomáticamente, **se apresentar uma «protuberância** de tamanho apropriado» será definido como masculino, por se acreditar que um pênis é suficiente para provocar uma identidade masculina. Por esta razão, é possível afirmar que nos discursos médicos e legais contemporâneos, o pênis adquire um carácter quase-transcendental, situando-se para lá dos artifícios, como se fosse a única «Natureza». (COELHO, 2009, p. 07).

É sobre esse discurso falocêntrico que Deleuze e Guattari (2011) se contrapõem, pois, para os autores, já não importa as classificações, sabem eles que tudo isso faz parte de um sistema de julgamento, de moralidade. O corpo, a sexualidade, fazendo outras vias, mesmo que não se queira apontar. Um corpo que tende a fugir de todas as formas das clausuras impostas, uma tentativa para não sufocar. Então, um corpo que busca linhas transversais, que não se deixa carregar pelo vigor do controle, um corpo que busca para si *um tornar-se o que se é*, no seu processo mais fundamental, ligado à experimentação de si, como diz Nani, 40 anos, em sua escritura-carta:



"Quando comecei a me relacionar sexualmente sempre me fazia a pergunta: o que realmente pode levar a viver a vida inteira experimentando o mesmo instrumento sexual: pênis! Muda o corpo, mas é sempre o pênis que dizem que pode oferecer prazer? Quando eu fazia universidade tive amigas que falavam que já tinham experimentado relações sexuais com objetos e que diziam sentir muito mais prazer do que com seus namorados. Outras diziam que tinha uma vontade, uma fantasia de experimentar transar com mulheres, ou experimentar transar com outras pessoas em conjunto. Eu mesmo tive e tenho várias sensações, desejos de fazer outras experiências sexuais que não sejam só com homens e nem com mulheres. Nunca levei essa fantasia para o mundo real... Tenho medo do que podem falar. Só estou colocando essas coisas nesta carta porque estou também com outro nome, mas um dia quero viver isso sem medo". (Carta, Nani, 40 anos).

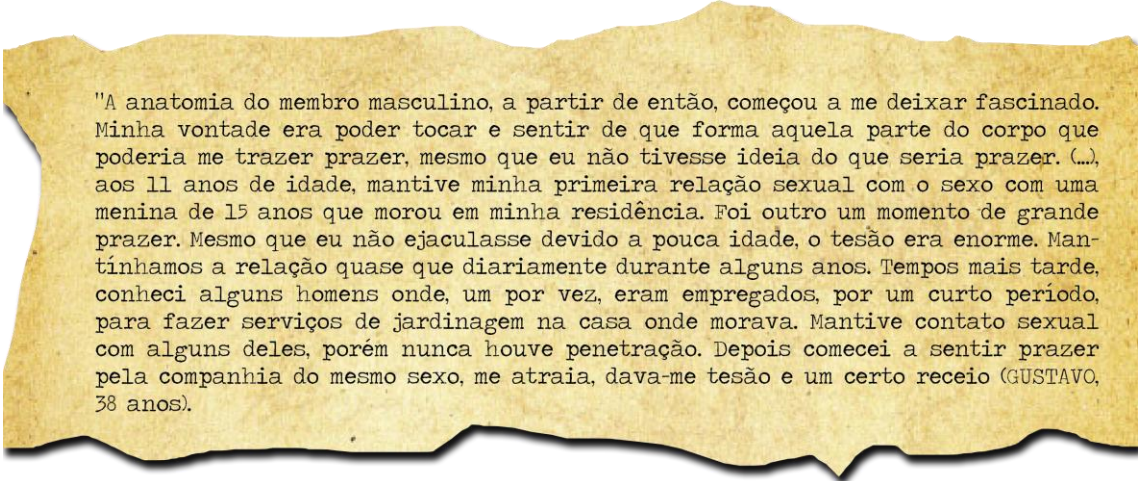
Adultos, jovens, indivíduos e singularidades desafiam as normalidades e inventam para si modos de experimentar seu corpo e seus movimentos desejantes, embora com todo receio, medo do olhar do outro, do olhar repressor da sociedade. Pois, a ideia de sexualidade, aos poucos, vai sendo deixada do seu caráter familiar, tal como afirmam Deleuze e Guattari (2011), para tomar uma dimensão do corpo que deseja, um corpo atravessado por mundos, vidas, signos, velocidades, lentidões, fora.

Esse corpo não é mais exigente de um fundo, de um sexo (masculino/feminino), mas faz suas experimentações no campo da superfície, até porque não se ama o homem em si, a mulher em si, mas tudo que cada corpo carrega como imagem/mundo.

[...] a relação entre os dois sexos (o homem com a mulher) não será somente a medida da relação de sexualidade em geral enquanto investe grandes conjuntos [...] Se a sexualidade é o investimento inconsciente de grandes conjuntos molares, é porque, sob sua outra face, ela é idêntica ao jogo dos elementos moleculares que

constituem esses conjuntos em condições determinadas. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 85).

Quantificar, padronizar os conjuntos de investimentos sexuais é um problema dos códigos de identificação, mas se a sexualidade é uma questão de debate, de investigação, de estudo, de ciência e porque, em outra medida, ela é também idêntica ao jogo de escapamento. Se ela entra nas linhas duras, na mesma medida, ela entra em fluxo, em linhas nômades, flexíveis, em escape. Então, preocupante é fixar a sexualidade entre dois sexos e em um sexo, quando há um conjunto de vibrações não determinadas. Mas, insisto, para criar esses modos também, enfrenta toda uma lógica padronizada, que nem sempre está ao seu favor, ou seja, é uma luta de forças que ele impõe para si. Para isso, tomo a escritura-carta de Gustavo,



"A anatomia do membro masculino, a partir de então, começou a me deixar fascinado. Minha vontade era poder tocar e sentir de que forma aquela parte do corpo que poderia me trazer prazer, mesmo que eu não tivesse ideia do que seria prazer. (...), aos 11 anos de idade, mantive minha primeira relação sexual com o sexo com uma menina de 15 anos que morou em minha residência. Foi outro um momento de grande prazer. Mesmo que eu não ejaculasse devido a pouca idade, o tesão era enorme. Mantínhamos a relação quase que diariamente durante alguns anos. Tempos mais tarde, conheci alguns homens onde, um por vez, eram empregados, por um curto período, para fazer serviços de jardinagem na casa onde morava. Mantive contato sexual com alguns deles, porém nunca houve penetração. Depois comecei a sentir prazer pela companhia do mesmo sexo, me atraía, dava-me tesão e um certo receio (GUSTAVO, 38 anos).

Essa escritura-carta mostra o corpo que não se satisfaz com o campo disciplinar da conduta biológica, ele é movimentado por sensações, transgride a forma, a regra natural posta pelos discursos reguladores, embora seja possível notar que ele tende a cair em um véu identitário, mas o que importa destacar que ele rompe a regra do senso comum. Entendo que isso ocorra pela própria dificuldade de transitar, pois dentro de um sistema de códigos não é fácil se manter desvinculado, até há impossibilidade. Gustavo rompe de alguma forma com o modelo de identidade majoritário da cultura heteronormativa

Por isso, para Preciado (2002), as *multitudes queer*, ou seja, todos os corpos abjetos que para a sociedade funciona fora de controle, da norma, fora do padrão heterossexual, como os corpos das lésbicas, negros, pobres, gordas, putas, travestis, *drag queen*, transexos, mulheres masculinizadas,

homens efeminados, sadomasoquistas, bissexuais, homossexuais, pansexuais, e são vistos como monstros, para essa perspectivas, nessa política do corpo-sexualidade, são sujeitos de enunciação da pura diferença. São corpos que fazem da sua sexualidade, modo de existir, que ponderam pontos de resistências ao universal, ao identitário, ao normal, ao corpo colonizado pelo modo hetero, branco e elitizado de ser.

Finalizo as sensações literárias, destacando que as escrituras-cartas foram lidas nos encontros do Grupo Translaçados, o que fez emergir uma rica e perturbadora discussão sobre as experimentações do corpo e sexualidade apresentadas nas linhas-depoimentos.

As escrituras–carta tensionaram os estudantes-autor em outras produções de pensamento e fluxos, alguns risos, olhares de espanto e o silêncio da curiosidade. As escrituras-carta ganharam interpretações, uma leitura poética e envolvente, uma escuta sensível movimentou os estudantes-autor a pensarem a sexualidade experimentada, vivenciada por outros modos, sem clausuras ou modelos.



As frases-recado ganham uma tônica de frouxidão, soltura e crítica quanto ao tema sexualidade e Ensino de Ciências, principalmente como a literatura dos clássicos também pode revelar o uso do corpo em outras vias,

mas que por questões morais e da tradição do ensino não são reveladas, usadas ou discutidas na escola.

Surgiu a ideia inclusive de utilizar a produção de escrituras-cartas com estudantes do Ensino Médio, quando eles (os estudantes-autor do grupo) forem professores, para discutir em classe as experiências e as curiosidades sobre a sexualidade entre os jovens.



Assim, amplia-se o debate de que a Arte como instrumento de reflexão e crítica social é um instrumento com potencialidade para despertar sensações para desenvolver um trabalho de ensino aprendizagem, significativo sobre o tema sexualidade nas aulas de Ciências. E porque não tratar a sexualidade translaçada nas artes literárias no Ensino de Ciências?



Sexto Fio

Sexualidade...

Sensações Rítmicas

“A experiência do artista é [...] afundar no vazio, ou no caos e tirar desse vazio do tempo [...] arrancar desse caos, os afectos com os quais o mundo é constituído [...] essa potência da arte não invade uma matéria pronta; ela invade o vazio” (Claudio Ulpiano)

A

sexualidade emerge neste sexto fio das sensações rítmicas¹¹. E para começar teço reflexões inspirado na poética de Cazuza e Frejat, intitulada *Pro dia nascer feliz*, que descreve um ato sexual, solidifica elementos dispersos em um único corpo, estimulando, assim, o imaginário coletivo dos expectadores. Dessa forma, não se sabe ao certo se o ato descrito nos versos da canção foi consumado com um homem ou com uma mulher e, isso, definitivamente, poderia inquietar muitas pessoas.

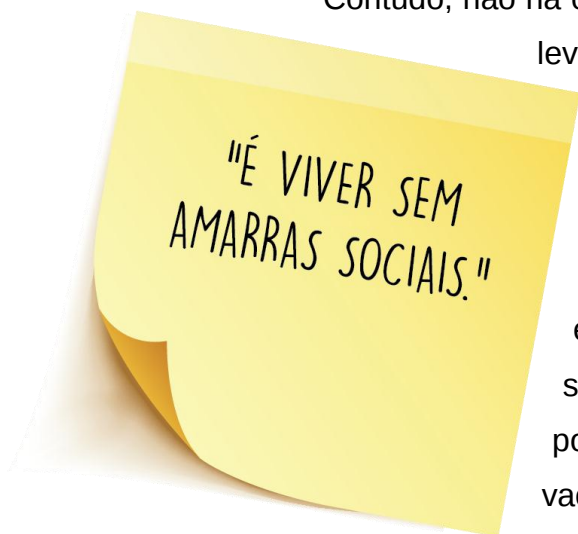
Todo dia a insônia
 Me convence que o céu
 Faz tudo ficar infinito
 E que a solidão
 É pretensão de quem fica
 Escondido fazendo fita...
 Todo dia tem a hora
 Da sessão coruja
 Só entende quem namora
 Agora vão'bora...
 Estamos bem por um triz
 Pro dia nascer feliz
 Pro dia nascer feliz
 O mundo inteiro acordar
 E a gente dormir, dormir
 Pro dia nascer feliz
 Pro dia nascer feliz
 O mundo inteiro acordar
 E a gente dormir...
 Todo dia é dia
 E tudo em nome do amor
 Ah! Essa é a vida que eu quis
 Procurando vaga
 Uma hora aqui, a outra ali
 No vai e vem dos teus quadris...
 Nadando contra a corrente
 Só pra exercitar
 Todo o músculo que sente
 Me dê de presente o teu bis
 Pro dia nascer feliz
 Pro dia nascer feliz
 O mundo inteiro acordar
 E a gente dormir, dormir
 Pro dia nascer feliz
 Pro dia nascer feliz
 O mundo inteiro acordar
 E a gente dormir...

(Pro dia Nascer Feliz- Frejat e Cazuza / 1984)

¹¹ As expressões e sensações das frases-recado sobre a arte rítmica não nos deixam (des)cansar... Nos convidam a poetizar... Pois “Sexualidade é...?”

Sabemos pelos relatos, entrevistas e documentários, que Cazuza na intimidade viveu sua sexualidade variante, mutante. Homem, bonito, sedutor e rico, um “bom partido” pelas normas de conduta moral da sociedade, porém, transgressor, imoral ou louco. Claro! Romperia com o que seria “natural”, o “normal” da sociedade, experimentar e viver um corpo Entre, ser transverso no uso do seu corpo e na sua sexualidade. Por que tanta moralização, repressão? Ora, não se defende aqui uma rebelião cultural e social, mas porque não viver outros modos de expressões?

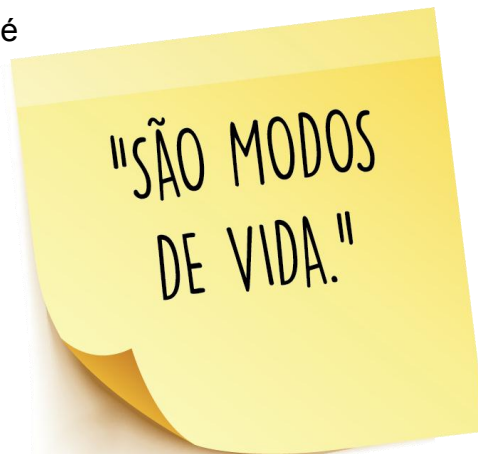
Contudo, não há como negar que cotidianamente o corpo é levado a entrar em campos disciplinares, limitando seus movimentos, suas circularidades, suas fissuras, para se impor uma subjetividade, mas ele sacode em suas interações, em seus encontros, em suas vibrações. Porém, sua sacudida é mostrando que o seu possível centro é instável e seu território é vacilante, invadindo esse corpo para outras, intensivas, algumas vezes, que o põe em um máximo ou no mínimo grau de esforço, entretanto, não há ausência de consistência no corpo vivo e afeado.



A questão é que a razão, a ciência e o pensamento tendem a querer classificar e identificar aquilo que é móvel, do mesmo modo que tendem a uma busca desenfreada a querer acompanhar para identificar ou classificar o movimento.

A sexualidade percorre sempre uma conexão, um agenciamento; não está lá, não existe em si e por si mesmo, como uma essência, pois não é um si mesmo, não é um núcleo central, fixo, é um deslizamento. Por tudo isso é que Deleuze e Guattari (2011) fazem uma crítica corrosiva a sexualidade vista pela ótica Freudiana.

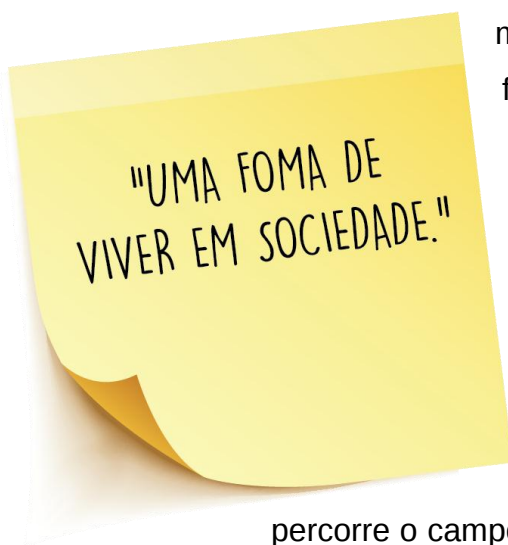
Deleuze e Guattari (2011) fazem crítica a Freud por entenderem que finca uma espécie de núcleo familiar edipiano gerador dos conflitos e distúrbios que possam ocorrer na sexualidade do indivíduo. Há a construção do triângulo familiar e tudo parece girar em torno do complexo de Édipo, sendo este o instaurador da culpabilidade; mas “Édipo é uma ideia de paranoico adulto. Assim, a psicanálise se sai mal de uma regressão a um pai, que também foi filho em relação a um outro pai” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 362).



Por isso, indagam Deleuze e Parnet (2004): não teria alguma coisa de negativo, de sujo, de bolorento, quando se binariza a sexualidade? Dizer que um corpo sexuado só age em função de dois, não teria aí algo de demasiadamente sentimental ou mesmo narcisístico? Então, para além disso, a aposta versa na sexualidade em vizinhança e não em núcleo fundador.

A questão da sexualidade consiste no seguinte: com o que é que ela entra em vizinhança para formar tal ou tal hecceidade, tais relações de movimento e de repouso? Ela permanecerá tanto mais sexualidade, pura e simples sexualidade, longe de qualquer sublimação idealizante, quanto mais se conjugar com outros fluxos. Ela será tanto mais sexualidade por si mesma, inventiva, maravilhada, sem fantasmas que girem sobre si mesmos nem idealizações que saltem no ar. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 125).

Então, pergunto: o que entra no campo da sexualidade na relação de movimento e repouso de um corpo? Que forças atravessam a sexualidade que falam do seu horror ou de sua naturalização? Que forças desejam a fixidade do sexo e da sexualidade?

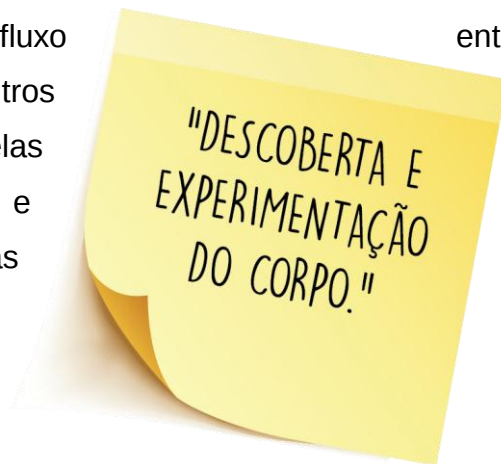


Nesse sentido, a sexualidade, é simplesmente sem sublimação, sem horror, sem dor, sem culpa, sem ressentimento. Desse modo, ela percorre o campo da criação, da invenção de si. Questões

intrigantes, desconcertantes e até radicais para alguns leitores... Diz Deleuze: “o desejo nunca representa nada, e não remete a alguma coisa recôndita, a uma cena de teatro familiar ou privado. O desejo agencia, maquina, estabelece conexões” (2006, p. 358). Se ele não tem nome, sua conexão é sempre com o fora, o encontro, a paquera, o modo como se estabeleceu o encontro, o modo como se estabeleceu a conquista, o intercâmbio pensado, encontrado, a mobilidade de gestos de papéis, também como se compõem certas traições nesses papéis.

A sexualidade não se deixa sublimar, nem fantasmagorizar, porque o seu interesse está noutro lugar, na vizinhança e na conjugação reais com outros fluxos, que a esgotem ou precipitem [...]. E essa vizinhança ou essa conjugação não se produz apenas de um para outro dos dois sujeitos, sendo em cada um dos dois que diversos fluxos se conjugam, para formar um bloco de devir. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 125).

Deleuze e Guattari (2011) mostram o corpo deslizando por afetos, amores, vidas, sensações, vibrações intersexuais... Desejo como uma cartografia produtiva. Afirmam Deleuze e Parnet (2004), “A sexualidade só pode ser pensada como fluxo entre outros, entrando em conjunto com outros fluxos, emitindo partículas que entram elas próprias sob tal relação de velocidade e lentidão, em vizinhança com outras tantas partículas” (p. 124).

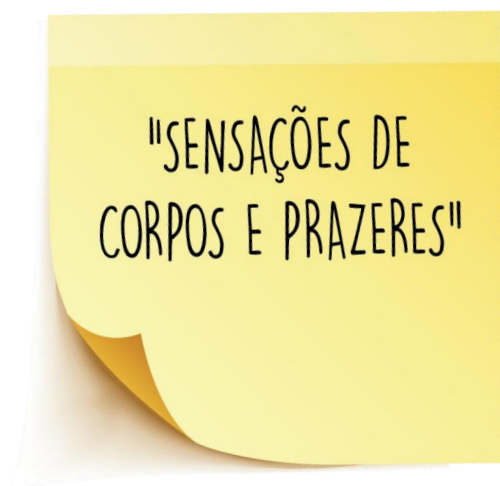


Outra inspiração é a poética de Raul Seixas, na música *A Maçã* (1975), em que a sexualidade percorre outras vidas, outras geografias:

Se esse amor
Ficar entre nós dois
Vai ser tão pobre amor
Vai se gastar...
Se eu te amo e tu me amas
Um amor a dois profana
O amor de todos os mortais
Porque quem gosta de maçã
Irá gostar de todas
Porque todas são iguais...
Se eu te amo e tu me amas
E outro vem quando tu chamas
Como poderei te condenar

Infinita tua beleza
 Como podes ficar presa
 Que nem santa num altar...
 Quando eu te escolhi
 Para morar junto de mim
 Eu quis ser tua alma
 Ter seu corpo, tudo enfim
 Mas compreendi
 Que além de dois existem mais...
 Amor só dura em liberdade
 O ciúme é só vaidade
 Sofro, mas eu vou te libertar
 O que é que eu quero
 Se eu te privo
 Do que eu mais venero
 Que é a beleza de deitar...
 Quando eu te escolhi
 Para morar junto de mim
 Eu quis ser tua alma
 Ter seu corpo, tudo enfim
 Mas compreendi
 Que além de dois existem mais...
 Amor só dura em liberdade
 O ciúme é só vaidade
 Sofro, mas eu vou te libertar
 O que é que eu quero
 Se eu te privo
 Do que eu mais venero
 Que é a beleza de deitar...

Assim, a sexualidade não pode ser reduzida a máquinas de castração, máquinas perversas ou sádicas, que buscam de alguma forma encerrar o



outro, ou criar no outro, ou em si mesmo um fantasma, uma culpa, ou uma identidade, pois, parte-se da ideia de que a sexualidade, assim como o corpo não é uma efetuação, um ser aí, do mesmo modo que a sexualidade não está lá, como um começo, uma origem, há toda uma especificidade em contextos, vivências, experimentações e outras vias,

tais como sugere Salih (2013).

Para Deleuze e Guattari (2011), a sexualidade não pode ser entendida como um fantasma, uma infraestrutura, uma substancialidade pertencente ao homem e a mulher, uma naturalização. A sexualidade não sendo um fundo, mas deslizamento, uma manifestação que o corpo cria para percorrer entre-lugares, vidas, ela percorre as multidões, as produções, o fora. E se a ciência,

Outros artistas, intérpretes e compositores, como: Rita Lee, Sidney Magal, Roberto Carlos, Ana Carolina, Fábio Junior, Caetano Veloso foram citados e cantados, foram dois encontros envolvendo letras de músicas, inclusive ritmos de danças foram associados à sexualidade, como: o samba, o funk, o tango e as baladas que, de certa forma, ampliam o sentido do uso do corpo em movimentos sensuais e despertam sentidos à sexualidade.



Foto 3 – Estudantes cantando músicas com letras que remetem ao tema sexualidade



Foto 4 – Estudantes em ritmos dançantes.

Os estudantes reagiram e revelaram, em seus depoimentos, que jamais poderiam ter imaginado o quanto à sexualidade desreferenciada é citada e envolvida nas composições de músicas nacionais de diversos estilos e cantores. As frases-recado cada vez mais potentes e reflexivas.

Como já haviam citado ritmos de dança, sendo que o povo paraense possui uma cultura popular bem característica em contos, lendas e festas folclóricas. Os estudantes lembraram a dança folclórica mais sensual amazônica: o “Lundu Marajoara”! A dança é um convite ao ato sexual, conhecida como a Dança das Umbigadas; e de lendas Amazônicas que envolvem em suas histórias uma sexualidade heteronormativa: a Lenda da Iara e a Lenda do Boto.

De acordo com a lenda, a Iara é uma índia encantada, em metade mulher e metade peixe, que habita os rios da Amazônia e encanta os homens pescadores com seu canto e os leva ao fundo rio, que depois reaparecem “mundiados” (enfeitiçados), que somente um pajé poderá retirar o encantamento (BRITTO, 2007). Já a Lenda do Boto conta que um belo rapaz vestido de branco, alto, vistoso, charmoso, moreno e exímio dançarino sempre aparece nas festas dos ribeirinhos e encanta as moças virgens do lugar. Diferente da Iara, o Boto faz “malinação com saliência” (mantém relação sexual) com as meninas e depois foge para as profundezas dos rios, onde se transforma em Boto novamente (SIRQUEIRA, 2007).

Os estudantes questionaram a heteronormatividade nas lendas, inclusive nas letras de músicas dos grupos folclóricos que sempre apresentam um Boto másculo e sedutor das mulheres e a Iara uma bela e sedutora de pescadores. Logo, surge o questionamento: será que outros corpos, outros sexos não podem ser seduzidos? Um Boto seduzir um homem ou um homem se sentir atraído por um Boto? A Iara pode seduzir mulheres ou mulheres podem se sentir atraídas pelo canto das Iaras?

Assim, os estudantes trouxeram para o encontro letras de músicas folclóricas que revelam a sedução das figuras lendárias (Boto e Iara), mas problematizaram o debate por serem letras que ainda rotulam a sexualidade masculina e feminina como heterossexual.

Apresento a letra da toada do Boi – Bumbá Garantido em homenagem a Lenda do Boto, cantada no encontro com os estudantes:



Sedutor das Águas (Boi-bumbá Garantido)

“Quando a noite abraçava o dia
A história que os velhos contavam
Na vastidão da Amazônia ...

Lindas caboclas dançavam
Nas margens do rio
A menina mais viçosa, mais cheirosa do lugar
Libertava o fogo da lua
A menina mais viçosa, mais cheirosa do lugar
Queimando em brasas o príncipe das águas

Nas águas limosas dos igarapés
Transformado em kariwa
Navegando entre as canaranas
Em amores se banhava

Errante que vagueia pelas matas
Em busca de virgens para amar
O príncipe das águas

Sedutor de almas, alimenta-se em sonhos
Devorando a pureza,
Que emana das cunhãs

Eu sou o boto encantado
Que vaga amando na escuridão
Os habitantes do fundo do rio
Eu conclamo pra celebração

Minha força e de puraquê
Meu chapéu é de arraia
O meu encanto cintila nas águas
Feito escamas de pirarucu ...

Sou bicho de água, sou boto e homem
Beijando as águas barrentas do rio
Cavalgando arrastado pelos temporais”

Foto 5 – Sedução do Boto.

E porque não debater a sexualidade entrelaçada nas artes rítmicas (músicas e danças) no Ensino de Ciências?



Sétimo Fio

Sexualidade...

Sensações em Artes Visuais

“O estudo deleuziano da figura privilegia o corpo. O que está pintado como figura é um corpo, não representado como objeto, nem representando um objeto, mas experimentando uma sensação”. (MACHADO, 2010, p. 228).

P

ara tecer sensações visuais¹², busquei inspiração em obras de arte que enunciam, mobilizam exprimem e até antecipam princípios e pensamentos.

O princípio da identidade, por exemplo, atravessa a história da tradição até a modernidade. Identidade é um termo que surge do latim clássico e significa aquilo que é, que não sofre modificações, alterações, que está na ordem do deste, portanto, está fincada ao postulado da representação que se articula “à quádrupla sujeição aos liames mediadores da representação: a identidade no conceito, a oposição no predicado, a analogia no juízo e a semelhança na percepção” (SCHÖPHE, 2004, p. 22). Esse pensamento que tudo reduz ao ser é, não pode ser de outra forma. Diz Aspís:



O princípio da identidade é aquele que pode ser enunciado da seguinte maneira: ‘A é A’ ou ‘O que é, é’ [...] Esse princípio é o que permite que definamos uma coisa e possamos reconhecê-la enquanto tal. [...] O segundo princípio é o da não-contradição, cujo enunciado é ‘A é A e é impossível que, ao mesmo tempo e na mesma relação, seja não-A’ [...] O princípio do terceiro excluído é enunciado da seguinte maneira: ‘A é x ou A é y não há terceira possibilidade’ [...] Ainda temos o princípio da razão suficiente que considera que tudo o que existe ou tudo o que acontece tem uma razão, uma causa ou motivo. (ASPIS, 2014, p. 1-2).



Esse princípio de identidade construiu um modo de leitura do mundo que se coloca como verdade lógica, fundamentando uma ontologia do ser que não pode escapar da substancialidade, da essencialidade, formando todo um pensamento do julgamento ou mesmo moralizante, o que limita a linguagem, modos

¹² E as frases-recado a nos empurrar e levar a ver novas e outras sensações sobre “Sexualidade é...?”.

de pensar e de agir em função de todo um componente lógico, discursivo que tende a fixar.

Chega-se com tal compreensão na modernidade, que cria a ideia de sujeito centrado, ou a ideia de consciência, um sujeito pensante, transformando em eu como princípio primeiro, a racionalidade como uma instância produtora da verdade e da retidão, sendo assim, um princípio infalível, pois se fundamenta em uma solidez rígida. Desse modo, a consciência produtora de verdade determina o que é, e o seu princípio encontra-se nesta, no eu pensante. O pensamento da representação necessita sempre de uma identidade e de um fundamento ou de uma causa primeira.

Ora, mas o que sugere a obra

Metamorfoses II (1939-1940) de

Escher?

O que faz mobilizar?

Essa pintura leva a pensar

exatamente em um não

fundamento, em uma não

identidade. Xadrez, aves, casas,

insetos, peixes, pássaros se

desfazem da unidade, se

desfazem de uma essencialidade

fixa, modular, há uma tensão, um

embaralhamento das sensações, dos

perceptos, produzindo abalos na

identidade fixa, um movimento

composto de diferença, tomando aqui

um movimento desregrador que afirma o não ser, levando-o ao limite do caos,

pois aí as determinações não têm voz. Assim, a diferença se torna

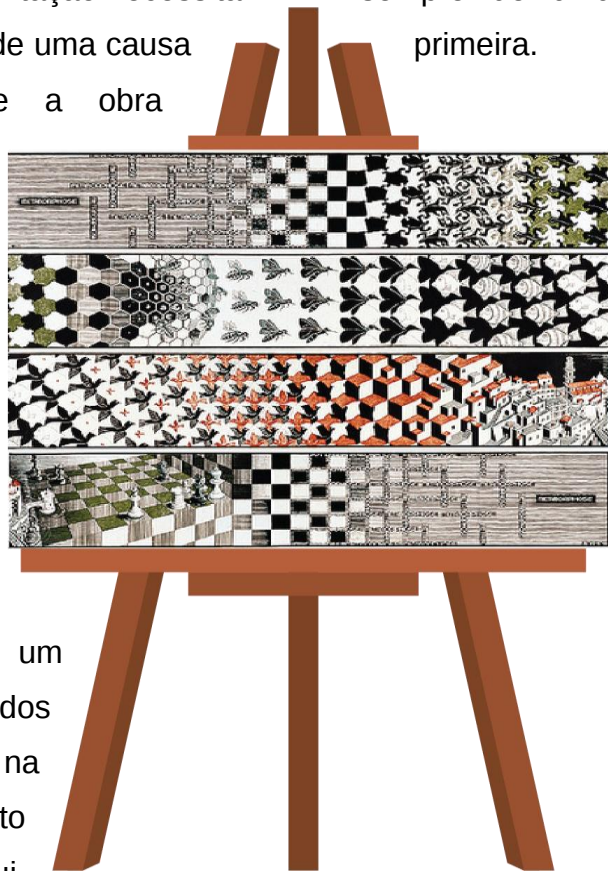
perturbadora da ordem estabelecida, visto que se movimenta na

descontinuidade, na ruptura.

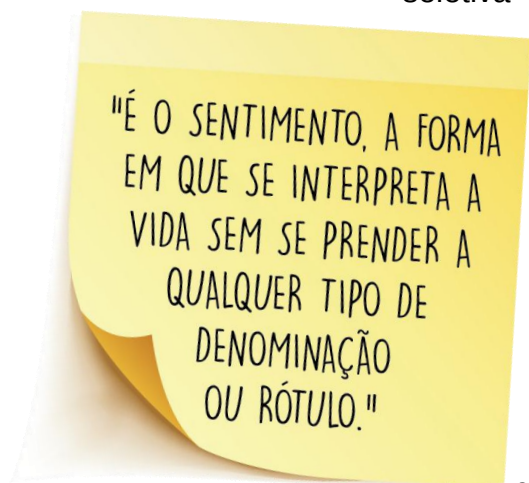
Então, o pensamento da identidade imprime uma moral rígida,

enclausurada em princípios formais e lineares que tendem negar a diferença

porque esta é subversiva e, por outro lado, a diferença a coloca em debate.



O princípio de verdade indubitável se fundamenta em uma instância seletiva que forma uma cadeia de valores que



desqualificam qualquer ideia de movimento, de transformação, de não unidade. A razão adequada condena, julga tudo que percorre os desvios, a não centralidade, o desregrado, o que não tem princípios, por isso, também que a diferença tende a escapar das compreensões e dos entendimentos categorizadores.

Escher, com essa imagem, reivindica esses movimentos que estão para além da centralidade, da identidade, como diz Brito e Santos, “Tudo isso para dizer que não há categorias absolutas, um fundo unificado, posto, tudo que há, são aparências de unificação, suposição de um sujeito” (2014, p. 04).

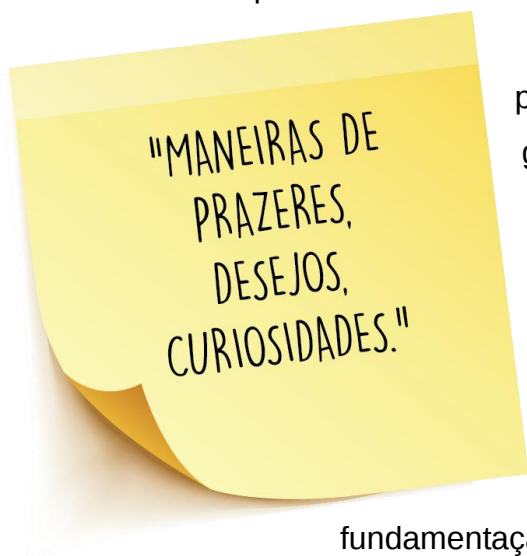
A pintura de Escher, assim como certos tipos de literatura, convoca olhares múltiplos e desmonta o centro do sujeito, da unidade, da razão e da substancialização para pensar em termos de vida, de diferença, de linhas abertas. Assim, o corpo, a matéria viva desliza para além do centro unitário, percorre vias plásticas, alargadas, desmontando a fixidez do idêntico, ou do “é”. Logo:

[...] os corpos podem se deslocar, construir suas linhas de fuga, pois essa maquinaria não pode totalizar e nem unificar e mesmo quando se impõe sobre os corpos e se assenta sobre ele não cola a sua totalidade, pois há comunicações transversais e plurívocas, possibilitando que os corpos cavem suas rachaduras, suas bordas discordantes, faça seus movimentos [...]. (BRITO; SANTOS, 2014, p. 05)

Nesse sentido, Escher coloca-nos em um feixe de interpretação que desmonta a identidade. Não se reconhece e nem se conhece o centro giratório, não há centro pelos deslizamentos desse quadro que reivindica a metamorfoses, pois, segundo Deleuze,

Não nos encontramos mais diante de um mundo individuado constituído por singularidades já fixas e organizadas em séries convergentes, nem diante de indivíduos determinados que exprimem este mundo. Encontramos-nos agora diante do ponto aleatório dos pontos singulares, diante do signo ambíguo das singularidades. (DELEUZE, 1998, p. 118).

Misturas, estados, agregados, composições, não uma unidade. Não se está mais em um estado de bom senso, embora, algumas concepções de que a operação pela causalidade e representação insista em um centro, em uma organização de todos os tipos já fixas e sedentária, ou aquelas formações de um senso comum que visam uma função de identidade.



Ao redor dessas questões há uma posição ontológica que busca a generalidade, a semelhança, bem como o sentido, a significação, a designação, à medida que impedem ou desejam impedir certa manifestação do indiferenciado, ou mesmo aquilo que se pode chamar de sem fundo. Se antes a procura pelo princípio de

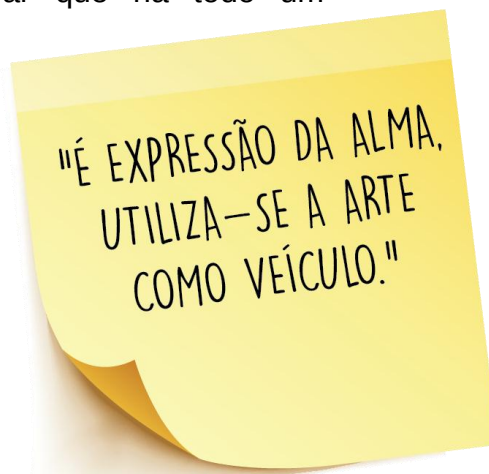
fundamentação, buscava a medida e a retidão, o sem fundo mostra um corpo monstruoso em que a linguagem não contempla e não diz o que é, na medida em que esse corpo desloca, ocorre o desnível, então, aqui as designações declinam.

Escher mostra a superfície, o deslizamento, a não designação, o sem fundo. Ora, para entender essas questões, vou a Deleuze (1998), na série da imagem dos três filósofos, em que o autor faz a crítica de certo modo de pensamento que procura a verdade nas alturas, na ascensão, desprezando o movimento, a imanência, as transformações.

Deleuze (1998), inspirado em Nietzsche, afirma que os Estoicos, junto com os Megários e Cínicos, não produzem um pensamento pelas alturas, que deseja a verdade como adequação. Por isso, Nietzsche, segundo Deleuze (1998), foi o pensador que fez esse desmonte da imagem da representação, que não deixa de promover um pensamento moralizante e julgador. Nietzsche, na esteira de Deleuze, foi o pensador que fez uma crítica corrosiva a toda ideia de fundamento e de identidade, para reivindicar um pensamento sem fundo, plural, trágico, heterodoxo (MACHADO, 2010).

Deleuze (1996) sugere que se crie um pensamento capaz de acolher a diferença, um pensamento sem a força do julgamento ou da verdade em si. Pois o pensamento da identidade preza pela boa conduta, pela correção, pela boa vontade. Nietzsche, para Deleuze (1998), foi o pensador que colocou em suspeita toda essa caracterização moralizante do pensar.

Pensar por adequação é observar que há todo um procedimento do cansaço, da sonolência, de uma vida sem força, sem criação, sem invenção. Essa vida não faz mal a ninguém, não fomenta nenhuma ameaça (RAMOS; BRITO, 2014). Essa orientação atrela o Estado, a moral, a ciência, a religião, pois não faz questionamentos das tábuas valorativas, postas como lei, a serem seguidas.



Para além dessa vida apaziguada, há todo um mundo de diferenciações, de misturas, de latidos, de atividade vital que percorrem a força do fora, as forças da superfície que mostram que a vida não se institui em campo sedentário, sem vida, sem movimento. Como Escher sugere em seu quadro vida em movimento, vida que difere na diferença e não pela identidade deste. Nesse sentido, há toda uma composição de vida, de singularidades que difere.

Nessa perspectiva, me afasto das leituras biologizantes do corpo, para me aproximar de uma perspectiva mais filosófica e artística. O que para mim é salutar, na tentativa de destacar, inclusive, no ensino de ciências outras leituras e compreensões vitais, retirando as leituras das ciências como um único campo de saber, o que a meu ver só contribui para um mundo cada vez mais fascista e autoritário. Com isso, carrego a tentativa de cruzamentos entre ciência e outros saberes.

As pinturas *Les jours gigantesques*, de René Magritte (1928) e *Corpos entrelaçados*, de Lilian Zampol (s/d), que disponho nesta escritura, são obras que confundem o corpo organicista e o corpo identidade nesse texto-tela.

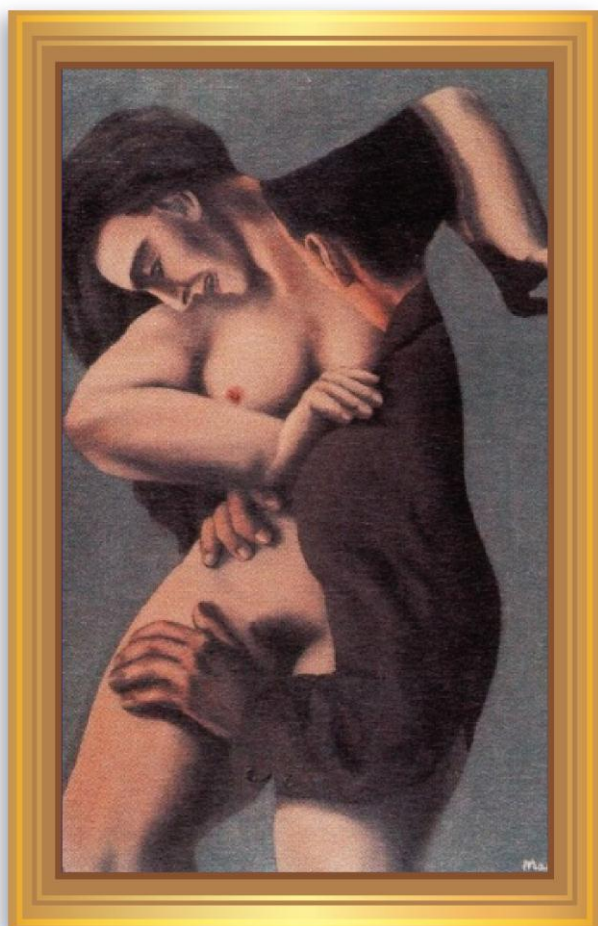


Foto 6 –
Les jours gigantesques,
René Magritte

Foto 7 –
Corpos entrelaçados,
Lilian Zampol



As artes antecipam vários movimentos, antes mesmo das ciências duras, das ciências objetivas, que pontuavam como critério a neutralidade, um corpo neutro, objetivo, instrumentalizado pela razão objetiva, mecanicista, regular. A ciência, nos seus primeiros desenvolvimentos no século XVII, afastava o corpo, o humano do conhecimento e os historiadores da ciência tentavam a todo custo reconstruir o passado, sem o distorcer como se obtivessem uma verdade dada.

A ciência era vista como generalidade e não como abordagens que percorrem diferentes leituras de vida, de mundo. Mas, Feyerabend (2007) diz que não há unidade nem mesmo nas ciências, pois “de qualquer maneira, estamos bem longe da velha ideia (platônica) de ciência como um sistema de enunciados desenvolvendo-se por meio de experimentação e observação e mantido em ordem por padrões racionais duradouros” (p. 14).

Assim, quando as artes mostram o corpo, não mostram com esses padrões racionais edificantes; a pintura de René Magritte e Lilian Zampol

faz um embaralhamento das ideias, bem como do corpo, tal como a ciência se mistura e se comunica hoje com outros setores, por entender que, permanecendo em sua neutralidade e objetividade, pouco pode avançar.

O corpo embaralhado na indefinição, posto por Magritte e Zampol, destaca o estranhamento com a identidade, com um núcleo central, com a unidade. Esse corpo se distingue e se mistura nas suas relações de movimento, de repouso, em relação a sua velocidade e a sua lentidão, ou mesmo em sua relação com as linhas duras e as linhas moles. A pergunta de Espinosa em sua Ética: o que pode o corpo? É por saber de sua inclassificação; cada encontro compõe e decompõe um corpo, cada mistura o leva para outro lugar e outro movimento, assim o corpo não “é”, ele faz “e”.

Magritte e Zampol mostram essa provocação nessa tela-texto inspiradora. Que se veja o corpo não petrificado em uma identidade, e sim o corpo vivo, envolvido por uma maquinaria produtiva. Magritte pontua um estranhamento, inclusive, para o sexo, talvez por entender que as linhas



"JEITOS DE VIVER,
DE SE RELACIONAR."

formais do corpo consistem em diferenciações, que podem aparecer de uma maneira mais ou menos flexível. Não trata de negar que o corpo também seja levado por processos de subjetivação rígidos que o envolve para determinadas finalizações, o corpo também se organiza para se manter vivo e circulando, tampouco se quer negar seus movimentos, suas flexibilidades.

As obras de Magritte e Zampol também embaralham os postulados e as proposições da lógica científica, o que convida o leitor, o estudioso, o pesquisador do Ensino de Ciências manejarem ou conectarem outros agenciamentos para o ensino, por exemplo.

Um corpo visto por outros contornos, menos mecanicista, para ser olhado, apreciado em vias mutantes, capaz de exercitar sua própria experimentação, suas conexões. Nesse sentido, essas questões se mostram de suma importância para o campo das ciências e seu ensino. Então, esse corpo que percorre a multiplicidade, suas variações e movimentos,

Para viver sua metamorfose é preciso produzir um corpo capaz de suportar o intempestivo, suportar o movimento alucinado das partículas desejantes que arrastam o eu para um mundo de devires, para uma linha de fuga. Sensibiliza-se cada microcélula. Impede-se que o corpo aja por automatismos, até o momento em que o desejo arrebenta a imobilidade e tece seu próprio movimento. (DINIS, 2008, p. 357).

Pode ser difícil tratar do tema sexualidade no Ensino de Ciências, contudo, há possíveis leituras em outras linguagens, outras escritas menos totalitárias, que possam olhar o corpo como forças em conjunto que fazem distribuições, passagens, vias para modos de individuações abertos. Assim, quando se trata de fazer uma crítica à ideia de objetividade, ou da noção estabelecida de objeto e passa para pensar a vida como coisa fluída, porosa, que perpassa por fluxos vitais.

A ciência cada vez mais transversaliza com outros saberes, o que permite ver o humano e as vidas por outras composições complexas. Nesse sentido, o corpo se entranha para além do fundamento, mas isso não apresenta em si um problema. Logo, a questão em si não é se o corpo percorre o fundo, ou a superfície, e sim a debilidade que compõe as forças do sentido que percorrem a ideia de corpo, pois o sentido doador de sentido escapa quando a imanência atravessa o movimento do desejo, escapa o movimento vital, abalando as definições duras que levam as explicações que parecem

abstrações, fundadas em bases estabelecidas, como se fosse impossível sentir o mundo em abalos, em incertezas.

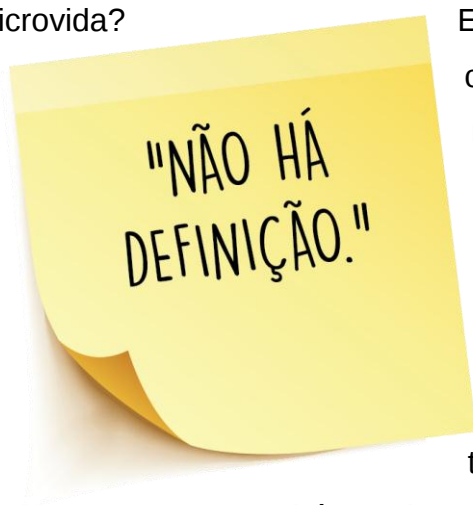
Há uma crença na homogeneidade, há também uma crença nos atos e fatos isolados, buscam-se caracteres iguais, isolam-se ações, fatos, escalonam-se gêneros que levam a organização hierárquica de valores. Então, as palavras, a linguagem estabelece grupos, designações, verdades, costumes, hábitos que impõem como um fundo em si, uma essência indubitável. Há uma espécie de mitologia escondida na linguagem e nos comportamentos valorativos e isso advoga modos de ser e buscam impor como negação os escapes, mas foram os escapes e não as verdades absolutas que trazem para o indivíduo toda a beleza da existência.

É algo assim, meio da ordem do mistério, da alquimia, que lança o corpo para encontros insondáveis, misturas imagináveis, sem rosto, sem um lugar, sem culpa e sim a experimentação do corpo à sexualidade como remete a obra *Les Amants* (1928), também de René Magritte. Mas, a medicina, a psicologia, a biologia, a psicanálise vão buscar explicações para o seu controle, para afirmar, a partir de um campo da normalidade e/ou da anormalidade, como esse corpo flutuante pode fixar seus desejos, ou suas identidades. Do mesmo modo que tratam a sexualidade.



O que destaco é que o corpo vaza por todos os lugares assim como a sexualidade para além de um campo binário¹³, mesmo quando submetido a toda uma máquina de produção e estruturação social. Pois como afirma Guattari (1987, p. 44, grifo meu) “o corpo social repressivo nos destinou autoritariamente”. Ora, mas também ele sabe que é possível no interior da trincheira uma relação verdadeira consigo mesmo, com seu próprio corpo. Isso ele coloca muito bem nos seus textos sobre a *Micropolítica: revoluções moleculares*.

Quem iria conseguir suportar a vida, senão pudesse viver uma microvida?



Então, a questão é: não seria o momento de cada um se colocar a escuta dessas microvidas que explodem que gritam por um pouco de possível? O que isso interessa para nós professores de ciências? O que interessa, por exemplo, como se expressa a sexualidade em meio a micro porções do desejo? Isso importa mais do que todos os significantes e significados?

Também cabem as indagações, só como fissuras para o pensar: onde há efetivamente o sentido? Onde há a consciência do corpo quando ele é arrastado pelos campos moventes da sexualidade? O que Deleuze e Guattari (2011) desejam é encontrar uma forma de intensidade para o meio do corpo glorioso, um corpo intenso, como diz Gil (2008) “percorrido por fluxos de intensidade” (p. 163), sem a clausura da identidade fixa.

Contudo, o preocupante é que ao tratar do tema sexualidade no Ensino de Ciências, se pensa o corpo como um objeto de classificação, de controle, mostrando um efetivo poder sobre este, que reverbera pelos discursos escolares, pela ciência, pela religião. O corpo é minado por todos os códigos. Esses discursos (da ciência, da religião) são aceitos no campo da tradição

¹³ Questão polêmica inclusive para os estudos psicanalíticos. Freud (1925), por exemplo, em seus três ensaios sobre a sexualidade, já com algumas questões amadurecidas sobre alguns comportamentos sexuais, ele chega a sugerir que a pulsão sexual nos humanos é diferente dos outros animais, afirmando que no humano a pulsão sexual pode variar e não está efetivamente vinculada ao instinto. O objeto sexual é diverso, pontuando considerações relevantes a finalidade do prazer. O que torna sua análise um pouco flexível sobre a ideia de sexualidade.

educativa por ser também ainda dogmática. Embora, devo ressaltar que esse campo já vem sendo cortado, problematizado por outras leituras interessantes, como já pontuei.

Ao tecer sensações artístico-visuais com os estudantes, por meio de desenhos, pinturas, gravuras e rabiscos que expressam um sentimento de liberdade, autenticidade e rupturas, nas formas, nas cores, nas linhas e na sensibilidade, foi possível experimentar múltiplas emoções-expressões que revelaram o quanto o Ensino de Ciências, ao tratar o tema sexualidade, enclausurou o pensamento de cada jovem ali participando do translaçado de ideias.



Foto 8 – Sensações visuais de estudantes.

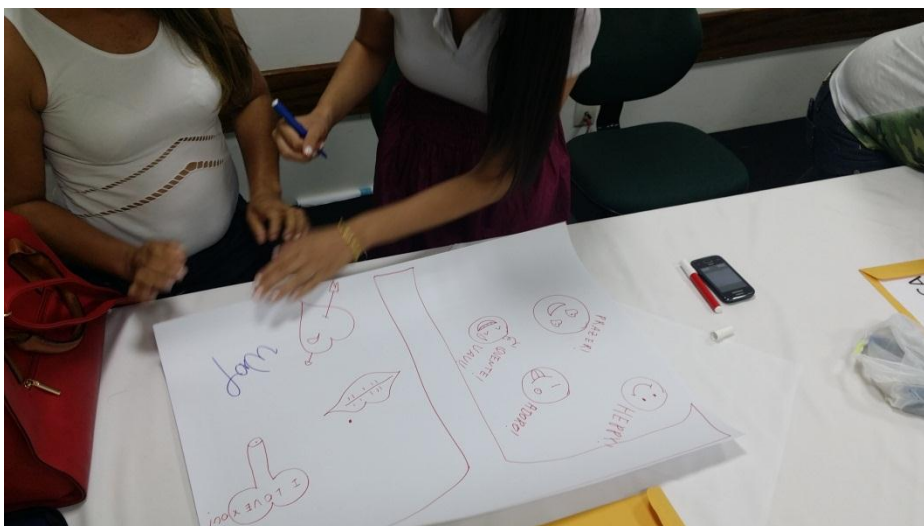


Foto 9 – Sensações visuais de estudantes.



Foto 10 — Sensações visuais de estudantes.

Foram muitas imagens elaboradas, associadas e (des) mobilizadoras de uma educação enclausurada e endurecida acerca da sexualidade, os estudantes movimentaram as suas sensações por meio de imagens-textos, criaram imagens de corpos em movimentos, em desejos, em outras vias, porém, ainda, houve estudantes que representaram a sexualidade padronizada, estigmatizada e formada para as aulas de Ciências.

As frases-recado foram surgindo de um embaralhamento de sensações a partir das obras de arte de René Magritte, Lilian

Zampol e Escher, que povoaram os debates do grupo, bem como, a

percepção de possibilidades em desenvolver um trabalho interdisciplinar com estudantes da Educação Básica, entre as disciplinas Artes e Ciências, para juntos fluidificar outras dobras no que se refere ao tema sexualidade, que infelizmente é um tabu na escola, na sociedade e na vida de muitas pessoas. E por que não discutir a sexualidade translaçada nas artes visuais no Ensino de Ciências?



Octavo Fio

Sexualidade...

Sensações Fílmicas

“O cinema é uma forma de pensamento. Os grandes cineastas são pensadores, embora não pensem conceitualmente, mas por imagens. Daí a primeira grande tese de Deleuze ao elaborar uma classificação das imagens cinematográficas: o cinema pensa com imagens – movimentos e imagens-tempo [...]” (MACHADO, 2010, p. 247).

Assim como a pintura pode oferecer uma imagem-texto para questionar ou mesmo provocar reflexões sobre identidade, corpo, sexualidade, também é possível tecer tais reflexões a partir da arte cinematográfica, pois produz imagens-movimento; a intenção não é descrever o roteiro, nem mesmo interpretar e analisar a obra, mas provocar sensações¹⁴.

No filme *Elvis & Madona* (2009), exibido nos cinemas (alguns) em 2010, dirigido por Marcelo Laffitte, se conta a história de um casal formado por uma lésbica e uma travesti; era assim que os personagens se identificavam, vividos pelos atores Simone Spoladore e Igor Cotrim, com a participação de Maitê Proença, José Wilker, Buzza Ferraz, entre outros.

Elvis (Simone Spoladore) sonhava em trabalhar com fotografia, queria ser fotógrafo, mas como havia saído de casa, precisava sobreviver, ganhar dinheiro para se sustentar, aceita um trabalho como entregador de pizza. Madona (Igor Cotrim) é uma travesti, que trabalha como cabeleireira. Seu sonho é produzir um show de teatro de revista. Ela conhece Elvis e começam um relacionamento amoroso.

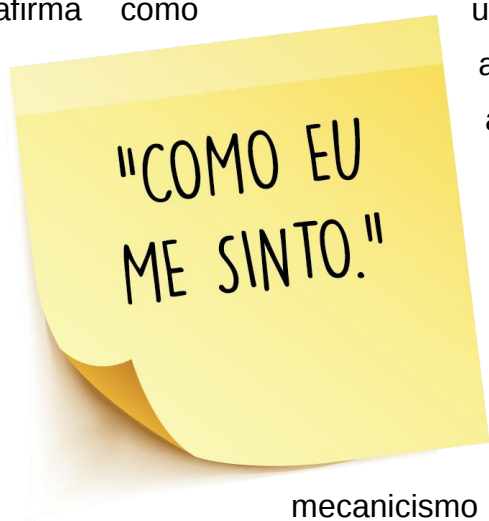
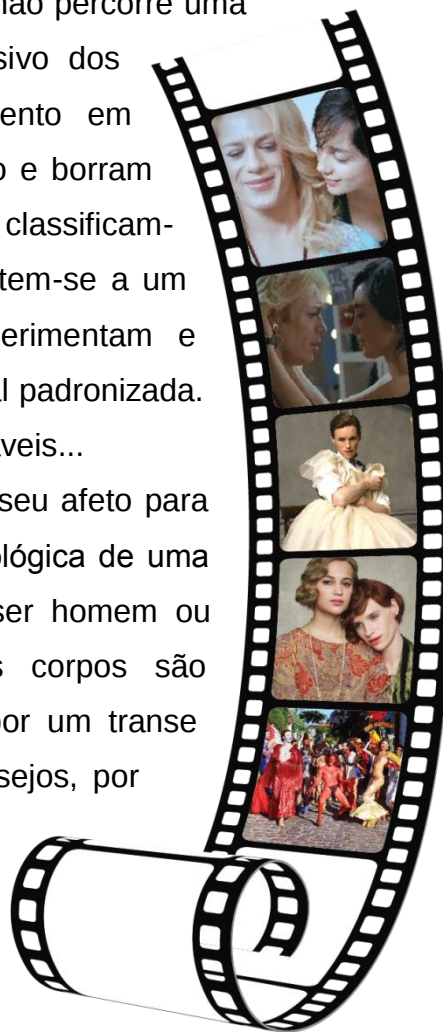
O filme mostra um debate sobre a questão da identidade sexual. Tal identidade sexual na nossa sociedade ainda é um fantasma, que precisa ser vigiada e controlada. O filme questiona: o que é ser homem? O que é ser mulher? Que identidade há na figura da mulher ou na figura do homem?

"A PESSOA ENTENDER SUA
SEXUALIDADE DE FORMA QUE
SE SINTA BEM E SE DEFINA
SOBRE O QUE QUER SER,
SEM ESSA QUE SEXUALIDADE
SE TRATA DE SEXO ENTRE
DUAS PESSOAS."

¹⁴ As frases-recado também se movimentam e nos suscitam "sonhar nas telas dos cinemas"... pois "Sexualidade é...?"

Também destaca que o desejo sexual não percorre uma questão de identidade, mas de devir intensivo dos corpos, corpos que fomentam um movimento em trânsito de saída de um campo comum e fixo e borram as categorizações fechadas. Os personagens classificam-se como lésbica e travesti, no entanto permitem-se a um movimento dos corpos que desviam, experimentam e vazam a condição de uma classificação sexual padronizada. A sexualidade vai e percorre caminhos indomáveis...

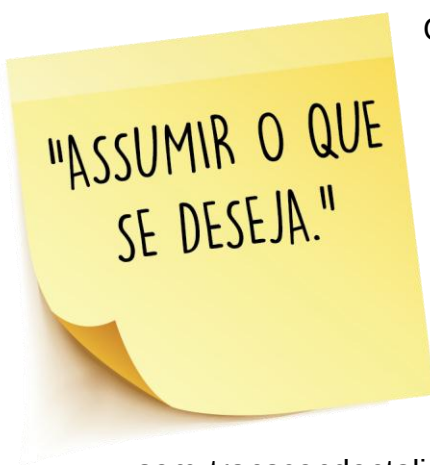
Elvis fica grávido de Madona, vivendo seu afeto para além do que “é”, sem uma preocupação ontológica de uma identidade, ou de uma moldura do que é ser homem ou mulher. O filme procura mostrar que os corpos são atravessados por um devir, por um entre, por um transe experimental... Corpos afetados por seus desejos, por suas forças minoritárias... Corpos que suportam a força da sua pura singularidade, caminhanes, para além de uma lógica instituída, de uma lógica do igual (SOUZA; BRITO e SANTOS, 2014).



Deleuze (2004) faz um desmonte da ideia tradicional de desejo e o afirma como uma composição. O desejo é maquinado assim como ele maquina por meio de um acoplamento, de conexões imanentes. O desejo não é nem natural e nem espontâneo, há sempre uma circulação, um agenciamento que põe o desejo em produção, unindo-se em um conjunto determinado de relações. A máquina que Deleuze pensa não diz respeito ao mecanicismo e nem ao organismo, pois para ele a máquina é produtiva, um constante de fluxos e cortes.

mecânica é um sistema de ligações em cadeia de termos dependentes. A máquina, pelo contrário, é um conjunto de vizinhança entre termos heterogêneos independentes (...) O que define um agenciamento maquínico é o deslocamento de um centro de gravidade (...) a máquina é um conjunto de vizinhança homem-utensílio-animal-coisa que é anterior em relação a eles uma vez que é a linha abstrata que os atravessa, e os faz funcionar em conjunto. (DELEUZE, 2004, p. 128).

Foucault (2014) faz esse trabalho de diagnose das produções subjetivas, no que diz respeito à sexualidade, em sua obra sobre a *História da Sexualidade*, para também mostrar essas codificações e seus controles que levam a um processo de subjetivação rigoroso. É por isso, que Deleuze e



Guattari não podem aceitar as naturalizações e as essencialidades, quando sabem que a montagem civilizatória imprime, no corpo e seus movimentos, uma maquinaria de valores, de concepções de modos.

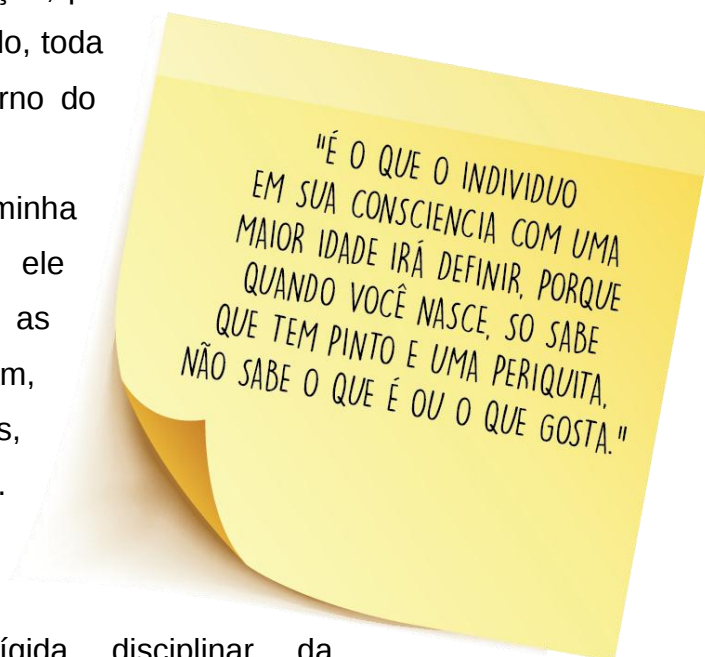
Foucault (1979) também é o mestre dessa composição do saber-poder que inventam sujeitos. Sem véus, sem ladainha, sem transcendentalidade, ele mostra os processos de subjetivação e suas forças, seus poderes, suas emergências. Contudo, dizem Deleuze e Guattari (2011) que o desejo investe contra sua dominação, mesmo não estando fora do poder e do controle, investe, inclusive, no que diz respeito à sexualidade, por exemplo, a homossexualidade, questão que será abordada posteriormente a partir dos efeitos da filosofia Deleuziana. O corpo vaza para além da identidade... Aí que o corpo embaralha efetivamente a semelhança, o igual, o padrão. Como diz Deleuze (2006):

Escapando do modelo heterossexual, da localização desse modelo em um tipo de relações, assim como da sua difusão em todos os lugares da sociedade, a homossexualidade é capaz de levar a cabo uma micropolítica do desejo e servir, no conjunto, como revelador ou detector das relações de força às quais a sociedade submete a sexualidade [...] Precisamente, a homossexualidade se libera, não quebrando toda relação de força, mas quando, marginal, não é de utilidade social alguma: as relações de forças não são aí inscritas no começo pela sociedade, os papéis homem-mulher, comedor-comido, mestre-escravo são instáveis e intercambiáveis a qualquer momento. (p. 359).

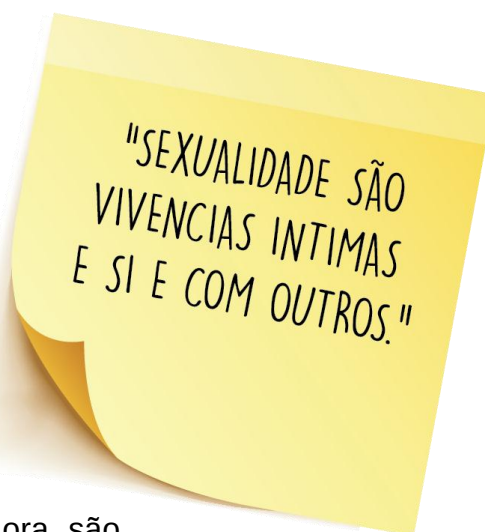
Esse corpo que deixa produzir e se produz por vias de suas máquinas desejantes expurga a orientação disciplinar pedagogizante, moralizante da escola e dos órgãos oficiais, fomentando brechas, como apresentado no filme nacional *Tatuagem* (2013). Então, parece que o desejo, que não pode ser visto pela leitura da tradição, o desejo como falta, ele é produção, criação, como dizem Deleuze e Guattari (2011), “o produzir está sempre inserido no produto, razão pela qual a produção desejante é produção de produção” (p. 16). Então, o desejo é imanente, assim, “tudo é máquina, tudo é desejo” (GIL, 2008, p. 171), tudo também é produção, pois o desejo não é essencializado, toda a sua produção gira em torno do fora das relações.

O corpo aqui não caminha pelo fundo, como já dito, ele funciona no meio, onde as máquinas desejantes atuam, produzindo suas conexões, cortes e deslizamentos. Todos os papéis são embaralhados e desmontam a lógica rígida disciplinar da naturalização do organismo. Por isso, o desejo não pode ser tomando como meta, e sim como uma produção processual,

[...] que este não seja tomado como uma meta, um fim, nem confundido com sua própria continuação ao infinito. O fim do processo, ou sua continuação ao infinito, que é estritamente a mesma coisa que sua paralisação bruta e prematura [...] o processo deve tender para sua efetuação, não para alguma horrível intensificação, para algum horrível extremo no qual corpo chegam a perecer [...] As máquinas desejantes são máquinas binárias acopladas, com regras binárias ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada a outra [...] o desejo não para de efetuar o acoplamento [...]. (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 15-16).



Esse corpo desejante se desmobiliza dos órgãos para pensar novos processos que estejam convocando outras posições frente à norma, o que foi apresentado nos filmes: *O segredo de Break Mountain* (2005) e no filme nacional *Do começo ao fim* (2009), a lei moral, o pudor, a culpa, para produzir outros efeitos condizentes com suas flexibilidades. Porém, os autores são claros, visto que esses deslizamentos não podem ir ao infinito, ora são necessários paradas, estabelecimentos, sob pena do corpo não ser devastado, esfarrapado. Esse é sempre a prudência, o cuidado que Deleuze e Guattari (2011) possuem quando convocam essas produções desejantes. Não se cria quando o corpo está em estado de cansaço, antes, esse corpo precisa respirar, parar, se estabelecer, entrar em um campo de forças, de produção que não o leve para a miséria.



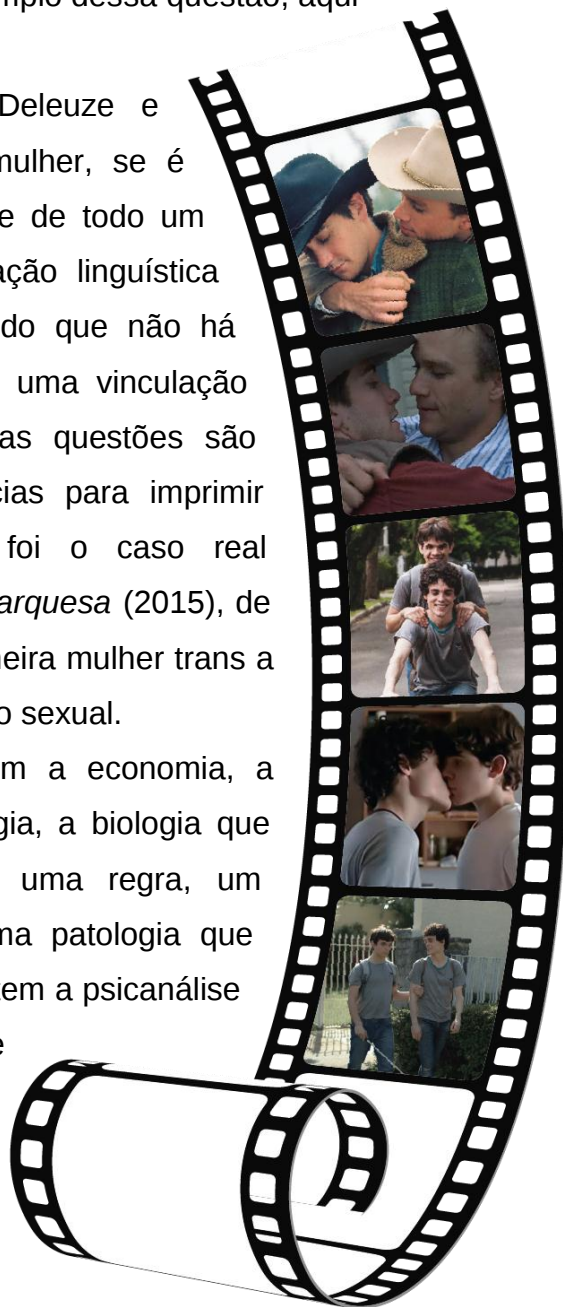
É claro que tudo isso causa um pânico para a sociedade, para escola, principalmente, então, qual será o professor corajoso que colocaria essas reflexões para os alunos? Porém, no filme nacional *Hoje quero voltar sozinho* (2014), a história se passa em um ambiente escolar, com estudantes da Educação Básica, proporcionando debates e preocupações quanto à experimentação da sexualidade. Contudo não se deve esquecer que as máquinas sociais fomentam toda ordem do poder e, segundo Deleuze e Guattari (2011), não cessam de gerar estratégias para deixar a norma e o controle funcionar na superfície do corpo sexuado, preconizando uma lógica binária, inclusive no sexo, conforme já explicado.

Mas, as máquinas desejantes, apesar de entrarem em um regime binário para fazer seu acoplamento, seus deslizamentos saltam para além da binaridade, há aqui sensações de passagens, cortes, estados de intensidades que tendem a desfigurar a forma, exemplo dessa questão, aqui já colocado.

Não importa, como dizem Deleuze e Guattari (2011), se é homem ou mulher, se é macho ou fêmea, pois isso faz parte de todo um comportamento binário e de nomeação linguística dessas identidades. Do mesmo modo que não há nenhuma linguagem que não tenha uma vinculação com o poder. Por outro lado, essas questões são agarradas pelos debates das ciências para imprimir sempre uma normalidade, como foi o caso real apresentado no filme *A garota dinamarquesa* (2015), de acordo com a história do filme, a primeira mulher trans a ser submetida a cirurgia de adequação sexual.

Do mesmo modo que se tem a economia, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a biologia que estão em espreita para encontrar uma regra, um comportamento, um padrão fixo, uma patologia que precisa ser corrigida, assim como se tem a psicanálise freudiana para indicar em que momento o Édipo pode entrar para fixar a culpa, pois “acredita-se que Édipo é fácil, que é dado. Mas não é assim: Édipo supõe uma fantasia, repressão das máquinas desejantes” (DELEUZE, GUATTARI, 2011, p. 13).

A máquina social não é uma metáfora, é uma extração de fluxo, faz repartições, cortes, executa normas, costumes, codifica os devires, faz operações, constrói sistema de valores morais, implica e complica a vida por leis, organiza a produção da produção, em suas organizações nada poderia



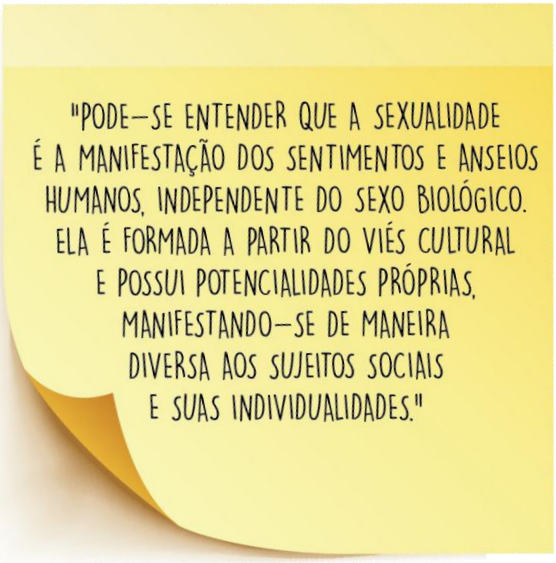
escapar, não escaparia, as mulheres, as crianças, os trabalhadores, os vagabundos, os marginais, os homossexuais, e... Então, a questão do *sócius* é codificar, “o essencial é marcar e ser marcado” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.189).

Cada nome, cada função, cada código, é uma marca, é um modelo, um regime de fixações que tendem a normalizar, a legitimar, a disciplinar, a controlar, a repatologizar. É exatamente um campo de centralidade se constrói aquilo que é marginal, que está fora de ordem. Com isso, se entende que mesmo aquele que busca a não submissão não se desgarra da lei, pois a sociedade parece delirar em sua busca desesperadora pelo centro.

O imperialismo crescente de uma sociedade que quer atribuir um estatuto social a todo inclassificável criou esta particularização do desequilíbrio... Recortando para melhor reinar, o pensamento pseudocientífico da psiquiatria transformou a intolerância bárbara em intolerância civilizada. (DELEUZE, 2006, p. 360).

Contudo, a produção desejante opera contra a identificação de categorias, tais como: homem, mulher, homossexual, lésbica, bissexual... Deleuze e Guattari (2011), de alguma forma, buscam uma espécie de desontologização dessas enunciações dos sujeitos. Essa desontologização não vem com o basta nas identidades, a meu ver, eles sugerem atitudes, construção de outros modos, operar como estratégias políticas, buscar um entre lugar, um devir, micropolíticas para desmanchar essas identidades sexuais e corporais.

As revoluções moleculares, por exemplo, se a mulher deixar de se queixar do seu abandono nas políticas, de sua subserviência e encontrar um meio, fazer novas existências, inventar outros modos... Isso pode mostrar a



"PODE-SE ENTENDER QUE A SEXUALIDADE É A MANIFESTAÇÃO DOS SENTIMENTOS E ANSEIOS HUMANOS, INDEPENDENTE DO SEXO BIOLÓGICO. ELA É FORMADA A PARTIR DO VIÉS CULTURAL E POSSUI POTENCIALIDADES PRÓPRIAS, MANIFESTANDO-SE DE MANEIRA DIVERSA AOS SUJEITOS SOCIAIS E SUAS INDIVIDUALIDADES."

construção de outro modo de viver. Não basta se queixar apenas, é necessário inventar afeções, linguagens, escrituras que desenhem e coloquem cor em prol de outros modos de existência.

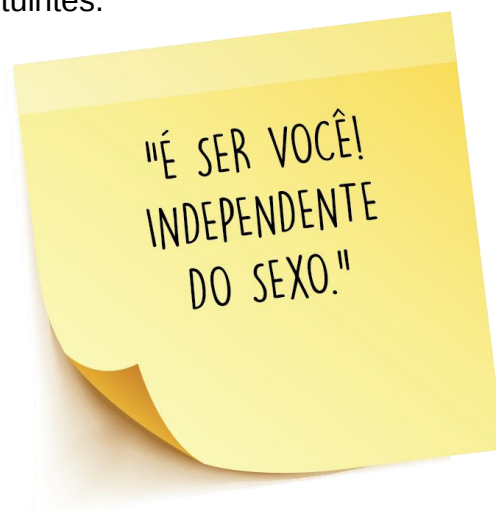
Ressalto que a preocupação de Deleuze e Guattari (2011) não parece ser exclusiva, embora seja primordial, com a micropolítica, mas são as relações entre macro e micropolítica que importam. Portanto, não se trata somente de inventar novos territórios existenciais ou modos de vida, e sim como esses territórios podem se sustentar, ganhar inclusive linhas duras de políticas instituídas sem abafar os movimentos instituintes.

Não quero expor uma dualidade, ou entrar em certos maniqueísmos, embora, possa parecer, pois os códigos e os territórios têm uma função vital, possibilitando a vida circular, dão chão ao território existencial: o perigo das linhas de fuga ou desterritorialização é exatamente o de não construírem territórios ou códigos novos, de cair na reterritorialização ao querer reproduzir

territórios já desgastados, ou, pior ainda, não construir território algum, tornar-se linha de morte, de abolição. Isso é pior do que qualquer linha dura!

Portanto, Deleuze e Guattari (2011) procuram ponderar essas questões para não tratarem de oposição, embora, façam isso em algumas situações, como forma de explicar o texto. Não há linhas boas ou más, há vibrações diferentes (linhas duras, flexíveis ou de fuga), cada uma delas tem uma função na composição da vida, assim como cada uma tem seus perigos.

Pode-se observar que há todo um movimento do corpo e também da sexualidade para escapar da família, da escola, da ciência, dos tribunais para que o corpo sexuado viva; mas há também todo um *sócius* de codificação que deseja imprimir um rosto, uma máquina, para que nada saia do governo, porque nesse sistema de classificação há dois eixos: a subjetivação e a significação. “A significação não existe sem um muro branco sobre o qual inscreve seus signos e suas redundâncias. A subjetivação não existe sem um



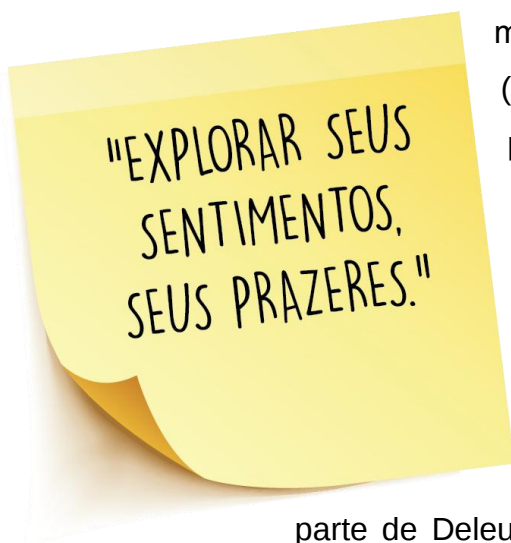
buraco negro em que aloja sua consciência, sua paixão, suas redundâncias” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 31). O curioso que os autores querem dizer que há todo um sistema para a maquinação do rosto envolvido por muro-branco-buraco negro, pois como dizem,

Uma criança, uma mulher, uma mãe de família, um homem, um pai, um chefe, um professor primário, um policial, não falam uma língua em geral, mas uma língua cujos traços significantes são indexados nos traços de rostidade específicas. Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. O rosto é, ele mesmo redundância. E faz ele mesmo redundância com as de ressonância ou de subjetividade. O rosto constrói o muro do qual o significante necessita para ricochetear, constitui o muro do significante. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 123).

Mas, os autores também falam que esse rosto que é impresso, moldado por todo um sistema de redundância também pode desmontar-se, inventar seus fios de singularidades, pois a vida faz escapes, os fios, as linhas, os devires entram em uma maquinaria das micromolecularidades.

Nessas vias micromoleculares se pode dizer que a homossexualidade entra como passagens do corpo, corpo que difere. Se a homossexualidade veio à tona como debate, com a epidemia da AIDS (na década de 80), apresentado no filme nacional *Cazuza* (2004) e *Philadelfia* (1993), sendo visto como “o

maior pânico sexual de nossa história” (MISKOLCI, 2014, p 33), ela é a mais pura perspectiva da diferença, embora se tenha que ter cuidado e prudência, para evitar que as linhas de fuga sejam idealizadas como boas e desconsideradas de seus perigos.



Levanto essas questões até para mostrar que houve preocupação, por parte de Deleuze e Guattari (2011) em debaterem esses problemas, essas micropolíticas do corpo, da vida, ‘sofreram’ modificações de

olhares, de leituras ao longo de suas reflexões. Importa ressaltar que os autores não querem dialetizar e nem binarizar o pensamento, mas é preciso tomar o devido cuidado para não se pensar polaridades que levem a complicações interpretativas para seus estudos.

Se o corpo difere por essas manifestações ou por outras vias e convida a sociedade a inventar outras formas de leituras sobre o sistema de normalizador, há também que se observar se ela também não é uma captura do próprio poder. Não foi à toa que Foucault trabalhava em sua *História da Sexualidade*, que é um texto também de denúncia da identidade, colocando a questão em foco.

Assim, propus sensações fílmicas aos estudantes, feitas por meio de projeção dos filmes, seleção de palavras-chave e montagem de pequenos textos dramáticos, inspirados nos filmes.

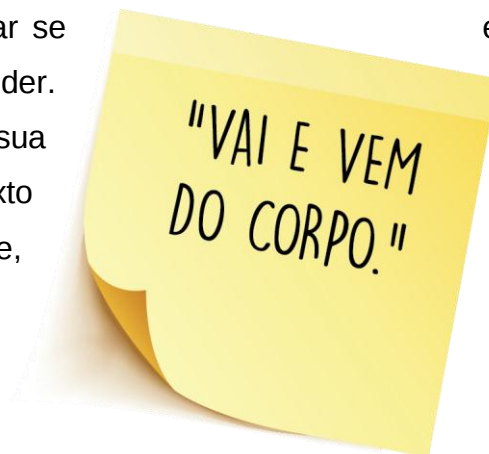


Foto 11 – Sensações fílmicas dos estudantes em palavras-chave e dramatizações.



Foto 12 – Sensações fílmicas dos estudantes em palavras-chave e dramatizações.



Foto 13 – Sensações fílmicas dos estudantes em palavras-chave e dramatizações.

Essas palavras-chave contribuíram para a produção de frases-recado e para enriquecer os debates ao final de cada exibição de filmes. Um dos questionamentos que mais se repetiu entre os estudantes: “-Porque esses filmes poucos são divulgados nas salas de cinema aqui no Norte?”, muitos (quase todos) estudantes não conheciam as obras cinematográficas que foram projetadas no auditório da faculdade. Nos dias de exibição dos filmes, os estudantes participantes do Grupo Translaçados convidaram outros colegas para assistirem e participarem das discussões.

Foram mais de seis encontros com sensações fílmicas, tanto que a exibição do Filme *A garota dinamarquesa*, foi um evento aberto a toda faculdade, com inscrições e certificados de participação, organizado pelos estudantes do Curso de Ciências Biológicas (participantes do Grupo Translaçados), na ocasião inclusive o Diretor, Prof. Eduardo Diniz, também participou dos debates.



Foto 14 – Projeto Conversações Acadêmicas, promovido pelo Grupo Translaçados, com a exibição do Filme *A garota dinamarquesa*.

A exemplo do filme *A garota dinamarquesa*, os demais exibidos foram suficientes para despertar o interesses dos jovens “professores em formação”, para descobrirem/ conhecerem outras produções fílmicas do gênero, para enriquecer e fortalecer as suas produções inventivas quanto ao tema

sexualidade. Eles trouxeram muitas dicas de outros filmes e documentários sobre a temática que possivelmente podem ser utilizados na escola e até mesmo na universidade, contribuindo para os debates. E porque não pensar a sexualidade translaçada em artes cinematográficas no Ensino de Ciências?



Tear III

O tecido (in)acabado...

Uma tese possível...

“A arte conserva, e é a única coisa no mundo que se conserva. Conserva e se conserva em si (quid juris?), embora, de fato, não dure mais que seu suporte e seus materiais (quid facti?), pedra, tela, cor química, etc.

O que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afetos.

A obra de arte é um ser sensação, e nada mais: ela existe em si”.

Gilles Deleuze



Nono Fio

Sem costura...

Sem aviamentos...

Reflexões Finais...

Com base no que aqui foi problematizado é possível afirmar que tratar-tecer-refletir-pensar a sexualidade translaçada com as artes literárias, rítmicas, visuais e fílmicas, tece possibilidades de sensações para o Ensino de Ciências.

As sensações, experienciadas pelos professores-em-formação para o Ensino de Ciências, permitiram inferir que mobilizar o pensamento para problematizar o corpo em multiplicidade e plasticidade não é enclausurar e moldar as suas possibilidades e outras maneiras de experimentação, visto que a sociedade, engessada por uma moral, tenta ter domínio sobre o corpo dos outros, pois há toda uma história das punições, dos castigos, das leis e das condutas. Por isso, se o corpo não só se dociliza há possíveis movimentos feitos por esse corpo para outras mobilidades e sensações vitais. Mas, essa necessidade vem sendo reforçada por toda uma política da vida; o medo da sociedade, com seus padrões, tem de ser questionado e sendo repetido em práticas escolares, da docilidade do homem, da mulher, dos corpos e da sexualidade.

As sensações corporais e sexuais são vivências múltiplas, pois são postas a todo o tipo de relações, mostrando formas de fissurar uma postura normativa, deslocar comportamentos, ideias, desprender o que é normal, cultural, político, criativo, desejo... Provocar fissuras em comportamentos, pensamentos e invenções de si.

Vale ressaltar que há uma produção de sensações sexuais a todo instante na vida cotidiana, na mídia (principalmente em redes sociais), na moda, nas artes... Na vida que produzem maquinarias nos corpos que são impulsionados às novas e outras experimentações do corpo, aproximações curiosas, pecaminosas, eróticas, excitantes e perigosas, em muitos casos. Assim, mobiliza-se uma constante produção de artefatos, sensações, perceptos e envolvimento inventivos no que se refere à sexualidade que não se deixa emoldurar, engessar e fixar por uma cultura heteronormativa.

Como professor e formador de outros professores, a preocupação em como esse corpo e suas experimentações – no caso a sexualidade – estão sendo apresentadas na escola e no Ensino de Ciências mobilizou esta tese de modo inventivo, criativo e reativo, dessa maneira, fui tateando possibilidades para tentar fissurar uma formação linear e normativa de professores de Ciências para Educação Básica.

Por sua vez, as sensações, experienciadas pelos professores-em-formação do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, permitiram enunciar que há uma urgência na formação desses professores em mobilizar outros pensamentos acerca da sexualidade no ensino de Ciências como produção de experimentações e outras obras.

A intenção em problematizar a temática junto à arte foi de deslocar o ensino enrijecido de Ciências por outras vias, discutir nas produções artísticas que a sexualidade é volátil, experimentada e molecular, por percursos movediços e sinuosos que desmonta a ordem moral nas aulas de Ciências, a forma metódica e controladora de educar o corpo e a sexualidade.

Problematizei o pensamento sobre uma sexualidade em trânsito, propondo um trançado, um movimento translaçado com a Arte, com vistas a contribuir com as aulas de Ciências de maneira significativa, inventiva. A Arte é envolvente e mobilizadora, deslocando o certo, o fixo, o imóvel, tangenciando para outros olhares, convergindo, divergindo; a Arte é criação, é denuncia, é variação... Arte é sentido, sentimento e sensações que povoam a mente, a imaginação e provoca experimentações.

Os encontros com os estudantes-autores, os seus olhares, as palavras, os gestos, os risos e os silêncios revelavam a importância em Translaçar o Ensino de Ciências com outras fibras, cordas e texturas na busca de outros movimentos para fissurar o pensamento normativo referente à sexualidade, tão aprisionado pela sociedade e silenciado pela moral.

Em cada linguagem artística desenvolvida nos encontros, o translaçado de ideias e trocas indicaram caminhos sem fundo, sem bordas, sem direção exata, e sim sensações...e...e... Translaçados foram os estudantes-autor que, com a proposta, costuraram, teceram, remendaram e alinhavaram percursos

inventivos do pensamento para suas possíveis aulas de Ciências acerca do tema sexualidade.

A inquietação da tese percorreu um tear, junções de fios de pensamentos, sensações em arte com a sexualidade, o corpo por entre deslizamento da sexualidade, corpo translaçado, que desafia a identidade e as classificações fixas, produzindo uma sexualidade desreferenciada, para além do “sujeito” fixo, maquinação de “produções desejanter” abertas, percorrendo a não divisão do sujeito, expurgando rótulos, estigmas e clausuras.

Essa sexualidade desreferenciada escapa à norma, o padrão normativo da identidade e faz um salto com a forma, com as categorias e maquina um tear para si e modos de existência, outros fios, outras linhas, para além das unificações binárias de sexo, transversalizando no Ensino de Ciências uma sexualidade pelas linhas sinuosas da diferença, por teares e afetos moleculares, desmobilizando práticas rígidas e molares.

Quanto aos objetivos da tese, em tecer um translaçado da sexualidade com a arte com vistas a suscitar sensações no Ensino de Ciências; problematizar a sexualidade com a arte; tecer um novo-outro pensamento sobre sexualidade no Ensino de Ciências; e movimentar a sexualidade com a arte no Ensino de Ciências, considero que foram alcançados, possibilitando um novo-outro pensamento entre os professores de Ciências Biológicas em formação.

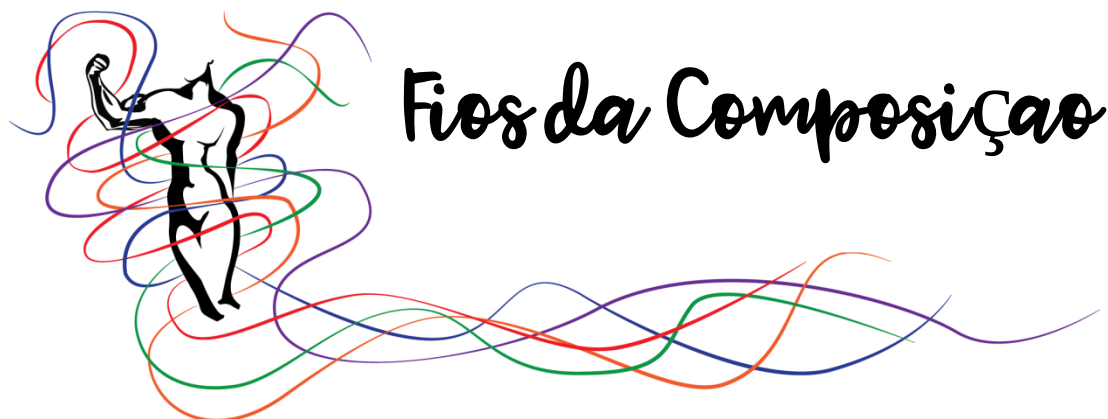
A tese TRANSLAÇAR A SEXUALIDADE COM A ARTE TECE POSSIBILIDADES DE SENSações NO ENSINO DE CIÊNCIAS, foi confirmada, pois ocorreu que é possível transversalizar o ensino sobre o tema sexualidade com a arte nas aulas de Ciências, implicando em um tear de fios, linhas, novelos e tecidos interdisciplinares, propondo um ensino significativo, contextualizado e antiautoritário, sem imposições biológicas, disciplinadoras, controladoras, vigilantes ao corpo e suas experimentações, como afirma a tese translaçada em sensações experienciadas pelos professores-em-formação para o Ensino de Ciências.

Recomendo aos atuais e futuros professores que atuam no ensino de Ciências, translaçados processos de ensinagens sobre o tema sexualidade, pois, ensinar adolescentes sobre o tema sexualidade na escola sem perceber

suas necessidades cotidianas, contextuais, vitais e desejantes é negar toda maquinaria social que estão envolvidos e vivendo. É não perceber a importância da escola, do ensino de Ciências na formação do sujeito cidadão e pensante, negar suas circularidades entre espaços, a exemplo à arte que, na escola, infelizmente, é apresentada como disciplina terciária, sem importância acadêmica e intelectual.

Sugiro a importância em tecer e costurar uma interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento e o Ensino de Ciências sobre a temática sexualidade, alertando para as novas propostas da Educação Básica brasileira, de transversalizar o ensino em completude aos conhecimentos do educando. Na tese, aponte, problematizei, teci, repuxei e colori os tecidos de enlaces para fazer-pensar um Ensino de Ciências deslocado da norma biológica, vigilante e heteronormativa à sexualidade.

Então, que saibamos viver-ensinar-aprender por entre espaços, rasgados, despedaçados, cortados e contorcidos de outros modos de vida... Inventando para si sensações inexistentes de fios e teares teimosos, furiosos e questionadores, para o enfrentamento social normatizador e silenciador. Tecer-pensar o ensino de Ciências criador em si, alinhavado pela arte por outros fios de sexualidade...



ASPIS, Renata Lima. **A lógica de Deleuze, a formação de jovens e o ensino de filosofia**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/dis/transversal/producoesdogrupo/renata/A_logica_de_Deleuze_a_formacao_de_jovens_e_o_ensino_de_filo.doc>. Acesso em: 20 dez. 2014.

AIZAWA, Priscila. Educação em Ciências: uma pesquisa para além das fronteiras da ciência. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, n. 87, jan./jun. 2012.

BORDINI, Santina Célia. O lugar da educação para a sexualidade na disciplina de ciências e sua relação com o saber científico. **Revista Contexto & Educação**, Rio Grande do Sul, n. 88, jul./dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura (MEC). **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília: SEF, 1997. v. 1.

_____. **Ciências naturais**. Brasília: SEF, 1997a. v. 4.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: SEF, 1997b. v. 10.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: SEF, 2017.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/nota-oficial>>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BRITO, Maria dos Remédios de. O devir-mulher de “Orlando” de Virginia Woolf: uma leitura por estilhaços. **Revista ALEGRAR**, São Paulo, n. 14, p. 1-13, dez. 2014.

_____.; SANTOS, Helane Súzia Silva dos. Anais Nin e suas “viagens ao estrangeiro”: misturas experimentais nos devires do corpo e da sexualidade. In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 3., 2014, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <www.gepsexualidades.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2017.

BRITTO, Apolonildo Senna. **Lendário amazônico**. Manaus: Norte Editorial, 2007.

CALCANHOTTO, Adriana. **Cantada**. Brasil: Gravadora BMG, 2002. CD- Play.

CARVALHO, Sérgio Resende; PARO, César Augusto; EICHELBERGER, Michele. Investigação, arte e performance: intercessões. In: DIAS, Suzana Oliveira; MARQUES, Davina; AMORIM, Antônio Carlos (Org.). **Conexões: Deleuze e arte e ciência e acontecimento e...** Petrópolis: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas: ALB, 2012.

CHAVES, Silvia Nogueira. **Reencantar a ciência, reinventar a docência**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

COELHO, Salomé. Por um feminismo queer: Beatriz Preciado e a pornografia como pré-textos. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 20, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087455602009000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jan. 2015.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. 17. ed. São Paulo: Editora Papirus, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

_____. **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Deleuze para as férias**. Disponível em: <http://www.filoczar.com.br/filosoficos/Deleuze/deleuze_v%C3%A1rios.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2014.

_____. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Ed.34, 2011a.

_____.; _____. _____. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997a. v. 4.

_____.; _____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 1995. V. 1.

_____.; _____. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed.34, 2011.

_____.; _____. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34. 1992.

_____.;PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 2004.

DINIS, Nilson Fernandes. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. **Sociedade e Cultura**, Goiás, v. 11, n. 2, p. 355-361, jul./dez. 2008.

ELVIS e Madona. Direção Marcelo Laffitte. Produção: Tuinho Schwartz, Marcelo Laffitte. Brasil: Pipa Filmes, 2009. DVD-Play.

ESPINOSA, Baruch. **Ética**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

FAZENDA, Ivani C. A. (Coord.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, Aurora. **Arte, escola e inclusão**: atividades para trabalhar com diferentes grupos. Petrópolis: Vozes, 2010.

FEYERABEND, Paul K. **Contra o método**. Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1999.

_____. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Tradução de Maria Tereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUD, S (1905). **Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1925. v. VII.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

GALLO, Silvio. **Deleuze & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Diferenças, multiplicidades, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAPICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **Transposições**: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Vitória: EDUFES, 2014.

GARCIA, Regina Leite. **O corpo que fala dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GIL, José. **O Imperceptível devir da imanência**. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Da Produção de Subjetividade. In: _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 11- 44.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

LINS, Daniel. **Estética como acontecimento: o corpo sem órgãos**. Apresentação de Antonio Carlos Amorim. São Paulo: Editora Lumme, 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zagar, 2010.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco J. **Autopoiesis and cognition: the organization of the living**. Boston: Reidel, 1980.

MISKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. **Revista Cult**, São Paulo, n. 193, p. 33-35, ago. 2014.

NASCIMENTO, Maria Lívia do. **Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber poder**, 2009. Disponível em: <<http://philpapers.org/archive/VALPAI.pdf>> . Acesso em: 22 dez. 2014.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **ECCE HOMO: de como a gente se torna o que a gente é**. Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2014.

OLIVEIRA, Thiago Rannieri Moreira de. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em Educação. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucey Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. In: _____.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lílina da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PRADO JR., Bento. **Presença e campo transcendental: consciência e negatividade na filosofia de Bergson**. São Paulo: Edusp, 1989.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra-sexual**. Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.

RAMOS, Maria Neide; BRITO, Maria dos Remédios. Do pensamento dogmático ao pensamento-problema: por uma aprendizagem-acontecimento. **Comunicações**, Piracicaba, n. 2 . p. 183-198, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v21n2p183-19>>. Acesso em: 14 fev. 2015.

RODRIGUES, Alexsandro; MONZELI, Gustavo; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da Silva (Org.). **A política do corpo: gêneros e sexualidade em disputa**. Vitória: EDUFES, 2016.

ROMAGUERA, A.; AMORIM, A. C. R. Vidas e(m) escape. **Réu**, Sorocaba, v.37, n.2, p.203-217, dez. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/index.php/reu/article/view/653>>. Acesso em: 01 dez. 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Loro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SCARPATO, Marta (Org.). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010a.

_____. **Ciências e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010b.

SCHÉRER, René. Deleuze e a questão homossexual- uma via não platônica da verdade. **Revista Lugar Comum**-Estudos de mídia, cultura e democracia, Rio de Janeiro, p. 135-164, jan./ abr. 1999.

_____. **La pedagogia perversa**. Barcelona: LAERTES, 1974.

SCÖPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. São Paulo: Edusp, 2004.

SEIXAS, Raul. **A maçã (letra e música)**, 1975. Disponível em:<<http://letras.mus.br/raul-seixas/48293/>>. Acesso em: 18 jan. 2015.

SIRQUEIRA, Antonio Juraci. **O chapéu do boto: literatura de cordel**. 5. ed. Belém, 2007. (mimeo).

SOUZA, Marcelo Valente de; BRITO, Maria dos Remédios de; SANTOS, Helane Súzia Silva dos. Corpo e Sexualidades Masculinas em Devir. In: III SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE SEXUAL E DIREITOS HUMANOS, 3., 2014, Vitória. **Anais...** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: <www.gepsexualidades.com.br>. Acesso em: 29 abr. 2017.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. v. III:

UEXKÜLL, Jakob Von. A teoria da Umwelt de Jakob von Uexküll. **Galáxia**, São Paulo, n. 7, p. 19-48, abr. 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1369/852>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

VASCONCELLOS, Maria da Penha C. (Coord.). **Memórias da saúde pública: a fotografia como testemunha**. São Paulo: Hucitec Abrasco, 1995.

WOLF, Virginia. **Orlando: uma biografia**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.